

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA JÚLIO DE MESQUITA FILHO -
CAMPUS DE BAURU/SP
FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO**

TEMPO QUENTE: PRODUÇÃO E RECEPÇÃO DA VIOLÊNCIA

CÉLIA REGINA POLESEL

**Bauru/SP
Agosto/2008**

Célia Regina Polesel

TEMPO QUENTE: PRODUÇÃO E RECEPÇÃO DA VIOLÊNCIA

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação, da área de concentração em Comunicação Midiática, da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação de Bauru, como requisito à obtenção do título de Mestre em Comunicação.

Orientador: Prof. Dr. Cláudio Bertolli Filho.

Bauru/SP
Agosto/2008

Célia Regina Polesel

TEMPO QUENTE: PRODUÇÃO E RECEPÇÃO DA VIOLÊNCIA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, da Universidade Estadual Paulista, Campus de Bauru, para a obtenção do título de Mestre em Comunicação.

Banca Examinadora:

Presidente: Prof. Dr. Cláudio Bertolli Filho

Instituição: Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, da Universidade Estadual Paulista, campus de Bauru.

Titular: Prof. Dr. Maximiliano Martin Vicente

Instituição: Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, da Universidade Estadual Paulista, campus de Bauru.

Titular: Prof. Dra. Luzia Yamashita Deliberador

Instituição: Universidade Estadual de Londrina, Londrina.

Bauru/SP

Agosto/2008

*Aos meus dois maiores amores Vinicius Polesel
Silva e Carlos Eduardo Morais Cavallari
pela paciência, compreensão, apoio, amor
e ajuda durante esse período e sempre.
Vocês são as alegrias da minha vida.*

AGRADECIMENTOS

Ao professor Cláudio Bertolli Filho pelas preciosas orientações e pelas boas conversas.

Aos meus pais, porque se cheguei até aqui foi pelo muito que me ensinaram ao longo da vida.

Aos amigos que compreenderam que a hora era de recolhimento e estudos e perdoaram as repetidas ausências em todas as festas e confraternizações.

Aos produtores do programa Tempo Quente, à direção da TV Tarobá e ao apresentador Carlos Camargo pela disposição em participar da pesquisa. Sem a colaboração deles esse não trabalho não se realizaria.

Aos integrantes da família participante por compartilharem seu dia-a-dia, suas percepções, opiniões e pensamentos. Sem eles esse trabalho não estaria completo.

Ao jornal Folha de Londrina, especialmente a Phoenix Finardi, Rodrigo Neppel, Oswaldo Petrin e Giovana Kindlein.

Aos diretores e coordenadores da Faculdade Maringá, especialmente a secretária Lina Kuawano.

LISTA DE FIGURAS

- Figura 1** - Carlos Camargo, apresentador do programa Tempo Quente..... 55
- Figura 2** - Jardim Nossa Senhora da Paz com a Fiação de Seda Bratac em primeiro plano. 100
- Figura 3** - Operação policial em uma das ruas do Jardim Nossa Senhora da Paz, revistando, inclusive, crianças..... 105
- Figura 4** - As mortes violentas fazem parte do cotidiano dos moradores. 108

RESUMO

Estuda-se a produção e recepção do programa policial de televisão Tempo Quente exibido na TV Tarobá de Londrina, retransmissora da Rede Band. Mostra-se como são produzidas as reportagens e como são construídas as representações dos acusados feitas no programa. Apresenta-se um auto-retrato do apresentador Carlos Camargo e suas idéias sobre o seu papel e também do seu programa. Mostra-se como é a recepção do programa feita por uma família moradora da periferia de Londrina. Para análise da produção do programa utilizou-se a análise de conteúdo. Para compreender a recepção optou-se pelo modelo multimetodológico desenvolvido pelas pesquisadoras Maria Immacolata Vassallo de Lopes, Silvia Helena Borelli e Vera da Rocha Resende.

Palavras-chave: Produção; recepção; televisão; violência

SUMMARY

The study of the production and reception of the police TV program called Tempo Quente (Hot Time), which is exhibited at TV Taroba de Londrina, an affiliated of Band Network.

It shows how the reports are produced and how the representations of the accused are made in the program. It presents a self-made portrait of the anchorman Carlos Camargo and his ideas about his influence and also about his program. It shows how a family, living in the outskirts of Londrina, receives the program. To analyse the production of the program it was used an analysis of its content. To understand the reception, the option made was the multimethodological method developed by the researchers Maria Immacolata Vassallo de Lopes, Silvia Helena Borelli e Vera da Rocha Resende.

Keywords: production; reception; TV; violence

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS	5	
RESUMO	6	
SUMMARY	7	
1	INTRODUÇÃO	7
2	ESTUDOS DE RECEPÇÃO: ASPECTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS	9
2.1	Uma Metodologia das Mediações.....	22
2.2	Metodologia do Trabalho de Campo	27
2.2.1	Observação Etnográfica	29
2.2.2	Entrevista	32
2.2.3	Metodologia de Análise das Mediações	34
2.2.3.1	Mediação cotidiano familiar	34
2.2.3.2	Mediação: subjetividade	35
2.2.3.3	Mediação gênero jornalístico.....	36
2.2.3.4	Mediação Videotécnica.....	37
3	VIOLÊNCIA NO BRASIL E VIOLÊNCIA NA TELEVISÃO.....	39
3.1	Violência e Televisão.....	49
4	CARLOS CAMARGO: UM AUTO-RETRATO	55
5	O PROGRAMA TEMPO QUENTE	75
5.1	Análise do Programa.....	86
6	A RECEPÇÃO E SEUS PERSONAGENS.....	98
6.1	O cenário.....	98
6.2	Os personagens	108
7	AS MEDIAÇÕES NA RECEPÇÃO DE TEMPO QUENTE.....	112
7.1	O Cotidiano Familiar: Consumo dos Meios	112
7.2	A Subjetividade.....	115
7.3	Mediação Gênero Jornalístico.....	122
7.4	Mediação Videotécnica.....	124
8	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	129

REFERÊNCIAS	132
ANEXO	137
ANEXO A - DECUPAGEM DO PROGRAMA TEMPO QUENTE - EDIÇÕES EXIBIDAS EM 20 DE DEZEMBRO DE 2007	137

1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa nasceu das inquietações e curiosidade do pesquisador em relação à audiência do programa policial Tempo Quente, apresentado por Carlos Camargo e exibido pela TV Tarobá, retransmissora da Rede Bandeirantes, em Londrina - PR. Buscando entender o fenômeno a partir dos estudos de recepção, fez-se um acompanhamento do programa para compreender o modo como são produzidas e veiculadas as notícias policiais transmitidas pelo programa. Em um segundo momento, realizou-se o acompanhamento da recepção desses programas por uma família de um bairro da cidade de Londrina - PR.

Optou-se por um bairro marcado pela violência e que, eventualmente, aparece no programa como local de ocorrência de crimes e de origem de criminosos. Apesar de apresentado dessa forma, o programa tem grande audiência no local e o apresentador Carlos Camargo possui grande credibilidade e prestígio entre os moradores.

Na pesquisa para o trabalho, procura-se verificar como se dá a representação dos cidadãos acusados de crime e que moram na periferia da cidade de Londrina pelo programa Tempo Quente e como os moradores da periferia se vêem e como vêem as representações feitas no programa.

Acredita-se que os moradores da periferia fazem a mediação das representações que recebem a partir da troca de informações entre si e pela análise da realidade por eles vivida. As representações dos acusados feitas no programa são produto de uma visão pré-concebida da classe à qual pertence o apresentador sobre quem comete crimes.

O objetivo geral do trabalho é investigar como moradores da periferia recebem e decodificam as representações feitas no programa Tempo Quente. Os objetivos específicos são: verificar como são construídas as representações feitas nesse programa e investigar como são representados os acusados dos crimes.

O capítulo dois traz um breve relato da história do início dos estudos de recepção, a teoria e a metodologia utilizadas para a pesquisa sobre a produção e recepção do programa Tempo Quente, um programa policial regional transmitido pelo TV Tarobá, retransmissora da Rede Bandeirantes de Televisão, na região de Londrina, norte do Paraná. Procurou-se fazer

um recorte dos aspectos mais importantes dos estudos teóricos de recepção, considerando os objetivos estabelecidos para esta pesquisa.

O capítulo três apresenta um panorama da questão da violência no Brasil e como esta violência é retratada pela televisão. Os dados são de 2003 e foram obtidos em *sites* oficiais do governo federal, que não possuem informações mais atualizadas. Apesar de serem dados de há cinco, a situação pouco mudou. Buscou-se, também, mostrar como a violência está presente no dia-a-dia dos moradores do Jardim Nossa Senhora da Paz, bairro em que mora a família participante do presente estudo.

No capítulo quatro relatar-se-á um pouco da história profissional e pessoal do apresentador do programa Tempo Quente, Carlos Camargo, a partir do retrato que ele faz de si mesmo. A história de sua vida profissional mostra-se importante para compreender a forma como é construído seu programa. Optou-se por analisar a fala do apresentador juntamente com o seu relato, em vez de análise em capítulo à parte.

Um breve histórico do surgimento do programa Tempo Quente e uma análise de um dos programas veiculados durante a realização da pesquisa são desenvolvidos no capítulo cinco. É importante ressaltar que se fez a análise de um programa, mas que vários outros foram acompanhados, observando-se os temas recorrentes. Porém, como este é um trabalho de análise qualitativa, não foram realizados levantamentos estatísticos.

No sexto capítulo, apresenta-se o retrato de um bairro da cidade de Londrina e dos seus moradores, enfatizando a família que participou da pesquisa. Também será mostrado um pouco da história da cidade.

No capítulo sete apresenta-se uma análise da recepção do programa feita pela família participante, considerando-se as mediações propostas, ou seja: cotidiano familiar; subjetividade, gênero jornalístico e videotécnica. Realiza-se também a comparação da construção da imagem do acusado feita pelo apresentador com a leitura e reconstrução dessa imagem pela família.

As considerações e análises finais são apresentadas no capítulo oito. Nele faz-se um apanhado das questões propostas, pois as análises mais específicas já foram realizadas nos capítulos relativos ao apresentador, ao programa e à recepção.

2 ESTUDOS DE RECEPÇÃO: ASPECTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS

Este capítulo traz um relato da história do início dos estudos de recepção, a teoria e a metodologia utilizadas para a pesquisa sobre a produção e recepção do programa Tempo Quente, um programa policial regional transmitido pela TV Tarobá, retransmissora da Rede Bandeirantes de Televisão, na região de Londrina, norte do Paraná. Procurou-se fazer um recorte dos aspectos mais importantes dos estudos de recepção, considerando os objetivos estabelecidos para esta pesquisa.

Um dos marcos dos estudos de recepção são os estudos culturais que têm início na Inglaterra na década de 1960, pela fundação do *Centre of Contemporary Cultural Studies* (CCCS), na Universidade de Birmingham, centro de estudos em nível de doutorado sobre as formas, práticas e instituições culturais e suas relações com a sociedade e sua transformação social. Segundo Ana Carolina Escosteguy (2005), as principais observações do CCCS se dão pela análise das relações entre a cultura contemporânea e a sociedade, ou seja, suas formas culturais, instituições e práticas culturais, e, também, suas relações com a sociedade e as mudanças sociais. Essas análises é que vão compor o eixo principal de observação e estudos do Centro.

A idéia fundadora do Centro está em três textos do final de 1950, considerados fontes dos Estudos Culturais: *The Uses of Literacy* (1957) de Richard Hoggart; *Culture and Society* (1958), de Raymond Williams; *The Making of the English Working-class* (1963), de Edward Palmer Thompson. Segundo Escosteguy citado por Hohlfedt, Martino e França (2001, p. 152):

O primeiro é em parte autobiográfico e em parte história cultural do meio do século XX. O segundo constrói um histórico conceito de cultura, culminando com idéia de que a 'cultura comum ou ordinária' pode ser vista como um modo de vida em condições de igualdade de existência com o mundo das artes, literatura e música. E o terceiro reconstrói uma parte da história da sociedade inglesa de um ponto de vista particular – a história dos 'de baixo'

Hoggart pesquisa os materiais culturais da cultura popular e dos veículos de comunicação de massa, antes desprezados pela metodologia quantitativa, mostrando que no meio popular não há apenas submissão, mas também resistência. Williams demonstra que cultura é uma categoria-chave que liga a análise literária com a investigação social.

Thompson, por sua vez, influencia o desenvolvimento da história social britânica dentro da tradição marxista .

Para Williams e Thompson, “a cultura era uma rede vivida de práticas e relações que constituíam a vida cotidiana, dentro da qual o papel do indivíduo estava em primeiro plano” (ESCOSTEGUY citado por HOHLFEDT; MARTINO, FRANÇA, 2001, p. 153). Hoggart, Williams e Thompson afirmam que, pela análise da cultura de uma sociedade, é possível reconstituir o comportamento padronizado e as idéias compartilhadas pelos homens e mulheres que produzem e consomem a cultura daquela sociedade.

Stuart Hall é considerado um dos importantes fomentadores dos estudos de recepção. Embora não seja citado como membro fundador, ao substituir Richard Hoggart na direção do CCCS, de 1968 a 1979, incentivou o desenvolvimento de pesquisas sobre as práticas de resistência das consideradas subculturas e de análise dos meios de comunicação de massa, além de exercer importante papel em momentos de tensões teóricas e proporcionar debates teórico-políticos que resultaram em vários projetos coletivos.

Mesmo sem que tenha havido uma ação coordenada entre Hoggart, Williams e Thompson, eles demonstram uma série de preocupações em comum que abrangem as relações entre cultura, história e sociedade. Embora existam divergências em suas posições, é mais importante destacar os pontos de vista compartilhados para a constituição dos estudos culturais. Escosteguy e Jacks (2005) citam Storey (1997) para explicar o que une os fundadores dos Estudos Culturais:

O que os une é uma abordagem que insiste em afirmar que através da análise da cultura de uma sociedade – as formas textuais e as práticas documentadas de uma cultura – é possível reconstituir o comportamento padronizado e as constelações de idéias compartilhadas pelos homens e mulheres que produzem e consomem os textos e as práticas culturais daquela sociedade. É uma perspectiva que enfatiza a ‘atividade humana’, a produção ativa da cultura, ao invés de seu consumo passivo (STOREY, 1997, p. 46, citado por ESCOSTEGUY, citado por HOHLFEDT; MARTINO; FRANÇA, 2001, p. 155).

O que gera a singularidade dos Estudos Culturais é uma concepção diferenciada de cultura e seu olhar sobre a dimensão cultural contemporânea. Escosteguy e Jacks (2005) para dizer que o grupo amplia o conceito de cultura. Eles afirmam que a cultura não é uma entidade monolítica ou homogênea, mas que se manifesta de maneira diferenciada em qualquer formação ou época histórica. A cultura não significa simplesmente sabedoria recebida ou experiência passiva, mas um grande número de intervenções ativas que podem tanto mudar a história quanto transmitir o passado. Por acentuar a natureza diferenciada da cultura, a perspectiva dos estudos culturais pode relacionar a produção, distribuição e

recepção culturais a práticas econômicas que estão, por sua vez, intimamente relacionadas à constituição do sentido cultural.

Pode-se dizer que os pilares que constituem os Estudos Culturais são:

[...] a identificação explícita das culturas vividas com um projeto distinto de estudo, o reconhecimento da autonomia e complexidade das formas simbólicas em si mesmas; a crença de que as classes populares possuíam suas próprias formas culturais, dignas de nome, recusando todas as denúncias, por parte da chamada alta cultura, do barbarismo das camadas sociais mais baixas; e a insistência em que o estudo da cultura não poderia ser confinado a uma disciplina única, mas era necessariamente inter, ou mesmo antidisciplinar (SCHARZ, 1994, p. 380, citado por ESCOSTEGUY, citado por HOHLFEDT; MARTINO; FRANÇA, 2001, p. 157-158).

É preciso compreender que as peculiaridades do contexto histórico britânico marcaram o surgimento dos Estudos Culturais. Os Estudos Culturais sempre pretenderam dizer que a cultura deve ser analisada dentro das realidades sociais existentes a partir das quais se manifestam. De acordo com Escosteguy citado por Hohlfedt, Martino e França (2001, p. 158-159), eles “resultam da insatisfação com os limites de algumas disciplinas, propondo então a inter/trans ou, ainda para alguns, a antidisciplinaridade”. Os Estudos Culturais configuram uma área em que diferentes disciplinas atuam juntas no estudo dos diversos aspectos culturais de uma sociedade.

No Brasil, como em outros países, houve formas de estudos culturais mesmo antes de a disciplina se transformar em produto de exportação britânico. Porém, de acordo com Maria Elisa Cevasco (2003, p. 173), a “data oficial de seu reconhecimento institucional no país pode ser 1998, ano em que a Associação Brasileira de Literatura Comparada (ABRALIC), que reúne professores e pesquisadores da área, escolheu para seu congresso bianual o tema ‘Literatura Comparada = Estudos Culturais?’” Segundo a autora, os estudos culturais interessam como uma abordagem multidisciplinar e diversificada. Para ela,

[...] a linha d’água que diferencia os estudos culturais é seu projeto político, seu impulso claro de fazer ligações com a realidade social e diferença na prática cultural. Os modos como se definem essa política são diversos e infletidos por seu momento histórico (CEVASCO, 2003, p. 174).

O congresso realizado pela ABRALIC em 1998, que reuniu pensadores brasileiros, latino-americanos e anglo-saxões, dava uma pista de por onde os estudos culturais iriam ser implantados no país. A intenção era que o Brasil se juntasse às conversações teóricas que ocorriam em diversos lugares do mundo, adicionando a elas as peculiaridades latino-americanas, unindo-se “ao coro pluralista que procura mapear um lugar de onde se possa falar em cultura em um mundo globalizado” (CEVASCO, 2003, p. 175).

Ainda de acordo com a autora, outra maneira de se verificar os estudos culturais no país é através de pontos comuns entre a crítica cultural brasileira e os parâmetros dos estudos culturais, tais como se formaram na Inglaterra. Ela explica que não é olhar como os países periféricos imitam ou mesmo rejeitam as idéias de um país central, mas pensar em como eles se relacionam, mesmo que essa seja uma relação desigual.

De acordo com Cevalco (2003, p. 175-176):

A questão é pensar o espaço nacional com um espaço de travejamento sociológico diferente, diverso do dos países centrais, mas não alheio. Trata-se de um espaço diverso porque resultado de processos históricos diferentes.

[...] Assim é possível pensar a formação dos estudos culturais britânicos em relação 'diversa, mas, não alheia' com um projeto de crítica cultural brasileira, e a partir daí pensar uma construção de estudos culturais no Brasil.

No início dos anos 1970, os estudos culturais pretendiam responder aos questionamentos sobre a formação de um sistema de valores e de um universo de sentido, sobre o problema da autonomia e, ainda, sobre como essas relações e valores contribuem para a formação de uma identidade coletiva e como se articulam a resistência e a subordinação das classes populares. De acordo com Escosteguy (2005), na área da comunicação o foco estava na análise da estrutura ideológica, principalmente, da cobertura jornalística. Também nessa época a temática da recepção começa a chamar a atenção dos pesquisadores do CCCS.

Depois de um período de preocupação com análises textuais dos meios massivos, tais estudos de audiência começaram a ser desenvolvidos como uma tentativa de verificar empiricamente tanto as diversas leituras ideológicas construídas pelos próprios pesquisadores quanto às posições assumidas pelo receptor. Porém, é na segunda metade dos anos 1980 e já não mais circunscrito às investigações do CCCS, que se nota uma clara mudança de interesse do que está acontecendo na tela para o que está na frente dela, ou seja, do texto para a audiência (ESCOSTEGUY, citado por HOHLFEDT; MARTINO; FRANÇA, 2001, p. 161-162).

Na América Latina despontam propostas que avançam na compreensão da relação entre cultura e comunicação. Os maiores expoentes dessa vertente são Guillermo Orozco Gómez e Jesús Martín-Barbero, que trabalham com os estudos culturais.

Nos estudos desses pesquisadores, a cultura não é vista como algo homogêneo e imutável. Ao contrário, verifica-se que ela se manifesta de formas diferentes, variando de acordo com a sociedade e o momento histórico. Portanto, ela se modifica. A partir dos anos 1980 há o que se pode chamar de uma virada nos estudos culturais, que se ocupavam até então basicamente das subculturas, das questões de gênero, de raça e etnia e, também, dos meios de comunicação. "O foco central passa a ser a reflexão sobre as novas condições de constituição das identidades sociais e sua recomposição numa época em que as solidariedades

tradicionais estão debilitadas” (ESCOSTEGUY, citado por HOHLFEDT; MARTINO; FRANÇA, 2001, p. 164).

Alguns autores consideram o estudo de recepção com uma coisa de “moda”. Para Orozco Gómez (1993) trata-se de assunto de “modo”, “de como se acercar para entender o processo de comunicação”. Para este autor, “Agora tratamos de entender este processo não tanto por definições políticas, econômicas nem pelos meios de comunicação, mas pelas definições culturais e históricas dos receptores” (OROZCO GÓMEZ, 1993, p. 32). Para Escosteguy e Jacks (2005), nos estudos culturais a pesquisa de comunicação se dá no espaço de um circuito composto pela produção, circulação e consumo da cultura midiática.

A sociedade contemporânea é, essencialmente, midiática. Isto se explica pelo reconhecimento que hoje as pessoas não exercem mais sua sociabilidade sem a interferência dos meios, não só pela presença de suas dimensões tecnológicas, mas pela dimensão social que exercem. Os meios têm seu lugar na qualificação do tecido social e por isso é importante que cada vez mais se estudem e se descubram as linguagens e processos em que eles se situam no tempo e no espaço de relações sociais concretas. De acordo com Luís Carlos Lopes (2004, p. 128):

A TV brasileira invadiu o edifício simbólico da(s) cultura(s) do Brasil. Está presente no modo como imaginamos, no que somos, queremos, amamos, detestamos e para onde vamos. Apropriou-se de nosso passado, presente e futuro. Sua programação tornou-se referencial obrigatório, cotidiano que convalida nossas crenças e dialoga com nossas certezas e dúvidas. As representações das coisas do mundo, que nela se podem ver diariamente, confundem-se com as representações externadas e interiorizadas que podem perceber em uma simples investigação ou observação participativa das relações sociais.

As grandes redes reproduzem seus programas por todo o país, assim como as repetidoras e associadas locais encaixam seus parques programas regionais, os quais tendem, com algumas exceções, a caricaturar a programação feita para as redes nacionais, preparando e aproximando o público para o que virá das matrizes. No telejornalismo, por exemplo, isto é bem claro. Os jornais funcionam como antepasto das versões em rede nacional. Mesmo nos programas especificamente regionais, busca-se seguir um certo padrão de ‘qualidade’ fiel ao menu principal.

É nesse contexto que se situam os estudos contemporâneos sobre recepção. Aí reside, também, uma das críticas aos estudos culturais, na medida em que o objeto central da sua pesquisa passou a ser uma análise mais centrada nas culturas de determinadas comunidades, perdendo-se de vista o conteúdo dos meios. Além disso, muitos estudos trabalham as respostas das audiências como se fossem unânimes e não contraditórias. De acordo com Ana Carolina Escosteguy e Nilda Jacks (2005), não se encontram pesquisas que problematizem as respostas das audiências como algo que, talvez, não possa ser apresentado de forma tão clara e coerente. Para elas, parece que não são exploradas as inconsistências e as contradições dos

receptores, havendo uma acentuação na coerência das respostas da audiência em relação aos seus atos, crítica já apontada nos estudos de outras correntes do campo acadêmico internacional.

Não se pode ser ingênuo de acreditar que as mediações são a solução para as mensagens transmitidas pela mídia, que compreendendo como elas são produzidas tem-se total controle sobre seus efeitos. Para Muniz Sodré (2002), o conceito de mediação não consegue ultrapassar a sua enorme imprecisão cognitiva.

O apelo à multiplicidade das mediações não parece resolver o problema do conhecimento. A mediação termina comparecendo como uma espécie de convocação moral, ou seja, apenas moral e não política das instâncias da política, formação etnocultural, gêneros, contexto, comunidade e movimentos sociais, com vistas a reanimar o sujeito da ação, visivelmente rebaixado pela ordem contemporânea dos objetos e do bios midiático (SODRÉ, 2002, p. 250).

Para o autor, não se pode pensar na reapropriação pura e simples dos produtos culturais sem considerar a hegemonia econômica dos oligopólios que dominam a mídia hoje. Escosteguy e Jacks (2005, p. 108), porém, defendem que “a reflexão barberiana (Jesús Martín-Barbero) propõe um arcabouço para pensar a comunicação como um todo e não só a recepção, associando-se a uma tradição teórica crítico-cultural”.

Jesús Martín-Barbero, um dos pioneiros desse repensar a comunicação a partir de práticas culturais, faz três proposições que sustentam o modo de olhar a comunicação dos que trabalham a recepção: primeiro, a comunicação é questão de culturas e não só de ideologias; segundo, a comunicação é questão de sujeitos, atores e não só de aparatos e estruturas; terceiro, a comunicação é questão de produção e não só de reprodução.

Defendendo a idéia de Martín-Barbero, Escosteguy e Jacks (2005) afirmam que as teorias sobre a recepção podem ser entendidas como um lugar de onde se pode analisar o processo inteiro da comunicação. “Para os estudos culturais, portanto, a pesquisa de comunicação não é a que focaliza estritamente os meios, mas a que se dá no espaço de um circuito composto pela produção, circulação e consumo da cultura midiática” (ESCOSTEGUY; JACKS, 2005, p. 39).

Outra crítica que se faz aos estudos culturais é que, ao focar como objeto da pesquisa a análise da cultura de determinadas comunidades, perdeu-se de vista o conteúdo dos meios. O ponto de partida para o deslocamento do foco do texto para a audiência é o modelo analítico criado por Stuart Hall, publicado em 1973.

O ensaio “Codificação/Decodificação” trata o processo de comunicação televisiva segundo quatro momentos distintos: produção, circulação, distribuição/consumo e reprodução. Cada etapa possui suas próprias formas e condições de existência, mas estão articuladas entre si e determinadas por relações de poderes institucionais. No

que tange especificamente à codificação (um dos momentos da produção), tema em consideração tanto a imagem que o meio faz do receptor, quanto os códigos profissionais dos produtores. Quanto à decodificação (o momento do consumo/recepção), a análise proposta por Hall contempla três estratégias básicas de leitura/recepção: dominante, quando o sentido da mensagem é decodificado segundo as referências de sua construção; oposicional, quando o receptor entende a proposta dominante da mensagem, mas a interpreta seguindo uma estrutura de referência alternativa, isto é, uma outra visão de mundo; negociada, quando o sentido da mensagem entra “em negociação” com as condições particulares dos receptores, compondo-se um misto de lógicas contraditórias que contém tanto os valores dominantes quanto os argumentos de refutação (ESCOSTEGUY; JACKS, 2005, p. 40).

Os estudos de recepção na América Latina começam a surgir na década de 1980, em torno de um forte movimento teórico-crítico que buscava fazer uma reflexão alternativa sobre a comunicação e a cultura de massa por meio de uma perspectiva gramsciana, em oposição às análises funcionalistas, semióticas e frankfurtianas que dominavam os estudos de comunicação na época. É dentro da temática das culturas populares que surge uma teoria complexa e multifacetada da recepção, ela tem como eixo de reflexão o deslocamento dos “meios às mediações” (MARTÍN-BARBERO, 2001) e os processos de “hibridização cultural” (CANCLINI, 2005). De acordo com Maria Immacolatta Vassallo de Lopes, Silvia Helena Simões Borelli e Vera da Rocha Resende (2002, p. 30-31),

O traço central e comum a todos esses projetos (executados na América Latina a partir de Martín-Barbero e García Canclini) é uma importante experimentação metodológica, através da qual tenta-se avançar nos procedimentos propriamente técnicos da investigação empírica, no sentido de torná-los mais compatíveis com a complexidade da teoria das mediações. Outra característica geral é o desenho globalizador do processo de investigação, envolvendo a estrutura e a dinâmica da produção das mensagens, os usos e apropriações desses textos, e a composição textual.

Segundo as autoras, no Brasil não há experiências em projetos de desenho globalizador e multidisciplinar para se construir um modelo de estudo de recepção. Uma das primeiras tentativas foi a pesquisa de recepção de telenovela realizada por elas em 2002 e que resultou na publicação do livro *Vivendo com a Telenovela – Mediações, Recepção, Teleficcionalidade*. De acordo com elas:

[...] os processos de recepção devem ser vistos como parte integrante das práticas culturais que articulam processos tanto subjetivos como objetivos, tanto micro (ambiente imediato controlado pelo sujeito), como macro (estrutura social que escapa a esse controle). A recepção é, então, um contexto complexo, multidimensional, em que as pessoas vivem o seu cotidiano. Ao mesmo tempo, ao viverem esse cotidiano inscrevem-se em relações de poder estruturais e históricas, as quais extrapolam suas práticas cotidianas. Este é o conjunto de pressupostos teóricos que informam uma *teoria compreensiva* dos estudos de recepção. E essa é, a nosso ver, a contribuição distintiva da teoria latino-americana das mediações. A produção e a reprodução social do sentido envolvidas nos processos culturais não são apenas uma questão de significação, mas também, e principalmente, uma questão de poder (LOPES; BORELLI; RESENDE, 2002, p. 32).

A abordagem das mediações se mostra e se confirma como renovadora a partir de uma visão reintegradora dos fenômenos da comunicação pelo binômio comunicação-cultura proposto por Martín-Barbero, que propõe uma perspectiva que pretende integrar todos os âmbitos da comunicação: produção, produto e recepção.

Com esta nova perspectiva, desloca-se o olhar para o campo das práticas sociais no qual está inserido o receptor e a cultura faz parte da construção dessas práticas. Para Clifford Geertz (1978, p. 15), a cultura são teias de significados e sua análise. O autor afirma ver a cultura como uma ciência interpretativa à procura de significado. Para Mauro Wilton de Sousa (2002), entender cultura como o espaço das práticas sociais é entender essas práticas como o espaço em que as relações sociais adquirem sentido. Isso implica entender cultura como o campo das significações sociais, conceito que supera as dimensões anteriores que restringiam cultura a valores, normas e costumes ou ao mundo das atividades simbólicas. Segundo o autor, em comunicação, isso implica uma recepção não mais entre emissor-receptor, mas uma relação triádica na qual está também o mundo das significações. Elas são mediações no processo de significações e, portanto, estão no interior das práticas comunicacionais.

Para Lopes, Borelli e Resende (2002, p. 35):

O espaço da cultura vem se convertendo nos últimos anos em lugar fundamental de questionamento dos sentidos implicados no processo de modernização das sociedades. Na América Latina, e especialmente no Brasil, a televisão tem se mostrado um meio estratégico de modernização, cuja lógica empresarial se articula através de formas variadas de integração e de conflito com as demais lógicas sociais, e de onde resultam processos culturais e comunicativos marcados pela “hibridização”.

De acordo com as autoras, ainda são poucos os estudos na área da comunicação que se propuseram a estudar o desafio trazido pela televisão: “[...] compreender como nela são colocados em funcionamento dispositivos tecnológicos de ponta com discursos e gêneros tanto modernos como anacrônicos, permitindo a combinação de hegemonia com demandas sociais diversas, de imposição com negociação” (LOPES; BORELLI; RESENDE, 2002, p. 35).

Na presente pesquisa propõe-se o estudo de um programa de televisão regional de grande sucesso popular – programa policial – para investigar, a partir da recepção, como se dão as articulações entre produção e consumo e como se constituem as identidades a partir desse produto. Nessa perspectiva, acredita-se que os moradores da periferia da cidade de Londrina fazem a mediação das representações que recebem a partir da troca de informações entre si e da análise da realidade por eles vivida. E que as representações dos acusados feitas

no programa são produto de uma visão pré-concebida do grupo ao qual o apresentador pertence sobre quem comete crimes.

Acredita-se que para a compreensão das mensagens do programa tem que haver um pacto de recepção entre produção e recepção, no sentido de construção da competência cultural de leitura desse gênero de programa pelo receptor. É preciso que haja também um repertório compartilhado, o que não significa consenso de sentido, mas uma luta pela interpretação mais legítima do sentido. Supõe-se também que o programa cumpra uma função de agenda *setting*, uma vez que os sujeitos compartilham experiências públicas e privadas a partir da leitura do programa.

Mas é preciso lembrar que, na América Latina, os estudos de recepção que sustentam as práticas culturais se dão no contexto da diversidade cultural e, mais que isso, da desigualdade social. Nessas sociedades não há cultura, mas sim culturas. Desta forma, o mundo das práticas culturais está associado a um mundo de significações diretamente ligado ao das desigualdades sociais.

Diante da realidade vivenciada e do acesso ao rádio e à televisão, que é muito grande em todas as camadas da população, é importante que se verifique qual o papel dos programas sensacionalistas entre a produção de sentido e leitura que a população faz da violência e de seu próprio cotidiano. Nessa perspectiva se justifica a utilização dos estudos de recepção que, segundo Cinara Augusto (2000, p. 162), têm a preocupação de pesquisar “as verdades” das massas expostas à comunicação, suas multiplicidades, e não uma “verdade”, útil apenas para se exercer uma forma de pensar sobre a sociedade.

Para Orozco Gómez (1993) não se pode pensar que a “televisão é uma caixa idiota”. Ela atrai muito e a todos. É preciso pesar os elementos positivos e negativos que a televisão oferece e atuar a partir deles, por exemplo, buscando formas de tornar as pessoas mais autônomas e críticas em relação a todas as mensagens negativas dos meios e, ao mesmo tempo, capazes de desfrutar e aproveitar os elementos positivos.

Outro fator importante a ser considerado, para o estudo da recepção é que a absorção das mensagens televisivas não se dá imediatamente, as pessoas discutem com outras os programas e conteúdos expostos pela mídia e, somente após um determinado espaço de tempo, é que se completa a leitura da mensagem. Por isso, os estudos de recepção devem considerar também com quem e onde os telespectadores discutem os programas.

Pode-se perceber que os telespectadores do programa Tempo Quente, participantes do presente estudo, discutem as informações na família, no trabalho, na escola e também com algumas pessoas do bairro. Um dos aspectos que chama a atenção de quem assiste ao

programa é que a publicidade é feita dentro do programa, entre as entrevistas, podendo-se perceber, assim, a transformação da informação jornalística em mercadoria.

Segundo a psicóloga Maria Rita Khel, “Na sociedade do espetáculo toda imagem, mesmo a imagem jornalística, mesmo a informação mais essencial para a sociedade, tem o caráter de mercadoria, e todo acontecimento se reduz à dimensão do aparecimento”(BUCCI; KHEL 2004, p. 156). Jesús Martín-Barbero (2001) afirma que desde a literatura de cordel os relatos de crimes atraem o público, podendo o cordel ser considerado a base do que seria mais tarde o jornalismo popular. Os relatos sobre os crimes “depõem também sobre a obsessão popular pelos crimes. Em alguns deles o importante, o captado, é a brutalidade pura e sua força catártica” (MARTÍN-BARBERO, 2001, p. 162).

No jornalismo, a notícia é retirada de seu contexto, da complexidade de suas circunstâncias, passando por um processo de redução de conteúdo, por isso a notícia é um discurso, ou seja, uma construção do narrador. O noticiário nega ao leitor ferramentas importantes para a compreensão dos fatos e, no caso do produto sensacionalista, chega a distorcer a informação, com o objetivo de torná-la mais “quente” e atraente. É o que acontece no programa estudado, o apresentador descontextualiza os fatos, transforma suspeitos em criminosos e acredita trabalhar com ética e sem sensacionalismo. O programa Tempo Quente é apresentado por Carlos Camargo, tem uma hora e meia de duração e trata basicamente do mundo policial. A chamada para o programa já faz suspeitar qual o “lado” defendido pelo programa: “Em um fato existem sempre três versões: a da vítima, a do bandido e a verdadeira”.

A produção do programa é feita por quatro pessoas. Nenhuma é formada na área de comunicação. Camargo acredita que, apesar de não ser jornalista, trabalha com ética e profissionalismo.

Carlos Camargo: “Eu sou jornalista não por escola, eu sou jornalista por vocação. Eu tenho o que não é todo mundo que tem: a voz. Uma voz que Deus me deu. Eu peço a Deus para eu ser um caminho, uma voz dele. Eu não procuro passar só um jornalismo baseado em audiência, mas sério e competente”.

Ele acredita que, mesmo que as pessoas considerem assim, o programa não é sensacionalista, e para se proteger dessa classificação, diz que faz o programa pensando nas pessoas que o assistem. E afirma:

Carlos Camargo: “O que eu tento fazer é um programa para mim. Estando na frente da televisão com o controle remoto na mão, dá para os meus filhos assistirem meu programa? Mas, evidentemente, o que nós cobrimos não é festa, não é nada bonito de se ver, mas é a

realidade. Tem muitos falsos moralistas que dizem: ‘colocar isso incita a violência’. Mas na verdade meu programa mostra como as coisas acontecem para quem está em casa e tem um pouco de senso crítico evitar que seja uma próxima vítima”.

Além da violência exibida, há quadros de prestação de serviço, com espaço para os telespectadores buscarem pessoas desaparecidas. Camargo relata ainda que recebe pedidos que vão de pagamentos de contas a passagens para visitar parentes. O apresentador diz ser criterioso na hora de atender aos pedidos.

Carlos Camargo: “O meu programa tem um lado social e não paterno. Eu não peço para os telespectadores cesta básica, não peço dinheiro, não peço material de construção. Eu só peço remédio e cadeira de roda”

Ainda segundo Camargo, seu programa tem 58% de audiência no horário.

As matérias exibidas diariamente são construídas em sua maioria sem considerar o contexto em que acontecem, não buscam mostrar o porquê dos fatos ou a realidade social dos envolvidos, têm como objetivo causar impacto e atrair a atenção dos telespectadores pelo sensacionalismo, inusitado ou violento da questão apresentada. Para José Arbex Júnior (2001, p. 32), uma das conseqüências de se apresentar o jornalismo em forma de show é o enfraquecimento entre o real e o fictício. Esse procedimento produz uma percepção alterada dos acontecimentos, podendo ser caracterizado, em última instância, como desinformação.

A notícia sensacionalista é marcada pelo exagero e valorização da emoção. Em muitos casos, a exploração do espetacular ganha tal dimensão que ocupa espaço mais importante do que a própria informação, tida como o objetivo primeiro do fazer jornalístico. Como as mercadorias em geral, interessa ao veículo sensacionalista o lado aparente, externo e atraente do fato. É, basicamente, dessa forma que são transmitidas as notícias no programa Tempo Quente, além do apresentador ser uma espécie de garoto-propaganda dos produtos e empresas que patrocinam seu programa. Há anúncios veiculados nos intervalos do programa, e também várias inserções publicitárias em meio ao programa, entre uma notícia e outra.

Para atrair os telespectadores das classes mais baixas, considerados seu público-alvo, a linguagem sensacionalista se aproxima do coloquial, na tentativa de tornar a mensagem mais atraente para o telespectador e também para que o locutor se torne mais próximo dele. Faz uso de uma produção discursiva trágica, erótica, violenta e, em alguns casos, fantástica ou grotesca. Para Arbex Júnior (2001), sensacionalismo é tornar espetacular um fato jornalístico que, em outras circunstâncias editoriais, não mereceria esse tratamento.

Como o adjetivo indica, trata-se de “sensacionalizar” aquilo que não é necessariamente sensacional, utilizando-se, para isso, de um tom escandaloso. Em casos mais

específicos, inexistente a relação com qualquer fato e a “notícia” é elaborada como mero exercício ficcional.

Segundo o autor, o sensacionalismo não admite distanciamento, neutralidade, ao contrário, busca o envolvimento do público. O objetivo é chocá-lo e fazer que ele viva as emoções junto com os personagens, como se participasse da ação. Para tanto a linguagem sensacionalista quer causar impacto e dramaticidade e não admite moderação.

O sensacionalismo utiliza todos os recursos da linguagem, disponíveis para a fusão do público com a história relatada. As imagens e a narrativa sensacionalista “transportam” o telespectador para o local dos acontecimentos; é como se ele estivesse lá, junto ao estuprador, ao assassino, ao seqüestrador, sentindo as mesmas emoções. O programa aqui estudado trata especificamente da questão da violência e apresenta características de sensacionalismo indicadas por Arbex Júnior (2001).

A televisão ocupa um lugar estratégico nas dinâmicas da cultura cotidiana das maiorias, na transformação das sensibilidades, nos modos de construir imaginários e identidades. Para Martín-Barbero, 2001, p. 26):

Encante-nos ou nos dê asco, a televisão constitui hoje, simultaneamente, o mais sofisticado dispositivo de moldagem e deformação do cotidiano e dos gostos populares e uma das mediações históricas mais expressivas de matrizes narrativas, gestuais e cenográficas do mundo cultural popular, entendido não como as tradições específicas de um povo, mas hibridações de certas formas de enunciação, de certos saberes narrativos, de certos gêneros novelescos e dramáticos do Ocidente com as matrizes culturais de nossos países

Segundo Malena Segura Contrera (2002, p. 53), a mídia instalou o espetáculo em todas as instâncias comunicativas e transformou a sociedade em uma sociedade de *voyeurs*. A sociedade é cada vez mais atraída pelos crimes e violência. Há estudiosos que não acreditam que a violência televisiva influa de alguma forma na violência do cotidiano. Para Bucci e Kehl (2004, p. 88):

[...] nas sociedades regidas pela cultura de massa – a cultura de massa é uma formação predominante na nossa sociedade e, nela, a tirania da imagem é avassaladora – há, sim, um tipo de violência que é própria do funcionamento do imaginário em si. Essa violência do imaginário tem, sim, relações com os padrões de comportamento na vida real, mas não há aí uma relação de causa e efeito.

Kehl (2004) acredita que, com a exposição repetida às representações da violência, o telespectador tende a se habituar e a tolerar cenas que lhe causariam horror há dez ou vinte anos. Hoje, assiste-se, tranqüilamente, a cenas que, há alguns anos, fariam muitos saírem da sala. Essa elevação do padrão de tolerância em relação ao horror preocupa muito. “Vamos nos acostumando à violência, como se fosse a única linguagem eficiente para lidar com a

diferença; vamos achando normal que, na ficção, todos os conflitos terminem na eliminação ou violação do corpo do outro”(BUCCI; KHEL, 2004, p. 89).

Para a autora, a exibição de cenas de violência leva a uma legitimação da violência. A sua exibição pela televisão serve para que a sociedade dê a permissão para sua execução. Segundo Kehl (2004), hoje todos buscam os 15 minutos de fama por meio do ato violento, porque esse é o ato que faz sentido em nossa sociedade e, portanto, dá visibilidade.

Eugênio Bucci (2004) afirma que houve um relaxamento nos limites do jornalismo e do entretenimento em relação à violência. “A morte real tornou-se um recurso que requer menos cerimônia por parte dos programadores” (BUCCI 2004, p. 109). Assim como a exposição de cadáveres não merece nenhuma cerimônia.

O programa Tempo Quente dá grande espaço para a morte em suas edições e os crimes constituem sempre o assunto principal, pois, como diz o apresentador, seu objetivo é fazer que as pessoas tenham conhecimento dos locais mais perigosos e dos tipos mais comuns de crimes e possam se proteger. O sensacionalismo está intimamente ligado ao homicídio, à morte e ao sangue derramado.

O sangue representa simbolicamente a imprensa sensacionalista. O fato de exibir tanto sangue em seu programa rendeu a Camargo uma advertência da Anatel. Para Bucci (2004, p. 110) “o circo da violência extrema ritualiza o pavor e clama por uma solução de força”. Assim, em várias de suas falas, Camargo legitima a ação da polícia contra os “criminosos”, mesmo que, muitas vezes, a polícia atue fora da lei. O fato de acompanhar as prisões junto com os policiais dá a eles a visibilidade no papel de heróis da força bruta e as câmeras do programa ganham imagens “sensacionais” e gratuitas correndo atrás das viaturas (BUCCI, 2004, p. 113).

Verifica-se que o programa Tempo Quente tem várias das características descritas por Kehl e Bucci (2004) e constrói junto à sociedade londrinense representações dos acusados de crime, mas se pode perceber que a apropriação dessas mensagens é desenvolvida de acordo com as redes intersubjetivas de cada grupo sociocultural, formalizando contratos específicos. Pôde-se perceber, durante a realização da pesquisa, que há diferentes formas de leitura da mensagem, inclusive por quem a produz. Segundo Luís Carlos Lopes (2004, p. 135-136):

Todos recebem a mesma mensagem, mas as reinterpretem de acordo com seus sistemas de valores, que incluem posição e situação de classe, nível de escolaridade, crenças e informações científicas e religiosas. Os grupos, visíveis, reagem às emissões propondo suas próprias interpretações e fazendo o sucesso ou o fracasso das mesmas, por meio do fantasma da audiência.

As mídias e o público constroem representações de pessoas, em que o mais importante é o que se acredita que elas sejam e não a informação de natureza objetiva sobre elas.

Quanto à audiência do programa, acredita-se que seja importante estudar até que ponto o público assiste a determinados programas não porque não tem “gosto refinado” ou porque a televisão não oferece mais nada, mas pelo fato de que esses tipos de conteúdo fazem parte de sua formação. Será que a escolha pelo gênero de programa não se dá antes, pelas experiências já vivenciadas? Pelo já construído cultural e socialmente? Essas são algumas das questões que os estudos de recepção podem ajudar a esclarecer. Assim, será possível entender os mecanismos de funcionamento da escolha da programação e auxiliar em possíveis mudanças para que a sociedade tenha mais opções na programação televisiva. Uma vez que ela está presente em praticamente todos os lares do Brasil é necessário que exista uma programação generalista que traga prazer a quem a assiste.

2.1 Uma Metodologia das Mediações

Segundo Escosteguy e Jacks (2005), as teorias sobre a recepção dos meios de comunicação podem ser compreendidas como um lugar de onde se pode analisar o processo inteiro e que têm sido abordadas de diversas maneiras, segundo a compreensão dos que se propõem a estudar o assunto.

A articulação entre a abordagem sócio-cultural e uma estratégia metodológica qualitativa, centrada principalmente nas falas dos sujeitos-receptores, não é casual. A reivindicação teórica de existência de ação no espaço da recepção exige no momento de reconstrução empírica dessa realidade uma opção metodológica que facilite o acesso a tal participação no processo de produção de sentido. Por essa razão, justifica-se a opção por técnicas como a entrevista, história de vida, a observação direta participante e não-participante, entre outras, bem como a escolha de pessoas como fontes prioritárias de informação.

Porém, essa mesma opção direciona as pesquisas para uma concentração na idéia de que a audiência produz sentidos e que a maioria deles são leituras negociadas, traduzidas em discursos coerentes que expressam seus interesses, desejos e prazeres. Assim, não se encontram pesquisas que problematizem as respostas das audiências como algo que talvez não possa ser apresentado de forma tão clara e coerente, logo, o que parece não ser explorado são as inconsistências e as contradições desses sujeitos-receptores, existindo um certo acento na coerência das respostas da audiência em relação aos seus atos, crítica já apontada em estudos de outros quadrantes do campo acadêmico internacional (ESCOSTEGUY; JACKS, 2005, p. 93-94).

Para Lopes, Borelli e Resende (2002) a recepção é uma perspectiva de investigação, uma tentativa de superar os impasses surgidos em função de uma pesquisa fragmentada e redutora do processo de comunicação em áreas “isoladas” de análise: a produção, a mensagem, os meios e a audiência. As autoras destacam a perspectiva integradora e compreensiva dos estudos de recepção e afirmam que todo o processo de comunicação é articulado a partir das mediações. Enfatizando essa questão elas citam que:

As mediações são esse “lugar” de onde é possível compreender a interação entre o espaço da produção e o da recepção: o que se produz na televisão não responde unicamente a requerimentos do sistema industrial e a estratégias comerciais, mas também a exigências que vêm da trama cultural e dos modos de ver. (MARTÍN-BARBERO; MUNHOZ, 1992, p. 20 citado por LOPES; BORELLI; RESENDE, 2002, p. 39).

A partir dessa perspectiva pode-se pensar a mediação como fazendo parte das práticas sociais e cotidianas das pessoas. Então, para investigar o programa policial Tempo Quente é preciso pensar tanto o espaço da produção como o tempo do consumo, ambos articulados pelos usos e práticas e pela especificidade dos dispositivos tecnológicos e discursivos da televisão. Para Lopes, Borelli e Resende (2002, p. 40) “a mediação no processo de recepção da telenovela deve ser entendida com processo estruturante que configura e reconfigura tanto a interação dos membros da audiência com os meios, como a criação por parte deles dos sentidos dessa interação”. Com o intuito de tornar esse conceito metodologicamente manejável, elas firmaram três princípios, aplicáveis ao presente estudo de recepção do programa Tempo Quente:

1 - *A relação receptores-televisão é necessariamente mediatizada.* Essa relação nunca é direta e unilateral como costuma ser abordada por outras metodologias, mas é uma multilateral e multidimensional e se realiza através de “múltiplas mediações” (Orozco, 1993).

2 - *A recepção é um processo e não um momento,* isto é, ela antecede e prossegue o ato de ver televisão. Assim, o sentido primeiro apropriado pelo receptor é por este levado a outros *cenários* em que costumeiramente atua (grupos de participação). Imagina-se então que a mensagem da telenovela é reapropriada várias vezes e que, portanto, os espaços de circulação da telenovela devem ser metodologicamente incorporados na pesquisa.

3 - *O significado televisivo é negociado pelos receptores.* Assume-se, então, que não há garantia que os significados propostos por uma telenovela sejam apropriados da mesma maneira. Pode-se afirmar, assim, que os sentidos e os significados últimos de uma telenovela são produto de diversas mediações. Por um lado, isto significa que o processo de comunicação não se conclui com sua transmissão, mas é aí que, propriamente, tem início. Por

outro lado, isto não implica a ausência de uma intencionalidade global, política e econômica concreta e se inscreve no discurso social hegemônico. É precisamente esta intencionalidade que faz a realidade ter significado e impede que ele seja transparente. Estas afirmativas levam a uma questão metodológica fundamental – a das relações causais - o que nos exigirá indagar acerca da causação de intensidade diversa que se deve estabelecer na relação entre as múltiplas mediações (VÉRON citado por LOPES; BORELLI; RESENDE, 2002, p. 40-41).

Acredita-se que a metodologia utilizada pelas autoras no estudo de recepção da telenovela também possa, com algumas adaptações, ser aplicada na presente investigação. Elas construíram uma metodologia multidisciplinar, pensando tanto o espaço da produção como o tempo de consumo. No estudo de recepção do programa policial utilizou-se esse mesmo princípio multidisciplinar, articulando-se o processo de produção e o espaço-tempo da recepção. Propõe-se que para compreender o processo é preciso estudar a produção do programa, principalmente o que transmite o seu apresentador. Para isso, fez-se o acompanhamento da produção durante um mês, além de entrevistas com os produtores e o apresentador. Ainda em relação ao Tempo Quente, analisou-se o conteúdo de uma edição do programa para compreender e comparar o discurso feito e as respostas da entrevista realizada com o apresentador. Apesar de ser feita a análise de apenas uma edição do programa o pesquisador acompanha o Tempo Quente há cinco anos. Também foram levantadas informações sobre a forma de produção do programa e uma auto-representação do apresentador Carlos Camargo traçando-se assim um panorama dos valores e do cotidiano de quem transmite a mensagem.

Para entender o momento da recepção, utilizaram-se como lugares de mediação os mesmos propostos por Lopes, Borelli e Resende (2002): o cotidiano familiar em que ocorrem os usos, o consumo e as práticas relacionados ao programa; a subjetividade do sujeito que reelabora os conteúdos da mensagem transmitida; o gênero jornalístico como estratégia de comunicação e de reconhecimento cultural e a mediação videotécnica, buscando saber se o telespectador conhece e percebe as técnicas de captação e transmissão das notícias. Adotou-se essa construção de mediações, pois, segundo as autoras, é uma das

[...] exigências metodológicas de integração das diversas dimensões do processo de comunicação e da abordagem multidisciplinar presentes na teoria das mediações. Uma das premissas básicas dessa teoria é que se supere o estado de segmentação a que foi reduzido o processo de comunicação, através da matriz *lasswelliana* que a pesquisa de comunicação institucionalizou. Por isso, a relação de *mão única* é deslocada para uma malha de interações recíprocas entre a *produção*, o *produto* e a *recepção* (LOPES; BORELLI; RESENDE, 2002, p. 41).

A construção da metodologia tomou por base a perspectiva de Martín-Barbero (2003), para quem a mediação é o lugar de onde se outorga sentido ao processo de comunicação e, esse lugar, para ele, é a cultura, assim, o autor propõe o deslocamento dos meios para as mediações. Com essa proposta, o autor expôs o mediacentrismo a que os estudos de comunicação estavam confinados, o que não significa que o meio não tenha importância. Ao contrário, a cultura como perspectiva de análise permite perceber os meios em sua real importância. Outro ponto fundamental foi ter-se descentralizado e pluralizado teoricamente a análise da comunicação, inserindo-a na ordem das práticas culturais.

Segundo Lopes, Borelli e Resende (2002), há uma grande potencialidade teórica na proposta de Martín-Barbero (2003):

[...] na medida em que ela converge para as pistas renovadoras abertas por Gramsci para o entendimento da cultura como campo de lutas (teoria da hegemonia), por Bourdieu (1983) com a tradução de elementos da estrutura para o nível das práticas socioculturais (teoria do habitus) e por Giddens (1987) com a introdução da estratificação do self na ação reflexiva (teoria da estruturação). Todas essas pistas se movem no sentido do pensamento complexo e transdisciplinar, não-reducionista e não-doutrinário.

O que resulta importante entender é que, do ponto de vista metodológico não há relações diretas entre os componentes do processo de pesquisa da comunicação – receptor, meio, mensagem, emissor –, mas toda relação entre eles é mediada, inclusive o meio é mediação. Além disso, as mediações só ganham sentido ao serem relacionadas entre si, dentro de determinado contexto, independentemente do campo específico sobre o qual se esteja trabalhando (LOPES; BORELLI; RESENDE, 2002, p. 43).

É preciso explicar as categorias que se elegeram como mediações. A importância do cotidiano familiar fica demonstrada nos recentes estudos de recepção de televisão, como o realizado por Lopes, Borelli e Resende (2002). A família é o lugar primeiro de construção de hábitos e gosto. Sendo assim, a dinâmica familiar é fundamental para entender as diferentes construções de sentido em relação às informações transmitidas no Tempo Quente, uma vez que o espaço e o tempo das rotinas familiares são o cenário imediato onde se assiste ao programa. Além disso, os espaços de circulação dessas informações são constituídos também por relações transfamiliares. Adotou-se a mesma proposta aplicada pelas autoras no estudo de recepção da telenovela ao abordarem a perspectiva do cotidiano familiar como categoria de mediação.

Nesta pesquisa, propomos a renovação conceitual do cotidiano como microespaço complexo, e não apenas espaço de reprodução e alienação. Nessa perspectiva, o cotidiano é constituído por indicadores concretos de desigualdades e do arranjo cultural híbrido que é o modo de vida em países de modernidade tardia como o nosso. A mediação institucional é captada no interior da família (cultura familiar) e também em suas conexões com outras instituições das quais seus membros participam (escola, igreja, trabalho). A forma de cobrir essas conexões não foi a de

acompanhar as pessoas, nesses cenários, mas de captá-las através das internalizações de seus valores expressas no cotidiano familiar (LOPES; BORELLI; RESENDE, 2002, p. 46).

Também se adotou a mediação subjetividade sob a perspectiva das autoras, pois:

Esta mediação possibilita captar os processos de construção de identidades e sensibilidades que operam na interação indivíduo-pequena tela. Trata-se de uma mediação que atua dentro das práticas sociais como organizadora cognoscitiva (interpretativa) da atividade consciente do indivíduo (*agency*, para Giddens, 1987) e de construção do *self* (Winnicott, 1990) (LOPES; BORELLI; RESENDE, 2002, p. 47).

A mediação gênero jornalístico policial faz a análise considerando o programa policial como uma narrativa de matriz popular, e cultural, de produção e reconhecimento de sentidos e, ainda, como dispositivo ativador de competência cultural e produtor de repertório compartilhado entre produção e recepção. A mediação videotécnica pensa o programa com um produto televisivo submetido a condições específicas de produção organizacional e técnica, buscando reconhecer seus dispositivos na recepção. Assim como no caso do gênero, essa mediação coloca-se como participante da construção do repertório compartilhado. É preciso ressaltar que as mediações escolhidas no presente estudo têm por cenário o espaço familiar, mas colocado dentro de um bairro específico cuja história e cotidiano influenciam o próprio espaço familiar. Seguindo o que propõem as autoras, a estratégia metodológica, com pequenas alterações, para articular as mediações selecionadas segue o seguinte esquema:

Cotidiano e subjetividade: mediações localizadas na recepção e reapropriadas no gênero e na videotécnica. Gênero: mediação localizada no produto e reapropriada no cotidiano, na subjetividade e na videotécnica. Videotécnica: mediação localizada na produção e reapropriada no gênero, no cotidiano e na subjetividade (LOPES; BORELLI; RESENDE, 2002, p. 47-48).

Nesta pesquisa, procurou-se aplicar o modelo multimetodológico desenvolvido pelas autoras na pesquisa da telenovela. Algumas adaptações foram necessárias tendo-se em vista que o programa estudado é de outro gênero e que se optou por família de um bairro específico, sem, portanto, haver a questão da diferença de classe. No restante, procurou-se combinar várias modalidades de técnicas de pesquisa, de modo que cada uma das mediações pudesse ser explorada por dados empíricos de variada angulação. Sabe-se que os dados colhidos são uma construção do pesquisador que a realiza com instrumentos teóricos e conceituais tanto quanto através dos instrumentos técnicos que escolhe. Segundo Lopes; Borelli e Resende (2002, p. 48), “é privilégio da pesquisa qualitativa promover a convergência de técnicas, inclusive quantitativas, no trabalho de campo e no tratamento de dados”.

A coleta de dados se deu em trabalho de campo realizado com a família moradora do Jardim Nossa Senhora da Paz, que aceitou participar do presente estudo, e pelo acompanhamento da produção do programa (observação da produção), entrevista com os produtores e com o apresentador e análise do programa. Na família, foram exploradas as mediações: cotidiano familiar, subjetividade, gênero jornalístico e videotécnica.

O trabalho de campo com a produção do programa envolveu a observação etnográfica, entrevistas não-estruturadas: sobre o programa com a produção e sobre o programa e história de vida do apresentador. Na pesquisa com a família foram também combinadas várias técnicas como: observação etnográfica; entrevistas semi-estruturadas do cotidiano, da subjetividade, do gênero jornalístico, da produção; entrevistas não-estruturadas na história de vida, história do bairro.

O trabalho de campo foi realizado em duas etapas: um mês de acompanhamento da produção do programa, dentro e fora do estúdio e entrevista com os envolvidos na produção; três meses de acompanhamento da família durante o horário de veiculação do Tempo Quente.

Houve certa dificuldade em obter uma família para participar da pesquisa, uma vez que o bairro é um dos mais violentos da cidade de Londrina e está sob o domínio de traficantes, que não podem sequer ouvir falar do apresentador do Tempo Quente, Carlos Camargo, mas, os próprios moradores admitem que todos assistem, inclusive os traficantes que proíbem qualquer discussão sobre o conteúdo veiculado pelo programa.

2.2 Metodologia do Trabalho de Campo

A experiência de campo traduziu-se na convivência com os produtores e o apresentador do programa durante um mês. Os primeiros dias foram de aprendizagem e certo distanciamento, mas em pouco tempo houve uma integração e o pesquisador passou a ser tratado como fazendo parte da equipe de produção do programa. As conversas entre os membros da equipe passaram a ser mais naturais e, assim, pôde-se observar o dia-a-dia da produção de maneira mais realista. Em relação ao apresentador, as primeiras entrevistas foram mais formais, até que se obtivesse uma confiança maior e fosse possível tratar de assuntos mais polêmicos e, assim, obter informações e opiniões sobre como ele pensa e concebe o seu trabalho.

A primeira dificuldade foi encontrar uma família que aceitasse participar da pesquisa, pois todos tinham receio do objetivo, principalmente por se tratar de um programa policial de grande audiência e que mostra crimes que acontecem no bairro em que moram. Na visão de alguns moradores, prejudicando a comunidade. O maior medo é dos traficantes que dominam o local e impõem silêncio sobre os assuntos que não desejam que sejam discutidos. A convivência inicial com a família também foi de distanciamento, por certo receio que apresentaram, principalmente por causa do bairro onde vivem, de que a informação a respeito da pesquisa sobre o programa chegasse aos traficantes que dominam o bairro e não gostam do apresentador. Porém, ao perceber que as informações seriam restritas ao trabalho e que os nomes dos seus integrantes seriam preservados, a família sentiu-se mais tranqüila, participando mais intensamente da pesquisa.

Neste ponto, é necessário esclarecer que apesar desta pesquisa ter sido realizada num período único de três meses, o pesquisador já havia feito outra pesquisa no bairro na qual, durante oito meses, participou da rotina de várias famílias, em estudo sobre a comunicação comunitária, o que facilitou a observação e a obtenção de várias informações. Mesmo assim, houve certo receio da comunidade por causa do programa proposto para o estudo de recepção realizado.

Superada essa primeira dificuldade, encontrou-se o traço cultural do acolhimento, do prazer em receber que se manifestava numa grande disposição de entrega e oferecimento, nos permanentes atos que convidam a ficar à vontade.

Segundo Lopes, Borelli e Resende (2002, p. 51),

[...] a *situação de interação* que se cria na pesquisa qualitativa entre o investigador e os sujeitos da investigação, antes de ser considerada como fonte de erro, deve ser vista como fonte de informação (Alasuutari, 1995). É ela a responsável pela *cultura da pesquisa* que se estabelece em cada contexto empírico. É o que diz também Gonzáles (1993) ao notar que não são algumas “visitas turísticas” que nos permitirão entender o cotidiano de uma família em suas relações com a televisão [...] (

As visitas sistemáticas criaram situações de interação que permitiram ao pesquisador sentir até que ponto podia estender-se nas conversas e questionamentos, tanto no acompanhamento da produção do programa como na hora de assistir ao programa com a família. Do mesmo modo que a pesquisa sobre telenovela realizada por Lopes, Borelli e Resende (2002):

Esse esquema foi sendo consolidado através da situação de interação, em que estavam em jogo desde características de personalidades de todos os agentes envolvidos (inclusive os pesquisadores) até a *cultura familiar* encontrada, aquela que se realiza concretamente através de um sistema de normas e valores e de uma dinâmica social determinada (LOPES; BORELLI; RESENDE, 2002, p. 51-52).

O pesquisador ficou no campo o tempo necessário e suficiente para o desenvolvimento da pesquisa, o que possibilitou alcançar o grau necessário de proximidade e distanciamento para facilitar a relação entre investigador e informante e permitir comportamentos espontâneos e recíprocos.

A pesquisa utilizou várias técnicas para coleta de dados, a fim de obter o maior número de informações possível, para investigar os diversos lados da questão da recepção, pois, segundo as autoras da pesquisa sobre telenovela:

Uma das maneiras de a metodologia qualitativa enfrentar a questão da subjetividade dos dados é tentar *objetivá-los*, ou seja, levá-los à condição de *saturação de sentido* de um fato, não apenas fazendo o informante voltar ele por meio da *repetição*, mas pelo *preenchimento* de sentido ao fazê-lo retornar ao fato através de outro ponto de vista (LOPES; BORELLI; RESENDE, 2002, p. 53).

Nesta pesquisa foi utilizada uma combinação de técnicas, para se obter o maior número de informações sobre a recepção do programa. O resultado dessa combinação permitiu a obtenção de um material que reflete as orientações de vida e os discursos dos investigados. Como as técnicas foram combinadas será apresentado, resumidamente, como cada uma foi pensada e utilizada no trabalho de campo.

2.2.1 Observação Etnográfica

Esta técnica foi utilizada para realizar o que se convencionou chamar “etnografia de audiência”. Ao se utilizar essa técnica buscou-se uma alternativa às técnicas tradicionais de levantamento quantitativo-estatístico das audiências e orientar a pesquisa de consumo dos meios, nesse caso a televisão, para o cenário doméstico. Esse consumo não deve ser visto apenas como natural, mas, também, como eminentemente cultural, além ser uma prática contextualizada. Por isso é uma prática muito complexa, pois é realizada em meio a outras práticas domésticas e é somente nessa complexidade que pode ser entendida.

Para a pesquisa foi bastante útil a adoção da perspectiva de Clifford Geertz (1978, p. 15):

Segundo a opinião dos livros-texto, praticar etnografia é estabelecer relações, selecionar informantes, transcrever textos, levantar genealogias, mapear campos, manter um diário, e assim por diante. Mas não são essas coisas, as técnicas e processos determinados, que definem o empreendimento. O que o define é o tipo de esforço intelectual que ele representa: um risco elaborado para uma ‘descrição densa’[...].

O autor compreende descrição densa como um processo de interpretação que pretende, e espera-se que consiga, dar conta das estruturas significantes que estão por trás e dentro dos menores gestos humanos. “A análise é, portanto, escolher entre as estruturas de significação [...] e determinar sua base social e sua importância” (GEERTZ, 1978, p. 19). O autor explica que:

O que o etnógrafo enfrenta, de fato – a não ser quando (como deve fazer, naturalmente) está seguindo as rotinas mais automatizadas de coletar dados – é uma multiplicidade de estruturas conceptuais complexas, muitas delas sobrepostas ou amarradas umas às outras, que são simultaneamente estranhas, irregulares e implícitas, e que ele tem que, de alguma forma, primeiro apreender e depois apresentar. E isso é verdade em todos os níveis de atividade de seu trabalho de campo, mesmo o mais rotineiro: entrevistar informantes, observar rituais, deduzir os termos de parentesco, traçar as linhas de propriedade, fazer o censo doméstico... escrever seu diário. Fazer etnografia é como tentar ler (no sentido de “construir uma leitura de”) um manuscrito estranho, desbotado, cheio de elipses, incoerências, emendas suspeitas e comentários tendenciosos, escrito não com os sinais convencionais do som, mas com exemplos transitórios de comportamento modelado (GEERTZ, 1978, p. 20).

Para este autor há três características da descrição etnográfica: “ela é interpretativa; o que ela interpreta é o fluxo do discurso social e a interpretação envolvida consiste em tentar salvar o ‘dito’ num tal discurso da sua possibilidade de extinguir-se e fixá-lo em formas pesquisáveis” (GEERTZ, 1978, p. 31).

Ainda segundo este autor:

O objetivo é tirar grandes conclusões a partir de fatos pequenos, mas densamente entrelaçados, apoiar amplas afirmativas sobre o papel da cultura na construção da vida coletiva empenhando-as exatamente em especificações complexas... As formas da sociedade são substâncias da cultura (GEERTZ, 1978, p. 38-39).

Para Geertz (1978), a cultura são as teias de significados que o homem teceu e a análise delas, portanto seria uma ciência interpretativa à procura de significado. A cultura seria um documento de atuação, portanto pública, e pública porque seu significado também é público.

[...] a cultura não é um poder, algo ao qual podem ser atribuídos casualmente os acontecimentos sociais, os comportamentos, as instituições ou os processos; ela é um contexto, algo dentro do qual eles podem ser descritos de forma inteligível – isto é descritos com densidade... Compreender a cultura de um povo expõe a sua normalidade sem reduzir sua particularidade... Isso os torna acessíveis: colocá-los no quadro de suas próprias banalidades dissolve sua opacidade (GEERTZ, 1978, p. 24).

No momento em que o pesquisador vai para o campo, há dois instrumentos de pesquisa importantes para a coleta de dados: as entrevistas abertas e em profundidade e a observação participante. A entrevista será abordada em um tópico específico. A etnografia implica uma pesquisa qualitativa, pode até incluir questionários, mas o fundamental é

observar e ouvir os investigados. De acordo com Isabel Travancas citada por Duarte e Barros (2005, p. 102):

O antropólogo não determina verdades, não aponta equívocos, não pergunta por que as coisas são diferentes. Ele ouve e procura entender quais são as verdades para aqueles “nativos”, quando e por que se enganam e muitas vezes se surpreende se perguntando por que as coisas na sua sociedade não são diferentes.

A observação participante implica que o pesquisador esteja atento ao seu papel no grupo. Ele irá observar e deve saber que também está sendo observado, e estar consciente de que o fato de estar presente pode alterar a rotina do grupo. De acordo com Cicília Peruzzo (2005), a observação participante consiste na inserção do pesquisador no ambiente natural do fenômeno que se deseja estudar e sua interação com a situação investigada.

A observação participante implica:

- a) a presença constante do observador no ambiente investigado, para que ele possa ‘ver as coisas de dentro’;
- b) o compartilhamento, pelo investigador, das atividades do grupo ou do contexto que está sendo estudado, de modo consistente e sistematizado – ou seja, ele se envolve nas atividades, além de co-vivenciar ‘interesses e fatos’;
- c) a necessidade, segundo autores como Mead e Kluckhohn, de o pesquisador ‘assumir o papel do outro’ para poder atingir ‘o sentido de suas ações’ (HAGUETE, 1990, p. 63) (PERUZZO, citado por DUARTE; BARROS, 2005, p. 126).

Segundo a autora, é importante salientar os seguintes pontos a respeito do papel do pesquisador:

- O pesquisador se insere no grupo pesquisado, participando de todas suas atividades, ou seja, ele acompanha e vive (com maior ou menor intensidade) a situação concreta que abriga o objeto de sua investigação. Porém, o investigador não “se confunde”, ou não se deixa passar por membro do grupo. Seu papel é de observador.
- O pesquisador é autônomo. O “grupo”, ou qualquer elemento do ambiente, não interfere na pesquisa, no que se refere à formulação dos objetivos e nas demais fases do projeto, nem no tipo de informações registradas e nas interpretações dadas ao que foi observado (PERUZZO, citado por DUARTE; BARROS, 2005, p. 133-134).

Peruzzo citado por Duarte e Barros (2005, p. 135) ressalta que este tipo de pesquisa teve origem na etnografia feita pelos antropólogos e que “na área da comunicação ela tem sido usada para analisar os fenômenos comunicacionais, principalmente dos processos de recepção de mensagens dos meios de comunicação de massa”. Isso corresponde à proposta da presente pesquisa, daí a escolha dessa técnica.

A investigação etnográfica realizada com a finalidade de observar comportamentos das pessoas em relação aos meios de comunicação pressupõe a inserção do pesquisador no ambiente investigado e em geral, objetiva observar como se processa a recepção das mensagens dos *mass media*, como elas são entendidas, decodificadas

e reelaboradas... A etnografia está mais preocupada com os elementos constitutivos do cotidiano que perpassam as relações das pessoas com a mídia na perspectiva da construção de significados a partir da exposição aos conteúdos do meio de comunicação, no universo da cultura (PERUZZO, citado por DUARTE; BARROS, 2005, p. 136).

Na observação etnográfica realizada no presente trabalho foram registrados os seguintes aspectos do cotidiano da família participante da investigação, tendo como parâmetro a pesquisa sobre telenovela realizada por Lopes, Borelli e Resende (2002): espacial: lugares funcionais da casa, bem como a distribuição de objetos; temporal: tempos de rotina familiar; e as práticas: atividades dos membros da família e, principalmente, como se dá a assistência da televisão e do programa Tempo Quente. É claro que o pesquisador não pôde ficar o tempo todo com a família. Portanto, a convivência se deu, na maior parte do tempo, nos horários de exibição do programa, das 13 às 14 horas e, às vezes, durante a tarde. A presença constante, por três meses, aos poucos, foi tornando o pesquisador “invisível”, possibilitando o surgimento de situações de interação com a família.

2.2.2 Entrevista

Outra técnica utilizada para obtenção de dados foi a entrevista, utilizada tanto com os produtores e apresentador do programa Tempo Quente quanto com a família participante do estudo de recepção. Segundo Duarte e Barros (2005, p. 62), a entrevista individual em profundidade é

[...] técnica qualitativa que explora um assunto a partir da busca de informações, percepções e experiências de informantes para analisá-las e apresentá-las de forma estruturada. Entre as principais qualidades dessa abordagem está a flexibilidade de permitir ao informante definir os termos da resposta e ao entrevistador ajustar livremente as perguntas. Este tipo de entrevista procura intensidade nas respostas, não quantificação ou representação estatística.

A entrevista procura reunir respostas a partir da experiência subjetiva de uma fonte, que foi selecionada justamente por deter informações a respeito do que se deseja conhecer, caso da presente pesquisa sobre o programa. Segundo Duarte e Barros (2005, p. 62-63),

[...] os dados não são apenas colhidos, mas também resultado de interpretação e reconstrução pelo pesquisador, em diálogo inteligente e crítico com a realidade. Nesse percurso de descobertas, as perguntas permitem explorar um assunto ou aprofundá-lo, descrever processos e fluxos, compreender o passado, analisar, discutir e fazer prospectivas. Possibilitam ainda identificar problemas, microinterações, padrões e detalhes, obter juízos de valor e interpretações, caracterizar a riqueza de um tema e explicar fenômenos de abrangência limitada.

Existem vários tipos de entrevista. No presente estudo foi utilizada, tanto com o apresentador do programa quanto com a família do bairro, a entrevista aberta, realizada a partir de um tema central e com a participação do pesquisador nos termos do informante. A entrevista parte de um tema e flui livremente, sendo aprofundada em determinado rumo de acordo com o objetivo do pesquisador. O entrevistado, por sua vez, é quem define os termos da resposta. Como não se trata de um questionário fechado, ele utiliza como referência seus conhecimentos, percepção, linguagem, realidade e experiência. Assim, uma resposta dá origem à pergunta seguinte e uma entrevista auxilia a direcionar a próxima. “A capacidade de aprofundar as questões a partir das respostas torna este tipo de entrevista muito rico em descobertas” (DUARTE; BARROS, 2005, p. 65).

Segundo esses autores, é necessária uma adequada formulação de procedimentos metodológicos para que se possa obter dados confiáveis. Para ele, validade e confiabilidade no uso dessa técnica estão relacionados a três questões:

1. seleção de informantes capazes de responder à questão da pesquisa;
2. uso de procedimentos que garantam a obtenção de respostas confiáveis;
3. descrição dos resultados que articule consistentemente as informações obtidas com o conhecimento teórico disponível (DUARTE; BARROS, 2005, p. 68).

Na presente pesquisa procurou-se seguir os pressupostos indicados por esse autor para garantir a confiabilidade e a validade das informações obtidas. A seleção dos informantes foi intencional; tendo-se em vista que, para dar informações sobre o apresentador e seu programa a fonte primária seria ele mesmo. No caso da família, era importante que assistisse ao programa e estivesse em um bairro de periferia entre aqueles que, eventualmente, aparecem no programa. Esses foram os critérios utilizados para a seleção dos participantes da pesquisa. Como instrumentos de coleta foram utilizadas anotações e, sempre que possível, a gravação.

Além da entrevista aberta, foram realizadas, com a família participante do estudo, entrevistas semi-estruturadas, em que foram focadas determinadas temáticas que são as próprias mediações. Para essa etapa, as entrevistas realizadas por Lopes, Borelli e Resende (2002), em seu estudo sobre telenovela, foram utilizadas como guia, por se entender que eram adequadas também à recepção do programa estudado.

Entrevista do consumo: buscou-se saber o que os pesquisados consomem em termos de produção de mídia e qual o espaço e tempo que, principalmente, a televisão ocupa

em suas rotinas. Buscou-se também saber as preferências de gêneros e programas. Assim, é possível perceber como o receptor utiliza os meios.

Entrevista da subjetividade: procurou-se obter dados sobre o modo como o entrevistado percebe a sua realidade e a realidade apresentada pelo programa, com ênfase nas representações feitas dos acusados de crimes, principalmente quando moradores da comunidade.

Entrevista do gênero jornalístico: objetivou-se saber o grau de compreensão do produto entre os telespectadores; o grau de confiança e cumplicidade com o apresentador e se a linguagem utilizada é compreendida por eles. Também se buscou identificar se havia um repertório compartilhado entre produtores e receptores.

A história de vida também foi utilizada. Esse é um tipo de entrevista em profundidade em que se pede ao entrevistado que conte ou descreva sua história. Isso foi feito tanto com apresentador quanto com os membros da família para captar, da perspectiva do sujeito, as conexões de sentido que dão lugar às respostas. Normalmente, a história de vida implica uma série sucessiva de entrevistas em que o papel do entrevistador é apenas orientar a narração e ajudar o trabalho de memorização. No caso do apresentador, o foco era sua história profissional e as entrevistas foram feitas no período de acompanhamento do programa, entre a primeira e a segunda edição, uma vez que, devido às ameaças, poucas pessoas têm acesso à sua intimidade. A pesquisa, entretanto, não foi prejudicada porque cumpriu a proposta de analisar a produção do programa, a construção da identidade do apresentador e as representações que faz em seu programa.

Na família avalia-se que um pouco mais de tempo para as entrevistas poderia ter proporcionado um resultado mais aprofundado, mas não se percebeu prejuízo para os objetivos do estudo.

2.2.3 Metodologia de Análise das Mediações

2.2.3.1 Mediação cotidiano familiar

O cotidiano familiar é a primeira mediação a atuar no processo de recepção do programa aqui estudado. Procurou-se perceber os diferentes graus de dependência e interdependência entre televisão e telespectador, além dos mecanismos de sedução e

cumplicidade que unem produtores e receptores do programa. Buscou-se perceber como as práticas cotidianas se relacionam com a recepção do programa, dando-lhes novos sentidos ou influenciando na forma como estes sentidos são entendidos e apreendidos.

As diferentes formas de compreender e dar sentido às informações estão ligadas às práticas diárias, às tradições, preocupações e expectativas da família e de seus integrantes. Buscou-se apreender essas informações por meio da cultura da família, na suas expressões materiais e simbólicas, seja nas condições socioeconômicas e de habitação, seja em trajetórias e marcas da história da família. Procurou-se observar os lugares, o uso dos meios de comunicação, dando-se ênfase à televisão, ao programa Tempo Quente e às rotinas envolvidas na forma de assisti-lo.

2.2.3.2 Mediação: subjetividade

A abordagem da mediação subjetividade se dá pelo comportamento do receptor, que aparece nas entrevistas, em suas experiências e ações, no seu modo de perceber o mundo e os objetos. De seu repertório foram extraídos indicadores para a análise e interpretação, desejos e sentimentos que não aparecem de forma explícita, mas são percebidos nas entrelinhas, hesitações, interrupções na fala e nos lapsos de memória. Procurou-se observar a relação da família com a televisão e, principalmente, com o programa estudado. O foco é o modo como a vida delas perpassa e é perpassada pelo conteúdo do programa. Como no estudo realizado por Lopes, Borelli e Resende (2002), vários aspectos são alvos de atenção:

[...] a hierarquia de valores dos objetos que determina a distribuição do espaço doméstico, o consumo do tempo, a localização do aparelho na casa, a dimensão do tempo em que as pessoas permanecem diante do aparelho ligado, a renegociação das relações familiares com base nas parcerias para ver programação (LOPES; BORELLI; RESENDE, 2002, p. 75).

Fazendo-se adaptações para o programa estudado, levantaram-se alguns aspectos subjetivos na relação entre a família e o programa: gratificações obtidas no acompanhamento do programa; reprodução de discursos; envolvimento com a notícia; distanciamento ou proximidade com a realidade; avaliação de conteúdo no que diz respeito à realidade por eles vivenciada; representações identitárias.

2.2.3.3 Mediação gênero jornalístico

Buscou-se detectar como os receptores percebem as mensagens e representações dos acusados feitas no programa. O objetivo foi entender a articulação permanente entre duas narrativas: a do programa, analisando um programa como exemplo, uma vez que o tema tratado é sempre o mesmo, ou seja, os crimes cometidos na cidade Londrina - PR e região; a narrativa feita pelo apresentador que, além de informar, opina sobre os fatos, expondo ao telespectador seu pensamento e valores através do discurso proferido; e a narrativa dos receptores recolhida durante o período de realização da pesquisa.

Pode-se afirmar que há um contrato entre produtores e receptores do programa para que a narrativa tenha significado. É preciso que exista um repertório comum. François Jost afirma que: “Em televisão, pode-se definir a noção de contrato como um acordo graças ao qual emissor e receptor reconhecem que se comunicam e o fazem por razões compartilhadas” (JOST, 2004, p. 9). Para o autor, o objetivo é fazer que o outro entre na própria intencionalidade de quem propõe o contrato. No caso da televisão, haveria um duplo contrato, um primeiro de credibilidade e um segundo de captação.

[...] quando se fala em televisão, fala-se, sobretudo, de informação. A televisão seria uma instância midiática que forneceria simplesmente informações, informações que têm a necessidade de se apresentarem como espetáculo, pois é ele que atrai os telespectadores. O espectador sabe, tem conhecimento de que se trata de um espetáculo. Essa seria uma das cláusulas do contrato informativo televisivo, cujo objetivo é conseguir o máximo de credibilidade e o máximo ibope, de audiência (JOST, 2004, p. 11-12).

De acordo com o autor, nesse contrato fica subentendido que é necessário ao receptor algum conhecimento prévio sobre o gênero do programa a que se vai assistir, mas ele propõe outro modelo de contrato a que chama modelo de promessa. Nele, se consideraria o gênero como uma interface, responsável pela ligação entre emissor e telespectador. “O modelo da promessa é mais cidadão. Esse modelo exige do espectador uma contribuição ativa, embora ela não se dê simultaneamente ao momento da própria promessa. Porém, a promessa é manipulatória se o telespectador não desempenhar seu próprio papel” (JOST, 2004, p. 19).

Uma das funções do gênero, e provavelmente a mais evidente, é a do direcionamento da interpretação por parte do receptor. Se o telespectador vai assistir a um programa jornalístico espera encontrar ali relatos de fatos verdadeiros. De acordo com Jost (2004), até mesmo o nome do programa é uma promessa.

Neste estudo, o nome Tempo Quente, assim como a propaganda do programa: “em um fato existem sempre três versões: a da vítima, a do bandido e a verdadeira”, bem como o

slogan: “a crítica só a quem merecer”, fazem uma promessa ao telespectador que sabe que tipo de informação irá receber. O autor defende que é graças à comunicação entre produtores, receptores e emissores que se dá uma leitura correta do gênero.

[...] As emissoras, os programadores, os mediadores como os telespectadores comunicam-se porque eles se situam em um terreno comum. Esse terreno comum, constituído por aquilo que denomino os mundos da televisão, confere sentido aos gêneros televisuais. Mas esse sentido, longe de ser estável, varia no curso das migrações que conhecem os gêneros, da concepção dos programas até sua recepção (JOST, 2004, p. 31).

Para Jost (2004), o gênero é o terreno dos confrontos entre atores sociais com os mais diversos interesses: os produtores que precisam dotar seus programas com uma identidade genérica; os difusores que querem semantizar os objetos para torná-los desejáveis e os receptores para quem a categorização é necessária para poderem interpretar o programa que consomem.

Todo gênero, com efeito, repousa na promessa de uma relação com o mundo cujo modo ou grau de existência condiciona a adesão ou participação do receptor. Os telejornais, os documentários e os “direto” nos dão a impressão de serem testemunhas do mundo... Quando um documento audiovisual faz referência ao mundo, isso significa que nós podemos levar a sério o que nos mostra por três razões: (1) como signo do mundo, ele tem propósitos verificatórios sobre nosso mundo (atualidades, jornal televisivo, reportagens); (2) como signo do autor, ele exprime uma verdade profunda dos seres ou dos indivíduos (que qualquer um lembra quando fala de sentimentos autênticos), como nos testemunhos ou nas transmissões diretas em geral ou nas marcas de indivíduos cuja autoridade não é contestada; (3) como documento, ele traz em si uma verdade incontestável (é o papel de arquivo) (JOST, 2004, p. 33;36).

Um problema observado pelo autor é que o telejornal, embora pretendendo falar da realidade, a reduziu ao visível, ao ponto de, às vezes, a existência dos acontecimentos depender de sua capacidade de visualização. A imagem funciona como testemunha ocular, quando na realidade não se é capaz de abordar todos os ângulos possíveis de uma imagem. Ela é também uma construção de quem a produz e sua interpretação é induzida pela fala do repórter e do apresentador que, no caso do programa estudado, emite sua opinião sobre os fatos, na maioria das vezes, interpretando-os. O interesse do telespectador pelo telejornal está na expectativa de que ele expresse a realidade à qual pertencemos, seja de perto ou de longe.

2.2.3.4 Mediação Videotécnica

Tomando-se como base o estudo sobre a telenovela, realizado por Lopes, Borelli e Resende (2002), fizeram-se algumas adaptações para que essa mediação fosse utilizada nessa

pesquisa. Procurou-se identificar “modelos de análise do texto audiovisual” e verificar como as técnicas presentes na construção do programa estabelecem ligações entre a produção e os receptores. O que se pretendeu mostrar é que há uma linguagem que possibilita um “contrato de recepção” entre produtor e consumidor. Sob a ótica desta mediação, o programa é um produto, um formato, por isso se buscou identificar a forma cultural e os recursos de linguagem utilizados nessa construção. Acredita-se que essa mediação tenha duas dimensões, a da produção e da recepção que, articuladas, dão origem a determinadas operações nas quais ocorrem as negociações para a construção de sentido. Na parte da produção procurou-se observar o ritmo e a rotina de trabalho e o que pensa o apresentador sobre o produto. Na operação de sentido buscou-se verificar como os produtores e receptores constroem as representações das matérias jornalísticas apresentadas no programa; como percebem a mensagem e se compartilham um repertório de significados.

3 VIOLÊNCIA NO BRASIL E VIOLÊNCIA NA TELEVISÃO

Este capítulo apresenta um panorama da questão da violência no Brasil e como esta violência é retratada pela televisão. Os dados são de 2003 e foram obtidos em *sites* oficiais do governo federal, que não possuem informações mais atualizadas. Apesar de serem dados de há cinco, a situação pouco mudou. Buscou-se, também, mostrar como a violência está presente no dia-a-dia dos moradores do Jardim Nossa Senhora da Paz, bairro em que mora a família participante do presente estudo.

O conceito de violência não é um consenso. No senso comum ela aparece como sinônimo de agressão. Para Johan Galtung citado por Mendez (1998, p. 126), se está diante da violência quando o desenvolvimento efetivo da pessoa no plano físico e espiritual torna-se inferior ao seu desenvolvimento potencial, isto é, quando a sua possibilidade de se desenvolver foi impedida. Nestes termos, a violência é definida como a causa da diferença entre realidade e potencialidade.

Tomando-se essa definição, pode-se dizer que, hoje, uma grande parcela da população brasileira, senão a sua maioria, está submetida à violência. A falta de alimentação, saúde, escola, moradia, trabalho impedem o desenvolvimento das potencialidades. Do mesmo modo, a exclusão social, que coloca muitos jovens em situação de risco, sujeitos a serem cooptados para o crime, cujas organizações, em muitas regiões do país, assumem o papel do Estado.

Existe uma área muito ampla de violência, não reconhecida e que não é, pelo menos concretamente, punida. De acordo com Andréa Damacena e Edy Arnoud (2001, p. 7), seria

[...] uma violência que se pode chamar ‘naturalizada’, por ser identificada com as relações patriarcais vigentes no âmbito familiar, com as relações sociais e de trabalho de tipo rigidamente classista-hierárquico e/ou racista e sexista, com estruturas estatais e poder político, com relações sociais de inclusão/exclusão. A ‘violência naturalizada’ não é percebida como violência, não chega a ser identificada, isolada e eliminada de tais relações e, portanto, é negligenciada para uma ação específica de luta em termos de sua erradicação, que aliás poderia contribuir bastante no esforço por um sistema de direitos fundamentais civis e sociais, operante e possível. A essa violência está ligada uma outra, exercida de forma ilegal por poderes institucionais ou órgãos estatais de repressão e controle social.

No Jardim Nossa Senhora da Paz os moradores reconhecem a existência da violência que os autores chamam de natural e percebem o seu reflexo nas crianças. A violência dentro de casa é uma coisa velada, afirmam: “Maldito aquele que se intromete na vida do outro para falar sobre isso” (mãe da família participante da pesquisa). É muito comum, nas poucas famílias cujo pai está presente que ele bata na esposa e nos filhos. Na sua grande maioria, os agressores usam drogas e consomem álcool. “Antes as mulheres ficavam quietas, mas agora tem muita mulher que bate também. Aí você vê homem com a cara roxa. E o reflexo você vê nas crianças, são crianças agitadas, violentas. Quando eles começam a brincar de casinha, de papai e mamãe, você só ouve gritos. De mãe gritando e pai chegando e dando tapa na mãe: Você ainda não deu banho nessas crianças? Não fez comida, sua vagabunda? Não há uma relação de respeito, a relação é: eu sou seu marido mando em você, se não fizer o que eu quero você apanha, e se largar de mim eu mato você. Se me denunciar para a polícia eu mato você” (mãe da família participante da pesquisa). As próprias crianças incorporam a violência nas suas relações. A maneira mais comum de resolverem suas diferenças é por meio da briga, da agressão, isso pôde ser constatado durante a realização da presente pesquisa.

A violência se apresenta, às vezes, como um mal absoluto, desumana por definição, mas não é possível deixar de encará-la de frente e de procurar os percursos que podem conduzir à inclusão dela entre as alternativas do comportamento humano.

Negar, cancelar os aspectos atrozos que compõem a vida e a história, passada e atual, só agrava nossa vulnerabilidade frente à violência e acentua o risco de que nos tornemos inconscientes, o que não elimina nossa responsabilidade, ao contrário, revela o quanto podemos nos tornar partícipes de um drama coletivo que se repete inúmeras vezes (DAMACENA: ARNAUD, 2001, p. 11).

É preciso uma mudança na sociedade, na forma como culturalmente se vivencia e se vê a violência, para que ela seja combatida. É uma batalha diária. A população é submetida todos os dias às mais diversas cenas de violência: nos noticiários, filmes, novelas e até em desenhos para crianças, isso contribui para a dessensibilização diante dos fatos e tolhe a capacidade de indignação diante do assassinato de um ser humano. Para que a sociedade seja de fato livre é necessário que a morte de qualquer um de seus cidadãos provoque a indignação de todos com a mesma intensidade.

Os assassinatos e os tiroteios fazem parte da rotina dos moradores do Jardim Nossa Senhora da Paz. Em todos os dias que o pesquisador esteve no bairro, fazendo a pesquisa, ouviu relatos sobre os tiros ocorridos no final de semana, durante a noite e mesmo durante o dia. Muitos pais não permitem que as crianças saiam à rua por medo dos disparos frequentes; crianças e adolescentes já foram atingidos por balas perdidas. Dentro das casas é possível

verificar marcas de tiros; nas paredes da fábrica que funciona vizinha ao bairro há diversas marcas de tiro.

Muitas reuniões já foram realizadas com autoridades e representantes da sociedade civil, mas em nenhuma delas se discutiu formas de melhorar as condições das comunidades vítimas da violência, para que houvesse uma diminuição desta violência, apenas se falou em medidas repressivas, no aumento do efetivo policial e na necessidade de punições maiores, principalmente para os adolescentes que, no entender de muitos, não recebem punições pelos crimes que praticam.

Para que o combate à violência seja efetivo é preciso que a realidade, que se acredita ser socialmente construída, seja modificada. Os cidadãos têm que se perceber como cidadãos de direito e o principal deles é o direito a ter direitos. E que esses serão construídos pelo diálogo e compartilhamento das referências e universos dos sujeitos dessa sociedade. Porém, o que se verifica é que há uma associação entre pobreza e violência.

A associação entre pobreza e crime, na qual o crime é derivante da pobreza, não representa apenas uma tendência da sociologia, mas continua a fazer parte do enraizado senso comum, tanto de “direita” como de “esquerda”, seja para discriminar, criminalizar ou condenar, seja para justificar e absolver, ou pelo menos mudar o centro da discussão. Ela integra também a bagagem dos estereótipos, a partir dos quais as instituições destinadas à segurança pública e à repressão ao crime atuaram, desde as origens do Estado republicano (DAMACENA, ARNAUD, 2001, p. 14).

Para estes autores, ainda que a associação entre pobreza e violência, a idéia enraizada da existência, ameaçadora para alguns, vingadora para outros, das “classes perigosas”, na realidade, preencheu tanto o imaginário das elites e das classes médias quanto a ação cotidiana do Estado. Dentro desse quadro de referência, Alba Zaluar citada por Damacena e Arnaud (2001, p. 15) ressalta que entre os intelectuais se confrontam duas posições: uma extremamente pessimista, outra completamente otimista. Para os primeiros o aumento da violência indicaria uma situação de conflitos insolúveis e, de fato, de guerra civil, devido à substancial falência do Estado. A origem, e até mesmo a justificação do caos e da violência, seria o aumento da miséria absoluta. Ao mesmo tempo, a aliança entre o narcotráfico e a marginalidade social estaria delineando o colapso da vida civilizada e da própria subsistência do país como nação juridicamente ordenada. Para os otimistas o aumento da violência seria o mero fruto do imaginário das classes proprietárias, que teriam criado um perigo inexistente com a ajuda manipuladora da mídia; assim, eles negam as dimensões alarmantes do conflito e a crise do Estado brasileiro. A autora ressalta:

A criminalidade há tempo se tornou organizada e ligada ao narcotráfico, tem um enorme poder econômico e corruptor e a cumplicidade direta de amplas partes do

aparato de segurança pública - que mantém ligações, em grande parte desconhecidas, com os sistemas de corrupção política (ZALUAR citado por DAMACENA; ARNAUD, 2001, p. 16).

Essa situação tem implicações para as camadas mais pobres da população, que não só não são defendidas pelo Estado, mas são obrigadas a conviver com uma realidade que produz discriminação e repressão. É crescente a submissão ao poder dos criminosos, pois são eles que têm garantido o atendimento das necessidades básicas da população e ainda “empregam” muitas pessoas. O jornalista Carlos Amorim, que lançou em novembro de 2003 o livro *CV e PCC – A irmandade do crime*, afirmou em entrevista ao programa Canal Livre (23/11/2003), da Band, que os próprios traficantes dizem que a única maneira de diminuir a violência e o crime é tirando as crianças da rua, pois eles começam com pequenos serviços, buscando uma cerveja, depois levando um recado e por fim fazendo entrega de drogas. O jornalista coloca, no entanto, que a maior parte das crianças trabalha na endolação, que é a pesagem e embalagem da droga em pequenas porções para ser comercializada.

Damacena e Arnaud (2001, p.17-18) afirmam que:

[...] o aumento da violência está ligado ao volume gigantesco do dinheiro movimentado pelo narcotráfico, dos lucros correspondentes e da guerra sem fronteiras que tudo isso desencadeia. É cruel, sobretudo, o preço cada vez mais alto pago com o sangue das crianças, adolescentes e dos jovens, como demonstra uma série de dados, ao sistema complexo que nas grandes metrópoles une violência velha e nova, estigmatização antiga e nova criminalidade. Emerge principalmente a necessidade de colocar em discussão – e refletir sobre – um sistema desvirtuado que, ao criminalizar igualmente o consumidor e o traficante de drogas, literalmente coloca muitos jovens à mercê das organizações criminosas e de um sistema policial arbitrário e corrupto. Ainda a esse propósito, é necessário ressaltar as dificuldades históricas que o país tem para desenvolver uma elaboração e uma luta pela democratização do “espaço público”, que consiga incorporar direitos sociais e civis de cidadania, direitos coletivos e individuais. A tudo isso se deve acrescentar a dificuldade histórica específica que os movimentos sociais têm para interagir com temáticas tão relevantes para a chamada condição urbana como, por exemplo, os problemas da dependência e, mais em geral, do consumo de drogas.

É preciso lembrar também que a violência muitas vezes não é discutida por quem a vivencia no seu dia-a-dia, o que acaba fazendo que ela pareça fazer parte do cotidiano, como coisa natural, corriqueira. No Jardim Nossa Senhora da Paz funciona um projeto da Rede da Cidadania, da Prefeitura Municipal de Londrina, que atende crianças e jovens de 7 a 13 anos no contraturno escolar. Eles desenvolvem atividades lúdicas, recreativas e recebem duas refeições. O pesquisador, em 2002, participou durante sete meses das atividades do projeto e constatou que as pessoas que trabalham com os jovens não estão adequadamente preparadas para lidar com a violência que é parte do cotidiano do bairro. Em uma segunda-feira, as crianças chegaram até um dos educadores e começaram a falar sobre os tiros que haviam sido disparados naquele final de semana. Elas tinham necessidade de discutir o fato e seria uma

excelente oportunidade para trabalhar a questão na escola, mas o educador cortou o assunto dizendo a elas que a violência estava do lado de fora que ali não haveria tiros e que não falassem mais sobre o fato. Esse fato poderia ter sido conduzido de outro modo pelo educador, pois a escola pode ser o espaço e o local adequados para a discussão da violência que as crianças presenciam todos os dias e onde os educadores poderiam contribuir significativamente para a compreensão dessa realidade, possibilitando a conscientização e o desejo de mudança.

Hoje assistimos à transformação da violência de meio utilizado para obter interesses, a uma nova forma de sociabilidade. O movimento circular do pensamento dominante, ao contrário, não consente que se dê uma adequada explicação a esses fenômenos. Em realidade, nos encontramos tanto frente a uma crise institucional baseada em um complexo sistema de deslegitimação, quanto a novos processos de difusão da violência, que não são uma alternativa à ordem estatal, nem se constituem como conflitos políticos. De fato, o exercício privado da violência se organiza no contexto de um processo de deslegitimação, que reduz a já enfraquecida ação do Estado. No Brasil urbano, grande parte da violência ilegítima é patrocinada por criminosos comuns... o que significa que é necessário entender o processo de organização social da violência, que é possível em razão da perda do seu monopólio por parte do Estado (DAMACENA, ARNAUD, 2001, p. 21).

O alto nível de violência presente na sociedade dificulta que se desenvolva uma reflexão mais profunda sobre o sentimento de medo e insegurança que atinge a todos. Hoje há muros cada vez mais altos, escolta, exigência de diminuição da idade penal de 18 para 16 anos, mais policiamento nas ruas. Isso reflete o medo da sociedade, que a incapacita para o diálogo e para uma reflexão mais profunda na busca de soluções concretas. As camadas mais pobres têm mais desvantagens, pois, ao mesmo tempo em que são o setor privilegiado para recrutamento da criminalidade e as suas principais vítimas, são ainda o setor mais vitimado pelo aparato repressivo-punitivo e o menos protegido pelo setor judiciário, além de ser estigmatizado, segundo a já muito conhecida e equivocada associação negro/pobre/ladrão (DAMACENA; ARNAUD, 2001, p. 21).

Os autores defendem que o individualismo pretende maior segurança por meio de um sistema absoluto de garantias, que nega legitimidade à diferença e ignora o outro. De um lado, o domínio do interesse individual destrói a segurança e, de outro, o excesso de segurança destrói a liberdade. Tende-se assim a abandonar, de várias maneiras, o espaço público com uma lógica diametralmente oposta à da expansão de direitos. A sensação de segurança não depende tanto da ausência do crime, mas da distância social, explicam os autores.

No Brasil, há alguns anos a questão de violência vem se tornando também um problema de saúde pública, devido às altas taxas de mortalidade e de seqüelas. As pesquisadoras Edinilsa Ramos de Souza e Maria Luiza Carvalho de Lima (2008) realizaram

um estudo buscando traçar um panorama sobre a violência urbana no Brasil. Elas fizeram uma análise epidemiológica, descritiva da morbidade e da mortalidade por acidentes e violência no Brasil e em suas capitais, utilizando dados do Sistema de Informações sobre Mortalidade e Internações Hospitalares do Ministério da Saúde, da Secretaria Nacional de Segurança, do Ministério da Justiça, do Departamento Nacional de Trânsito e do Ministério das Cidades. Os dados utilizados são os de 2002 e 2003.

Souza e Lima (2008) apontam que há elevadas taxas de homicídios e mortes por acidentes de trânsito; concentração dessas mortes na população jovem, negra e do sexo masculino e que existe, também, uma complexidade e multideterminação desses fenômenos. As pesquisadoras destacam ainda que há um processo de disseminação dos homicídios para outros municípios das regiões metropolitanas e do interior dos Estados.

Segundo elas, “a violência social que ocorre no Brasil e se expressa nos indicadores epidemiológicos e criminais a partir de eventos letais e não letais tem demonstrado uma magnitude e uma intensidade sem precedentes, maiores até do que as observadas em países em situação de guerra” (SOUZA; LIMA, 2008, p. 5).

As taxas de mortes por causas violentas nas grandes cidades brasileiras estão entre as mais altas do continente americano, mostrando uma tendência de crescimento que, desde a década de 1980, vem se acentuando. Dados do Ministério da Saúde mostram que o Brasil passou de 59 mortes por acidentes e violência por 100 mil habitantes na década de 1980, para 72,5 em 2002. Países da Europa têm taxas inferiores a 3 mortes intencionais por 100 mil habitantes e os Estados Unidos encontram-se na faixa de 5 a 6 mortes.

Vários estudos no país têm mostrado que a violência afeta a população de modo desigual, gerando riscos diferenciados em função de gênero, raça, cor, idade e espaço social. Apesar de ser um fenômeno visivelmente mais intenso nas áreas urbanas de maior densidade populacional, localidades que acumulam cerca de 75% do total dessas mortes. Estudos mais recentes revelaram um processo que os autores denominam como interiorização da violência. Esta decorre, entre outras causas, do percurso do tráfico de drogas em municípios do interior de vários Estados brasileiros, alguns dos quais produzindo-as e outros atuando como corredor para o seu transporte (Ministério da Saúde).

Em 2002, morreram 126.657 pessoas no Brasil devido aos acidentes e à violência, constituindo 12,6% dos óbitos por todas as causas, com a taxa de mortalidade por causas externas de 71,6 por 100 mil habitantes. A escalada da violência não pára: houve um crescimento do risco de morrer de 17% em relação à década de 1980 e de 3,3% em relação à década de 1990 do século passado (Ministério da Saúde)..

Dentre as causas externas específicas, as agressões (homicídios) e os acidentes de transportes apresentam, no ano de 2003, as mais elevadas taxas: 28,9 e 19,0 por 100 mil habitantes, respectivamente. Esses dois subgrupos concentram 66,8% de todas as mortes por causas externas. Em 2003, a taxa de mortalidade por causas externas nas capitais brasileiras variou de 53,8 a 120,1 por 100 mil habitantes (Ministério da Saúde).

Em 2003, 51.043 brasileiros foram assassinados. Foram quase 140 mortes por dia. As denúncias cotidianas feitas pela mídia e todo o conhecimento adquirido pelos estudos já realizados não têm sido usados para o desenvolvimento de mecanismos sólidos de enfrentamento dessa questão (Ministério da Saúde).

Por sua vez, as medidas tímidas adotadas contribuíram para um entendimento fatalista em relação a esse fenômeno e fortaleceram idéias de enfraquecimento do Estado e suas instituições diante da criminalidade, gerando medo e sensação de insegurança nos sujeitos e no imaginário coletivo.

A espacialização das mortes por homicídios em capitais brasileiras com densidade populacional, percentuais de urbanização, IDH, e ICV diferenciados indica que esse problema, além de se manter intensamente presente nas grandes e urbanizadas cidades do país, está assolando outros espaços sociais e envolvendo determinantes comuns, mas também distintos. Um deles se refere à conexão interna entre as diversas cidades do país e de suas capitais com as redes internacionais de tráfico de drogas, armas, mulheres/crianças, pedras preciosas, fauna e flora/madeira. Essas redes, que se articulam em torno de atividades ilegais, altamente perigosas e com rotas bem estabelecidas no país, têm se constituído como um processo social potencializador de homicídios (SOUZA; LIMA, 2008).

Além dos diferenciais intermunicipais, existem disparidades intramunicipais já demonstradas em alguns estudos. Cano & Santos, analisando áreas metropolitanas do Brasil, mostraram que o número de homicídios é mais alto nos bairros pobres e mais baixo nas áreas favorecidas das cidades, sendo essa região intramunicipal a que revela mais forte influência da variável renda. No entanto, ao comparar os Estados brasileiros, os mesmos autores concluem que as variáveis renda, educação e desigualdade têm impacto menos significativo nas taxas de homicídios do que a variável urbanização. Ou seja, as municipalidades com alta proporção de população urbana detêm taxas muito mais altas de homicídio (SOUZA; LIMA, 2008).

Uma característica marcante no padrão epidemiológico brasileiro dos homicídios é a intensidade dos coeficientes em uma população cada vez mais jovem. Nas faixas etárias que compreendem os adolescentes e os adultos jovens, dos 15 aos 29 anos, as taxas são extraordinariamente mais altas do que as verificadas na população como um todo. Em relação à taxa geral, a da faixa dos 15 aos 19 é 1,5 vezes maior; no grupo dos 20 aos 24 anos a taxa é

2,5 vezes maior; e entre as idades de 25 e 29 anos, o risco também é 2,1 vezes maior que o da população geral.

A diferença por sexo revela, invariavelmente, taxas mais elevadas no grupo dos homens. No país, em 2003, a taxa foi de 52,8 por 100 mil homens em relação a 4,3 por 100 mil mulheres, um risco de 12,3 vezes maior para os homens. Em algumas faixas etárias essa relação é ainda maior: entre os jovens de 20 aos 24 anos, a razão homem/mulher é de 17,2; e entre os adultos jovens, de 25 a 29 anos, ela é de 15,2 (SOUZA; LIMA, 2008).

Nos últimos 20 anos o número de assassinatos em nosso país cresceu 237%. Pesquisa divulgada pela ONU indicou que todos os anos 40.000 pessoas perdem suas vidas no Brasil, vítimas da violência, isso representa 11% das vítimas de todo o planeta. Segundo dados da Organização Mundial da Saúde (OMS), o Brasil registra a segunda maior taxa de mortalidade por agressão do mundo, estando atrás apenas da Colômbia, nação mergulhada numa guerra civil há mais de 30 anos (SOUZA; LIMA, 2008).

Apesar desses números assustadores sobre a violência, o Brasil possui, em média, um policial para cada 304 habitantes, índice comparável ao dos Estados Unidos. Há no país 535.244 policiais, compreendendo as polícias estaduais (militar, civil e corpo de bombeiros) e federais (rodoviária e federal). Entretanto, a polícia brasileira não está distribuída de maneira uniforme pelo território nacional, cinco estados concentram 55% do efetivo total, São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Bahia e Rio Grande do Sul.

Verifica-se que, dos 27 estados da Federação, 15 apresentam taxas de registro de crimes letais intencionais abaixo da média ponderada nacional e 12 registram valores acima desta média. Entre os Estados com taxas inferiores à média nacional: Pará, Rio Grande do Sul, Roraima, Mato Grosso, Tocantins, Piauí e Paraná tiveram decréscimo da taxa. Daqueles que exibiram taxas acima da média brasileira: Rondônia, Mato Grosso do Sul, São Paulo, Espírito Santo e Distrito Federal apresentaram redução das taxas. Nos outros estados as taxas cresceram.

Na Região Norte: Amapá, Acre e Rondônia exibem taxas de crimes letais intencionais acima da média nacional, sendo que em Rondônia houve redução, enquanto no Amapá e no Acre registrou-se aumento da taxa. Os demais estados da Região Norte apresentaram taxas de crimes letais intencionais abaixo da média ponderada nacional. Essa taxa cresceu somente no Amazonas.

Na Região Nordeste, também predominam os estados com taxas abaixo da média nacional. Somente Pernambuco, Alagoas e Sergipe exibem taxas de crime letal intencional

superiores à do país. Entretanto, em todos os Estados da região, exceto no Piauí, a taxa de crime por 100 mil habitantes aumentou.

Ao contrário do Nordeste, na Região Centro-Oeste a predominância é de estados com taxas de crimes letais intencionais acima da média ponderada nacional. Apesar disto, estas taxas diminuíram no período, com exceção de Goiás, onde se verificou aumento. O Estado do Mato Grosso foi o único que exibiu taxas abaixo desta média.

Na Região Sudeste, somente Minas Gerais apresentou taxas de crimes letais intencionais abaixo da média nacional, porém estas cresceram 25% no Estado. São Paulo e Espírito Santo, com taxas acima da média nacional, registram decréscimos de 1% a 15%. O estado do Rio de Janeiro, além de estar acima da média nacional, teve aumento de 14% no índice.

Os três estados da Região Sul tiveram taxas de crimes letais intencionais abaixo da média ponderada nacional. Além disso, no Rio Grande do Sul e, principalmente, no Paraná verificou-se redução do número de homicídios. Em Santa Catarina houve crescimento das taxas.

Em relação à incidência de registros de crimes violentos não letais contra a pessoa, verifica-se que somente seis Unidades da Federação possuem taxas superiores à média nacional: Minas Gerais, Mato Grosso do Sul, Bahia, São Paulo, Distrito Federal e Rio de Janeiro. Destes estados, Mato Grosso do Sul e Minas Gerais se destacam pelo crescimento das taxas de registro destes delitos. Entre os 21 estados com taxas inferiores à média nacional, cinco apresentaram redução da taxa: Ceará e Piauí, com decréscimo de 1% a 30%; Roraima, Amazonas e Mato Grosso, com declínio superior a 30%; 16 estados registraram aumento: Acre, Rondônia, Amapá, Pará, Tocantins, Rio Grande do Norte, Paraíba, Alagoas, Espírito Santo, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, com crescimento de 1% a 30% no período; Maranhão, Pernambuco, Sergipe e Pará, com expansão acima de 30%.

Todos os estados da Região Norte exibiram taxas de crimes violentos não letais contra pessoa abaixo da média ponderada nacional. No Amazonas e em Roraima, os índices decresceram mais de 30% no período, enquanto no Acre, Rondônia, Pará, Amapá e Tocantins aumentaram de 1% a 20%.

Na Região Nordeste, a Bahia registrou taxas superiores à média nacional. Houve, porém, redução na média do estado. Rio Grande do Norte, Paraíba e Alagoas exibiram taxas que cresceram de 1% a 30%, assim como Maranhão, Pernambuco e Sergipe, cujo aumento foi superior a 30%. No Piauí e Ceará as taxas diminuíram.

Dos Estados da Região Centro-Oeste: Mato Grosso do Sul e o Distrito Federal apresentaram taxas acima da média nacional, mas só a do Mato Grosso do Sul aumentou, enquanto a do Distrito Federal diminuiu. Em Mato Grosso e Goiás verificaram-se taxas abaixo da média ponderada nacional: no primeiro esta taxa diminuiu e, no segundo, aumentou.

Na Região Sudeste, com exceção do Espírito Santo, todos os Estados apresentaram taxas de crimes violentos não letais contra a pessoa acima da média nacional, com redução de 1% a 5%, em São Paulo, e acima de 20%, no Espírito Santo. Em Minas Gerais, esta taxa aumentou.

Todos os Estados da Região Sul registraram taxas de crimes violentos não letais contra a pessoa abaixo da média nacional e crescendo. Entretanto, as taxas do Paraná aumentaram mais no período do que as de Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

Em relação à incidência de crimes violentos contra o patrimônio, verificou-se, assim como no caso dos crimes violentos não letais contra a pessoa, que a maior parte dos estados brasileiros possui taxas inferiores à média ponderada nacional, sendo que em apenas sete estados, estas taxas são superiores à média nacional: Pará, Goiás, Rio de Janeiro, Distrito Federal, São Paulo, Rio Grande do Sul e Rondônia. No entanto, destes sete estados, somente Rondônia vem apresentando comportamento de decréscimo de sua taxa.

Na Região Norte, os Estados de Rondônia e Pará apresentaram taxas de crimes violentos contra o patrimônio acima da média nacional, entretanto, a taxa do primeiro diminuiu e a do segundo aumentou no período. As taxas no Amazonas, em Roraima, Amapá e Tocantins ficaram abaixo da média nacional, mas aumentaram no período, com crescimento de 1% a 50% em Roraima e Amapá e acima de 50% no Amapá e Tocantins. Dos estados que possuem taxas inferiores à média nacional, somente o Acre registrou taxas de crime decrescentes.

Todos os Estados da Região Nordeste apresentaram taxas abaixo da média nacional. No Maranhão, Bahia, Sergipe, Alagoas, Paraíba e Ceará as taxas cresceram no período analisado, sendo que as do Maranhão e Alagoas aumentaram mais do que as dos outros Estados. Por outro lado, Piauí, Pernambuco e Rio Grande do Norte exibiram taxas decrescentes no período, principalmente os dois primeiros.

Na Região Centro-Oeste, o Estado de Goiás e o Distrito Federal registraram taxas acima da média nacional e que cresceram no período analisado, com maior intensidade em Goiás. Mato Grosso e Mato Grosso do Sul tiveram taxas abaixo da média e que decresceram no período, principalmente no primeiro.

Todos os estados da Região Sudeste apresentaram taxas de crimes violentos contra o patrimônio que cresceram no período analisado, entretanto, as de Minas Gerais e Espírito Santo estão abaixo da média nacional e as de São Paulo e Rio de Janeiro acima. Na Região Sul, verificou-se comportamento semelhante à Região Sudeste. Todos exibiram taxas de crimes violentos contra o patrimônio que cresceram no período analisado, ficando abaixo da média nacional no Paraná e em Santa Catarina e acima no Rio Grande do Sul.

Em Londrina, cidade da região norte do estado do Paraná, pode-se verificar que, em 2003 o número de homicídios foi o maior verificado nos últimos anos, atingindo cerca de 400. Daquele período em diante, houve uma diminuição no número de mortes, mas um aumento nas taxas de furto e roubo na cidade. A sensação de insegurança entre a população é grande e, em 2007, ocorreram várias manifestações públicas pedindo o aumento do efetivo policial na cidade. Em 2008, após o assassinato de três mulheres, uma jovem encontrada morta dentro de uma faculdade particular; uma mulher assassinada dentro de casa em uma tentativa de assalto e uma enfermeira morta em uma pizzaria, enquanto jantava com a família, também ocorreram diversas manifestações pelo fim da violência.

3.1 Violência e Televisão

Segundo estatísticas do IBGE, a televisão está presente hoje em 98% dos lares brasileiros. A televisão é fundamentalmente visual. Ao captar som, imagem e movimento, garante, como nenhum outro meio de comunicação, a autenticidade e o realismo da transmissão e a noção de factualidade. A idéia de que espaço e tempo são fatores manipuláveis na apresentação da notícia está de algum modo camuflada no produto final mostrado pela emissora e por sua capacidade de trazer a realidade ao vivo. Esta ilusória aproximação do real proporcionada pela televisão torna a sua linguagem mais concreta e emotiva. Assistir à televisão não obriga a uma mobilização e a um esforço afirmativos. Por sua pregnância e impacto, esta é uma atividade em relação à qual os espectadores fazem com grande freqüência um uso cumulativo.

A programação televisiva é vista em todo o território nacional, por pessoas das mais diversas origens, situações econômicas, idades, sexo e religião. Segundo Eugênio Bucci (2005), o espaço público brasileiro começa e termina na televisão. O país se informa sobre si

mesmo, se situa mundialmente e se reconhece como país dentro dos limites impostos pela “telinha”. Na pesquisa realizada para o presente trabalho, percebe-se essa mesma perspectiva. A população se informa, inclusive sobre acontecimentos de seu próprio bairro, pela televisão. É ela quem faz a mediação dos fatos e confere a eles o estatuto de verdade. Fica mais fácil crer que aquilo ocorreu se a televisão mostrar.

O que é invisível para as objetivas da TV não faz parte do espaço público brasileiro. O que não é iluminado pelo jorro multicolorido dos monitores ainda foi integrado a ele... A vida privada brasileira se alimenta da mesma luz. É pela TV que as crianças ingressam no mundo do consumo, aprendendo a desejar mercadorias. É por ela que os adolescentes aprendem a namorar, que as donas-de-casa descobrem como decorar sua sala. A televisão consolida, com suas novelas, seus programas de auditório, os trejeitos e gestos dos apaixonados nas cidades do interior, o modo de vestir, de olhar ou não olhar para o vizinho (BUCCI, 2005, p. 11-12).

Isso, porém, não significa que a televisão faça o que quer com o telespectador, ela não determina o que cada pessoa vai fazer ou pensar, porém consegue ordenar hábitos dispersos em códigos de fácil reconhecimento. Para Bucci (2005), a influência da televisão tende a ser maior na pobreza do que na riqueza, em países subdesenvolvidos mais do que em desenvolvidos. Trata-se de proposição já colocada por Ciro Marcondes Filho em 1988, quando afirma que:

Nem todas as classes assistem à televisão com a mesma intensidade. Pesquisas norte-americanas realizadas por Nathan Katzman dão conta de que há uma estreita relação entre renda familiar e a audiência de TV. As famílias de maior renda assistem, em regra, a menos séries de televisão do que as famílias de menor renda. A relação pode ser observada também em nível educacional: quanto mais alto o nível escolar atingido pelo chefe da casa, menor é o índice médio de audiência de televisão (MARCONDES FILHO, 1988, p. 82).

Nesta pesquisa, constatou-se que o tempo gasto pela família participante do estudo de recepção com os programas da televisão é grande, pois há poucas opções de lazer e por serem as ruas do bairro perigosas, após determinados horários, a televisão torna-se quase a única opção de lazer e de entretenimento, inclusive por que não há o hábito de leitura.

Segundo Arlindo Machado, fala-se muito em “civilização das imagens” por causa da hegemonia da televisão a partir da segunda metade do século XX, mas a televisão é um meio bem pouco “visual” e o uso que o veículo faz das imagens, bem pouco sofisticado.

Herdeira direta do rádio, ela se funda primordialmente no discurso oral e faz da palavra a sua matéria-prima principal. Isso mudou um pouco nos últimos anos, agora há uma maior utilização de recursos gráficos computadorizados nas vinhetas de apresentação, mas, no essencial, a televisão continua oral, como nos primórdios de sua história, e a parte mais expressiva de sua programação segue dependendo basicamente de uma maior ou menor eloquência no manejo da palavra oralizada, seja da parte de um apresentador, de um debatedor, de um entrevistado, ou de qualquer outro. Não conheço nenhuma estatística a este respeito, mas a simples recepção cotidiana da televisão já demonstra (e se alguém duvida, basta, a qualquer

momento, “zapear” todos os canais de televisão) que a maioria esmagadora dos programas se funda na imagem prototípica de uma *talking head* (cabeça falante) que serve de suporte para a fala de algum protagonista. Talvez isso se explique por imperativos técnicos e econômicos: o depoimento oral, a entrevista, o debate, o discurso do âncora constituem as formas mais baratas de televisão e aquelas que oferecem menos problemas para a transmissão direta ou para o ritmo veloz de produção (MACHADO, 2001, p. 71-72).

A constatação desse fato também se dá na análise do programa Tempo Quente, pois a parte fundamental da transmissão está centrada na fala do apresentador, dos repórteres e dos entrevistados. Nesse aspecto, as imagens funcionam quase como ilustrações do fato. No caso do programa estudado há uma constante repetição das imagens. De acordo com Muniz Sodré:

A repetição (de imagens) é, portanto, também um elemento estrutural do discurso analógico da tevê. Mas ela não forma a mensagem progressivamente, pela acumulação interativa de relações simbólicas, e sim pela transparência significativa de cada imagem. É preciso que a significação seja imediatamente apreendida pelo telespectador, já que a situação de recepção (o espaço familiar) e a baixa definição da imagem televisiva não recomendam esforços de memória ou de perseverança (SODRÉ, 1984, p. 72-73).

Ainda segundo o autor, atribui-se uma importância tão grande ao verbal que ele acaba se impondo ao visual na televisão, pois verbal e visual se repetem exaustivamente no vídeo. Isso se dá pelo fato de a televisão ter um compromisso com o real e, portanto, funcionar sob a lógica da demonstração, da explicação. Ela pode mostrar qualquer coisa, mas tem que explicar, esclarecer e, nesse aspecto, a palavra impõe seu poder às imagens. Na tentativa de mostrar o real, a televisão constrói uma realidade na forma de representações sociais. Essas representações servem para formar opiniões e comportamentos, ajustando-os à realidade de uma determinada sociedade. No programa estudado, auxilia a regular comportamentos e opiniões sobre a criminalidade na região de Londrina - PR.

Em relação à preferência do telespectador, o telejornalismo e as telenovelas parecem ser os campeões de audiência. Segundo Ciro Marcondes Filho (1988), isso talvez explique o porquê dos noticiários serem produzidos como espetáculos. Para Pierre Bourdieu:

O princípio de seleção (dos jornalistas) é a busca do sensacional, do espetacular. A televisão convida à *dramatização*, no duplo sentido: põe em cena, em imagens, um acontecimento e exagera-lhe a importância, a gravidade, e o caráter dramático, trágico. Em relação aos subúrbios, o que interessará são as rebeliões... Os jornalistas, *grosso modo*, interessam-se pelo excepcional, pelo que é excepcional *para eles*. ... Eles se interessam pelo extraordinário, pelo que rompe como ordinário, pelo que não é do cotidiano – os jornais cotidianos devem oferecer cotidianamente o extra-cotidiano, não é fácil... Daí o lugar que conferem ao extraordinário ordinário, isto é, previsto pelas expectativas ordinárias, incêndios, inundações, assassinatos, variedades (BOURDIEU, 1997, p. 25-26).

O que importa no telejornal, incluindo o programa aqui estudado, é o impacto da imagem. Uma sucessão de imagens é “costurada” de forma que seu conjunto reforce uma

determinada mensagem. No noticiário, as imagens reiteram certa percepção de mundo que acaba fixada, mesmo que mediada e relida, na memória do espectador.

Outro aspecto distintivo da linguagem televisiva prende-se ao seu registro, algo paradoxal: um registro que chega massivamente ao grande público, mas atinge cada pessoa de forma mais ou menos intimista e personalizada, na privacidade da sua casa. Um registro dominado pelos grandes planos, simulacros da verdadeira interação pessoal face a face e que colocam o telespectador perante um desconhecido num ângulo de proximidade característica do contato interpessoal. Este efeito de personalização – captando a expressão, o gesto, o comportamento – irá dotar a comunicação de uma componente emotiva potenciadora da eficácia da mensagem, possibilitando uma avaliação muito próxima das qualidades pessoais e da credibilidade do comunicador.

O trabalho do telejornal acaba sendo o de recolher as notícias e criar, a partir delas, outra realidade. De acordo com *Ciro Marcondes Filho*:

O telejornal só extrai da matéria a parte que lhe interessa. O editor decide o enfoque que lhe dará, quanto tempo gastará para sua difusão, que manchete utilizará. Em suas mãos está a definição política do fato e como deverá repercutir na sociedade. O editor pode aumentar, reduzir ou simplesmente suprimir fatos (MARCONDES FILHO, 1988, p. 56).

Há, porém, a contrapartida: aqueles que são notícia também impõem os limites ao noticiário, apesar de exigir que o real seja nele retratado diariamente. No caso do programa estudado, isto também acontece. Todos querem ver os crimes e os acusados, desde que não seja nada diretamente relacionado a eles, a não ser que sejam as vítimas.

Se a TV não mostrasse a dor, a miséria e a morte, ela não poderia cultivar, ao mesmo tempo, a nostalgia do prazer, da alegria e da felicidade. O negativo na comunicação só tem sentido enquanto espelho invertido: nele olhamos o que não gostaríamos de ter nem de ver, ansiando pela chegada do “lado bom”. O negativo, enfim, existe não como oposição ao estado de serenidade e harmonia (aparente, ilusória) dos fatos, tampouco como rejeição, negação ou crítica do existente, que seria sua função verdadeira, mas apenas como contraponto da situação tranqüila almejada (MARCONDES FILHO, 1988, p. 58).

A violência é um forte componente dos conteúdos da televisão. Ainda de acordo com *Marcondes Filho* (1988), a violência é valorizada porque dá a quem assiste a sensação de que está fazendo as coisas de maneira correta e que aqueles que não seguem as regras são exemplarmente punidos. É a confirmação de que mesmo que tenha vontade de não fazer aquilo que lhe é imposto está correto em fazê-lo, porque existem normas e leis a serem cumpridas, seu sofrimento é compensado, nem que seja pela televisão.

O fora-da-lei, o criminoso, o marginalizado, o diferente, o ousado, o aventureiro, o irresponsável, o cabeça-fresca sempre acaba mal, pois o que vale é o princípio da

sensatez, é viver sob o padrão exigido. Nesse sentido, a violência da TV é idêntica à violência com que a sociedade trata todos aqueles que ousam romper com esse princípio de realidade e desafiar-la. Por isso, ela é valorizada, porque reconforta e tranquiliza o telespectador, passando-lhe a noção de que “não é só ele que sofre, mas todos, e todos têm de abrir mão de seus desejos”, uma vez que toda cultura não passa de um amontoado de privações (MARCONDES FILHO, 1988, p. 88).

A televisão retrata e reinventa a sociedade. Valorizando o sofrimento e confirmando certas práticas mais radicais, a televisão legitima a punição extra-oficial. A televisão não está produzindo a violência, na verdade, está liberando uma violência represada pelos mecanismos sociais. Os telespectadores estão acostumados a esta prática. É natural ver a violência como punição para “endireitar” o indivíduo, o que reforça a própria atitude violenta do telespectador em casa, na rua e no trabalho. A televisão não esconde que a sociedade é violenta, ela a reproduz totalmente. É possível que a grande força sedutora da exibição de fatos violentos esteja na esperança de que se possa ter uma ordem humana em que a agressividade e a violência encontrem a sua descarga e seu controle reequilibrador na contemplação dessa violência. Para Muniz Sodré (2002, p. 99-100):

A exibição do fato violento, de modo dramático ou não, é uma tentativa, às vezes infantilizada, de se lidar com a banalização do trágico no cotidiano de hoje. O desastre, a agressão, a monstruosidade teatralizados, discursivamente encenados funcionam como objeto fóbico capaz de circunscrever àquela representação específica a angústia generalizada em face da *destrudo* social... É desse modo que o aumento da visibilidade da *destrudo* e a crescente serialização dos eventos catastróficos (cataclismas, desastres, assaltos, homicídios, guerras) alimentam a estetização midiática da vida cotidiana, transformando o mundo num vasto teleteatro de acontecimentos sinistros. À destrutividade representada nessas ficcionalizações híbridas de realidade e imaginário corresponde a uma grande capacidade midiática de gerar fantasias apocalípticas, que ratificam o sentimento de precariedade da existência. Na atmosfera generalizada de *horror show*, em que o sofrimento do outro e o medo coletivo são produzidos como espetáculo, irrompem os discursos moralistas, as pregações em favor do retorno à velha moralidade, como instrumentos da gestão burocrática (policial, estatal) dos riscos de catástrofe. O apelo implícito à proteção dos que detêm o monopólio da violência legítima – ou seja, o Estado com seus dispositivos armados – acaba ensejando o desenvolvimento, na vida real, de uma ideologia policialesca de vigilância e de seguranças públicas, aonde vão desaguar algumas das diretivas da velha direita política.

Para o autor não se trata de apenas fazer cumprir as leis, mas principalmente de se elaborar leis como algo a ser mediado pela regra comunitária, isto é, “por um princípio vivido e reconhecido por todos os sujeitos de uma mesma cidadania” (SODRÉ, 2002, p. 105).

O programa aqui estudado, pela fala do apresentador, pela construção da representação dos acusados, faz exatamente o que diz o autor: uma apologia da ordem, manutenção e legitimação das leis que muitas vezes não são baseadas na regra comunitária ou estão calcadas em uma realidade que não mais existe. É claro que a televisão não dita regras,

mas as reforça, assim como a comportamentos e valores da sociedade. Martín-Barbero e Rey, (2001, p. 26) afirmam que é necessária

[...] uma crítica *capaz de distinguir* entre a indispensável denúncia de cumplicidade da televisão com as manipulações do poder e dos mais sórdidos interesses mercantis – que seqüestram as possibilidades democratizadoras da informação e as possibilidades de criatividade e de enriquecimento cultural, reforçando preconceitos racistas e machistas e nos contagiando com a banalidade e a mediocridade apresentada pela imensa maioria da programação – *e o lugar estratégico que a televisão ocupa nas dinâmicas da cultura cotidiana das maiorias*, na transformação das sensibilidades, nos modos de construir imaginários e identidades. Pois, encante-nos ou nos dê ascos, a televisão constitui hoje, *simultaneamente*, o mais sofisticado dispositivo de moldagem e deformação do cotidiano e dos gostos populares e uma das mediações históricas mais expressivas de matrizes narrativas, gestuais e cenográficas do mundo cultural popular, entendido não como as tradições específicas de um povo, mas a hibridação de certas formas de enunciação, de certos saberes narrativos, de certos gêneros novelescos e dramáticos do Ocidente com as matrizes culturais de nossos países.

4 CARLOS CAMARGO: UM AUTO-RETRATO

Neste capítulo relatar-se-á um pouco da história profissional e pessoal do apresentador do programa Tempo Quente: Carlos Camargo, a partir do retrato que ele faz de si mesmo. A história de sua vida profissional mostra-se importante para compreender a forma como é construído seu programa.

Carlos Alberto Camargo nasceu em 16 de fevereiro de 1966 em Londrina - Paraná, mas foi registrado em Marilândia do Sul - Paraná, pela avó. Para a obtenção das informações sobre o apresentador utilizou-se a entrevista aberta. Por questões de segurança, ele nunca fala os nomes de seus familiares, nem exatamente onde residem, informa apenas que a maioria da família reside em Londrina.



Figura 1 - Carlos Camargo, apresentador do programa Tempo Quente.

Fonte: Celso Pacheco - Arquivo Folha de Londrina.

Carlos Camargo: “Bom! Primeiro que nasci em um sítio, nos fundos de Paiquerê (distrito de Londrina), chamado 80 Alqueires, tem até hoje a propriedade rural lá e aquela época não tinha esse negócio do pai e mãe registrar os filhos todos do sítio, pessoas simples, fui ser registrado pela minha avó em Marilândia do Sul, por onde só passei uma vez até hoje. E tive com os meus pais, graças a Deus, uma família muito tranqüila, sossegada. Nós somos em quatro irmãos, somos todos homens em casa, e sempre trabalhando, desde pequeno meu

pai arrastava a gente. Meu pai saiu da roça, veio para a cidade para ser servente de pedreiro, depois aprendeu a profissão, hoje é mestre-de-obras, não está mais trabalhando, está parado lá na minha chácara. Ele levava a gente para as obras em que estava. Saíamos da escola, e no período da tarde que não tinha atividade nenhuma a gente ia trabalhar com ele. Não agüentava um balde de cimento, concreto, carregava duas enxadadas só dentro do balde, mas a gente ajudava, ficava lá trabalhando o dia todo. Acho que isso foi muito importante na nossa formação, tanto minha quanto dos meus irmãos. Hoje, tenho dois irmãos que moram aqui e um que está morando na Inglaterra, está trabalhando e estudando lá. Sou o primogênito, o mais velho. Fiz a oitava série no Colégio Estadual José de Anchieta e o primeiro ano do colegial no Colégio Estadual Vicente Rijo. No segundo entrei para o Tiro de Guerra, mas não consegui terminar a escola porque tinha que estudar, trabalhar e tinha que fazer o Tiro de Guerra, então tive que escolher. Não podia parar de trabalhar porque o dinheiro que ganhava era importante para ajudar em casa e Tiro de Guerra não tinha jeito de largar, então o estudo foi rifado. No ano seguinte voltei a estudar, desta vez no Colégio Maxi, fiz supletivo de segundo e terceiro colegial lá, tentei três vestibulares na Universidade Estadual de Londrina para o curso de Jornalismo (Comunicação Social com habilitação em Jornalismo), não consegui passar em nenhum, e não tive mais oportunidade. Agora, depois de velho, que posso pagar, estou fazendo o curso de Direito na Unopar, não mais de Jornalismo porque tem uma lei que diz que quem estava trabalhando antes de 1983 podia ser regularizado como jornalista. Então sou jornalista não de banco de escola, mas de exercício da profissão, jornalista provisionado.

Quando estudava, ainda na quinta série, tínhamos professores como Reinaldo Mathias Ferreira e outros que nos incentivavam muito a fazer teatro, participar das coisas do colégio e eu fazia muito isso, gostava muito, tive um incentivo sempre. Eles achavam que a minha voz era interessante e tal e sempre falavam... Aí foi aparecendo essa vontade. Com 17 anos (1983) fui fazer um teste na rádio Tabajara. Naquela época era rádio Tabajara! Quando cheguei lá o gerente comercial olhou para mim perguntou o que eu queria, disse que tinha ido fazer um teste de locução, então ele me tabelou (me enganou) e me mandou embora dizendo que não havia teste, que era para eu voltar em alguns dias. Aí, passados uns 15 dias liguei para ele, e pelo telefone ele achou minha voz legal e mandou eu ir até lá para fazer um teste. A hora que cheguei ele me viu e falou: mas é você? Você não esteve aqui semana passada? Eu disse estive, então fomos para uma gravadora que tinha nos fundos da rádio, ali na Rua Paranaguá (região central de Londrina) gravei o comercial de uma loja de brinquedos. Nunca tinha entrado numa rádio, não sabia nada de rádio. O técnico me ensinou: quando a música

der tal toque você entra lendo o texto e fiz uma interpretação bacana. Ele colocou numa fita para poder levar para o cliente, o cliente falou: se for desse jeito aqui, na voz desse rapaz eu quero. Como trabalhava praticamente de graça foi fácil me contratarem. Aí comecei fazendo programa musical.

Quando estava entrando no tiro de guerra, com 19 anos, o Neri Floriano, que era o repórter policial da época da rádio, no programa apresentado pelo tenente Machado, hoje major aposentado da reserva, foi pescar no Mato Grosso e morreu afogado e o Machado me chamou para tentar fazer polícia. Eu disse que nunca tinha feito, mas que se ele quisesse me dar uma oportunidade: Ele me levou à delegacia e me apresentou a todos e começaram a me dar as coordenadas e eu comecei a fazer polícia. A primeira entrevista que fui fazer, me lembro muito bem, foi no Jardim Nossa Senhora da Paz, aquela época era tudo chão lá ainda, o rapaz fugiu da colônia penal e veio para Londrina e tentou ter sexo com a irmã, a mãe interferiu e ele deu várias facadas nela. Uma pegou no seio dela que abriu, era uma senhora gordona, e outras duas na barriga, abriu as vísceras e ela ainda saiu de casa cambaleando e tinha uma cadeirinha assim de tirinhas, aquelas cadeirinhas antigas de sítio, ela sentou ali e morreu na frente da casa com os braços abertos. E me lembro que eu fazia entrevista com a filha dela, dentro de casa e com a polícia lá, mas não conseguia parar de tremer. Foi a primeira vez que vi uma cena daquela, então não conseguia parar de tremer, mas fiz a matéria e fomos para o ar e estou até hoje.

Passados alguns anos fiz o concurso da Polícia Militar e passei, e o Machado sempre me “pentelhando” para eu poder entrar para a carreira policial, entrei como soldado fiquei dois anos e meio na PM. Depois recebi um convite da rádio Paiquerê para trabalhar só na rádio, porque eu fazia boletins como auxiliar de relações públicas da PM para oito emissoras de rádio. Todas as emissoras que queriam boletim de polícia eu fazia, para as emissoras saía de graça e eu estava divulgando o batalhão. Aí veio o convite e eu aceitei porque a proposta era de ganhar o dobro do que eu ganhava, um pouco mais até, não tive dúvidas larguei a polícia e fui para a rádio. Eu fiquei dois anos e seis meses na PM e na rádio Paiquerê estou há 20 anos (começou em 1987). Na rádio Paiquerê não tinha programa policial na época e nós começamos o programa há uns 10 anos (1997)”.

O programa policial feito na rádio é um dos que têm maior audiência na cidade. A maioria dos ouvintes são também telespectadores. Carlos Camargo construiu seu nome a partir do rádio e seu estilo, mesmo na televisão, segue o padrão do rádio. A fala do apresentador tem a proximidade que o rádio demonstra com o ouvinte. Ele se expressa na televisão como se estivesse em uma conversa, o telespectador se sente próximo dele.

Expressões como “meu amigo, minha amiga” características do rádio estão sempre presentes. A repetição de palavras e informações é uma constante.

Jesús Martín-Barbero (2003) ressalta a questão do coloquial e da proximidade como fatores pensados e estratégicos para a aproximação com a audiência.

O apresentador-animador – presente nos noticiários, nos concursos, nos musicais, nos programas educativos e até nos “culturais”, para reforçá-los -, mais do que um transmissor de informações, é na verdade um *interlocutor*, ou melhor, aquele que interpela a família convertendo-a em seu interlocutor. Daí seu tom *coloquial* e a simulação de um diálogo que não se restringe a um arremedo do clima “familiar”. Durante muito tempo se criticou a *predominância do verbal* na televisão latino-americana como a melhor prova de seu subdesenvolvimento: era o rádio com imagens. Mas hoje, quando o desenvolvimento técnico e expressivo da televisão em boa parte de nossos países torna impossível essa explicação, começamos a suspeitar de que a predominância do verbal na televisão se inscreve na necessidade de subordinar a lógica visual à lógica do contato, dado que é esta que articula o discurso televisivo sobre o eixo da relação estreita e a preeminência da palavra em culturas fortemente orais (MARTÍN-BARBERO, 2003, p. 306).

Acredita-se que seja essa a lógica que predomina nos programas apresentados por Carlos Camargo tanto no rádio quanto na televisão. A intenção é criar proximidade e familiaridade com os ouvintes e telespectadores para que a mensagem seja transmitida.

O apresentador conta que foi a partir do rádio que surgiu a oportunidade de fazer um programa policial para a televisão, no início apenas uma espécie de boletim com cerca de cinco minutos, hoje são três programas que juntos ultrapassam duas horas diárias.

Carlos Camargo: “Dá rádio surgiu a oportunidade de fazer um piloto para a TV Tarobá, na época não era administração da família Muffato (proprietários da retransmissora da Rede Bandeirantes, em Londrina em 2007). Comecei com um programa de cinco minutos, depois 10, 15 e estou agora com esse monte de programa (duas edições no horário do almoço, uma de meia hora, outra de 1 hora, e 40 minutos no período da tarde dentro do Brasil Urgente de Luiz Datena). Comecei na rádio, então na verdade o meu programa na TV é basicamente o programa da rádio, o que faço lá trago para TV. Estou na TV há 8 anos (1999)”.

Essa é uma questão interessante porque de fato as matérias apresentadas o programa da televisão, principalmente no horário de maior audiência (13h), são basicamente as que foram produzidas durante a noite pelo repórter que trabalha tanto para o programa da rádio quanto para o da televisão. Ele utiliza o gravador e a câmera para poder produzir para os dois veículos. Quando o apresentador chega à emissora para fazer o Tempo Quente ele já ouviu todas as matérias na rádio. Os comentários que faz são baseados nas reportagens do rádio e não da televisão, ele assiste às matérias junto com o telespectador, mas como ouviu, pode comentá-las o que torna o programa muito mais radiofônico do que televisivo. Além disso, durante a realização da pesquisa, não se percebeu uma preocupação do apresentador com a

questão das imagens. Por exemplo, a necessidade de se repetir imagens para poder cobrir a fala dos entrevistados e dos repórteres, problemas de enquadramento que dificultam a utilização das imagens e até a própria qualidade da imagem. Essas características reforçam a ênfase que o apresentador dá à fala e acabam reforçando também a proximidade dele com os telespectadores, aumentando a empatia e o carisma, explicando, em parte, a grande audiência do programa. O telespectador se sente mais próximo e tem no apresentador um amigo, alguém com quem ele pode compartilhar, características de apresentadores de programas de rádio.

O apresentador conta que nunca imaginou trabalhar na área policial, mas que a oportunidade apareceu e agora gosta do que faz. Quanto a pretensões políticas, assunto que sempre é discutido na cidade, uma vez que o programa tem grande audiência e Camargo, muita popularidade e até fãs, ele diz que não tem nenhuma intenção de se candidatar a cargos políticos e que já ajuda muita gente por meio de seu programa sem que haja necessidade de se envolver com a política. Até agora a idéia tem prevalecido. Mesmo em época de eleições o apresentador sequer manifesta seu apoio publicamente a algum candidato. Entretanto, sempre faz comentários políticos tanto sobre segurança quanto em relação a problemas da administração da cidade, cobrando das autoridades competentes as soluções.

Carlos Camargo: “Não pensava em trabalhar com isso, nunca foi meu sonho, nunca tive a pretensão de trabalhar na área policial, mas apareceu a oportunidade. Fui ficando, me acostumando, gostando da história. Agora até me perguntam por que você não sai candidato para ajudar os outros. Olha, eu ajudo as pessoas com mais facilidade pelo meu programa, não preciso ter cargo para poder ajudar, a pessoa tem um buraco lá na rua dela, entra no ar no meu programa na rádio Paiquerê, a gente fala até cansar o saco de alguém que vai lá e conserta. Quando tem uma árvore caindo na porta de alguém, a pessoa liga, a gente coloca no ar, vai atrás, dali a pouco a pessoa não fez o serviço, a gente já pede para a pessoa que entrou em contato ligar de novo se não fizer o serviço até tal data, o cara que prometeu que iria fazer, a gente liga para ele de novo até consertar. Então, para quê se meter com determinadas coisas se eu posso fazer aqui, mais que em outro lugar e estou fazendo o que eu gosto. Quando se faz o que se gosta se faz com amor, se faz com carinho”.

Camargo acredita, também, que nada acontece por acaso na vida, ou seja, tem uma crença em um “ser superior” que determina o destino dos homens, o que contradiz, pelo menos em parte, sua fala segundo a qual as pessoas devem escolher o caminho do trabalho e da honestidade e não o do crime.

Carlos Camargo: “Acredito que as coisas que você tem que passar, as provações que enfrenta estão escritas lá, tem um lá em cima que sabe. As pessoas perguntam se tenho medo

de morrer. Claro, quem não tem receio de morrer, mas eu não fico marcando toca por aí. (Gíria que significa que ele não costuma se expor). Eu não fico em botecos, quando vou a um restaurante estou sempre de costas para a parede, sempre observando quem está perto. Tomo as minhas precauções. Não vou a qualquer lugar, não exponho a minha família, as pessoas sabem o nome da minha mulher, mas não a conhecem, somente quando a vêem comigo ou são apresentadas, quando tem um relação mais próxima.

Mas acredito que aquilo que vai acontecer comigo já está escrito, vai ter um dia que eu vou morrer e se for de tiro, de facada, de qualquer outra coisa está lá, está escrito. Eu já tive um problema de gastrite, fui para o Evangélico (hospital), eles acharam que eu estava num quadro de infarto, fizeram um cateterismo. Pelo menos serviu para saber que o coração estava bom. Não poderia ter sido aquele o meu dia?”

Em relação à vida profissional, Camargo é bastante enfático ao atribuir sua chance de trabalhar e construir uma carreira na área policial a duas pessoas: um tenente da Polícia Militar, tenente Machado, e a um dos proprietários da rádio onde começou e mantém até hoje um programa policial: o empresário JB Faria. Segundo ele, foram essas pessoas que lhe deram a primeira oportunidade e ensinaram o necessário para começar na profissão. O tenente, inclusive, foi quem o apresentou aos policiais. No meio policial, ao menos entre a maioria dos policiais, o apresentador é bastante respeitado, quando ele está em férias existe até certa dificuldade em se obter informações, sendo necessária a sua intervenção para que os repórteres possam realizar as matérias.

Carlos Camargo: “Na minha vida profissional, tem duas pessoas as quais sou muito grato, o tenente Machado, que foi quem me abriu as portas, e o JB Faria (um dos donos da Rádio Paiquerê) dois exemplos de pessoas que, além de serem responsáveis, são muito honestas. Isso me deu uma base legal para poder me estruturar. E é aquilo, você não consegue fazer as coisas, não consegue nada nesse mundo, se não tiver sacrifício. Então, eles conseguiram me enfiar isso na cabeça e eu trabalhando sempre, começando todo dia 5 horas da manhã indo até a noite. É um trabalho árduo. Muita gente diz que apresentar programa é fácil. Vou dizer, hoje, para dizer bem a verdade, já estou no paraíso, estou com uma tranquilidade muito grande, quer dizer em termos de correr atrás de fazer matérias e tudo mais porque tenho repórteres contratados que fazem esse serviço para mim, mas antes, quando eu tinha que fazer tudo sozinho? Cruzar e cabecear, não tinha tempo para apresentar tantos programas”.

Quando começou, o apresentador fazia as matérias na rua e voltava para a emissora para apresentar o programa. Foi assim que obteve uma proximidade com a polícia e tem

fontes seguras dentro da corporação, muitas vezes obtendo informações privilegiadas. E também um contato grande com a população, o que lhe garante audiência e credibilidade. Mas há muitas ameaças e também processos por parte daqueles que sentem prejudicados com os comentários e mesmo com a abordagem que é feita para as entrevistas. O estilo utilizado pelos repórteres é o mesmo que o apresentador tinha quando fazia as próprias matérias. Hoje, raramente, Camargo vai para rua fazer reportagens, sua função é a apresentação e os comentários.

Carlos Camargo: “Hoje (2007) tenho uma hora e meia de programa na rádio Paiquerê das 5h30 às 7 horas, depois tenho mais duas horas e meia das 9h às 11h30. Aí, venho para TV, tenho meia hora na primeira edição (12h-12h30) e 1 hora 5 minutos na segunda (das 13h às 14h05) e mais 40 minutos (das 18h20 às 19h) no Brasil Urgente. Então, fico no ar bastante tempo falando, cerca de seis horas de segunda a sexta. Por isso, não dá mais tempo de ficar correndo atrás de fazer matérias. No começo fazia praticamente sozinho, quando comecei na rádio Paiquerê, por exemplo, não tinha programa policial, então só fazia boletins, ia para delegacia gravava e usava aqueles trechos das entrevistas nos programas, não tinha um programa policial específico. Na televisão, logo que comecei fazia tudo, praticamente sozinho, inclusive não tinha nenhum auxiliar, fazia edição, as laudas, tudo enfim. Por isso, digo que hoje estou no paraíso. Tem a produtora que auxilia aqui e mais cinco pessoas que trabalham comigo para ajudar na produção do programa e à tarde ainda tem um outro editor”.

Segundo o apresentador, seu programa tem telespectadores em todas as classes sociais, apesar dos diretores da emissora acreditarem que o público específico, inclusive para o qual o programa foi concebido e criado, sejam as classes C, D e E, público maior entre os telespectadores do programa. Porém, em um levantamento preliminar, verifica-se que de fato há telespectadores em todas as classes, mesmo que muitos digam que só assistem eventualmente, por considerarem que não é um programa pelo qual seja “adequado” demonstrar interesse, já que trata das mazelas, desgraças e crueldades humanas de uma maneira que as espetaculariza. Outros admitem que assistem, mas afirmam que é somente por causa de suas profissões, porque o programa traria informações úteis para sua atuação profissional. Então, o apresentador tem certa razão ao afirmar que possui espectadores em todos os níveis sociais.

Carlos Camargo: “Eu tenho telespectadores de todos os níveis, inclusive nas pesquisas de Ibope que têm na emissora mostram telespectadores de todas as classes. Tenho juízes que me assistem, por exemplo, o doutor João Cleve, a doutora Lígia Maejima, doutora Oneide Negrão, juíza trabalhista, advogados que assistem, que me encontram e comentam a

respeito das matérias, tem médicos, por exemplo, o doutor Luis Carlos Miguita (cardiologista) que é um cativo telespectador. Além deles tenho também a dona Maria, mulher do seo Zé que mora lá no Jardim Perobal (zona sul), que também são telespectadores nossos e que são pessoas simples, que às vezes um termo rebuscado não conseguem captar, não conseguem entender o que é aquilo, então você tem que explicar, traduzir. Mas tem que usar as duas coisas, se coloca um termo que é mais complicado, mas que o advogado está vendo que você entende, está sabendo o que está falando, e aí você explica o que é aquele termo. Porque não adianta nada colocar apenas o juridiquês para o povão que daí o advogado vai entender, mas quem não milita, não está na área jurídica e o resto do povo como é que faz? Então você tem que dar a explicação também, busco fazer isso nos programas, não sei se consigo com a eficiência que eu gostaria, mas tento fazê-lo”.

Pelo que foi observado, durante a realização da pesquisa, o objetivo do apresentador, ao explicar os termos jurídicos, tem sido atingido, uma vez que a audiência é grande, cerca 58% no horário das 13, segundo dados de uma pesquisa do Ibope realizada a pedido da emissora. E, também, porque entre os participantes da pesquisa de recepção essa foi uma fala constante. Eles gostam quando o apresentador explica os termos jurídicos, explica o que o delegado ou investigador quis dizer. Muitas vezes, explica inclusive as gírias policiais que são utilizadas, apesar disso acontecer em menor número de ocasiões. O uso do jargão policial e até mesmo de expressões utilizadas pelos bandidos também é uma característica do programa. Esses termos, na maioria das vezes, não são explicados, parece que estão incorporados ao dia-a-dia de quem assiste ao programa e é comum nos bairros ver crianças e adolescentes utilizando-os, inclusive em suas brincadeiras. Para quem não está familiarizado com o jargão policial e as gírias tanto de policiais como de criminosos, é como se fosse uma linguagem cifrada, uma língua para iniciados. Essa linguagem está tão incorporada ao apresentador que é utilizada corriqueiramente. Inclusive, durante as entrevistas para a realização desta pesquisa, muitos termos policiais e de criminosos foram utilizados pelo apresentador, demonstrando que essa é sua linguagem habitual quando exerce sua identidade de apresentador de programa policial.

O apresentador acredita que seu público o assiste justamente para ouvir o que ele tem a dizer sobre as reportagens que apresenta. Para ele, sua função vai além de apenas ser o apresentador. Ele precisa oferecer uma interpretação ao que está sendo mostrado e emitir sua opinião sobre o assunto.

Carlos Camargo: “Quando faço os comentários, quero crer que o telespectador que está em casa está para ouvir o que eu tenho a falar a respeito daquilo. A minha opinião talvez

seja um ponto de apoio daquela matéria, não que a minha opinião seja o fato verdadeiro, mas eu estou há 22 anos fazendo isso, então conheço Londrina como a palma da minha mão, conheço tudo quanto é buraco que tem nessa cidade, já passei por tudo quanto é ruazinha que tem por aqui, mesmo antes de serem asfaltadas, conheço os problemas da cidade. Hoje em dia se você fala para mim o nome de uma rua, por exemplo qualquer rua que tenha nome de serra é Jardim Bandeirantes, planetas, Jardim do Sol. Então você tem ruas de Conjuntos Habitacionais algumas que são conhecidas que você lembra de cabeça, então você conhece o problema, tem conhecimento daquilo que está ali. Acredito que o telespectador espera que eu diga aquilo que ele gostaria de falar. Eu faço o programa voltado para mim, não coloco no ar aquilo que não gostaria de ver, não falo aquilo que não gostaria de ouvir. Então, procuro trazer um programa dentro do meu nível de relacionamento, de conhecimento, dentro daquilo que gostaria de ter em casa se estivesse com meu filho ao meu lado em casa como é que faria, o que assistiria, que comentário seria interessante ouvir. Então tudo isso levo em consideração na hora de tecer um comentário. É a palavra da pessoa que está ali na área que conhece e a palavra de quem está apresentando.

É diferente de você, por exemplo, num jornal, pode ser até em televisão mesmo, que você não tem opinião, é diferente, quando você vê uma notícia e ouve uma opinião, vê uma pessoa emitindo seu parecer a respeito, você tem mais conhecimento, mais embasamento daquilo, às vezes você fala: esse cara está falando besteira, a matéria foi disso o cara está falando daquilo, acontece disso também, a gente é crítico tem conhecimento disso também, a gente vê as coisas que acontecem, assisto televisão também. Procuro ter uma linha de pensamento assim: acho que é interessante para quem está em casa, claro assistir a matéria, ouvir os nossos comentários e ouvir da minha boca aquilo que a pessoa que está em casa gostaria de dizer. Tem muitas vezes que a pessoa gostaria de dizer está faltando polícia aqui no meu bairro, ela não tem condição de falar, e mesmo que fale não vai ser ouvida. Aqui não, eu tenho o microfone na mão”.

O apresentador requer para si a identidade de porta-voz do cidadão, daquele que tem a função de dizer, a quem detém o poder de resolver o problema, o que precisa ser feito. De acordo com Denis Cuche (1999, p. 177):

A identidade social de um indivíduo se caracteriza pelo conjunto de suas vinculações em um sistema social: vinculação a uma classe sexual, a uma classe de idade, a uma classe social, a uma nação, etc. A identidade permite que o indivíduo se localize em um sistema social e seja localizado socialmente... A identidade social é ao mesmo tempo inclusão e exclusão: ela identifica o grupo (membros do grupo os que são idênticos sob um certo ponto de vista) e os distingue dos outros grupos (cujos membros são diferentes sob o mesmo ponto de vista).

Pode-se afirmar que todos exercem vários papéis na sua vida diária, tanto na intimidade familiar, como na vida profissional, e, entre os amigos, para cada um destes papéis é necessária uma identidade. Não se atua na profissão como em casa, são exigidas posturas diferentes, continua-se a mesma pessoa, mas com algumas formas de atuar que diferem conforme o papel a ser exercido. Para Stuart Hall (1997, p. 13) “o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um ‘eu’ coerente”. Essa identidade requerida precisa ser reconhecida pelo outro para que se realize, a atuação dentro da identidade requerida se dá por meio do modo que se imagina que o outro nos vê. “Eu sei quem ‘eu’ sou em relação com ‘o outro’ que não posso ser (HALL, 1997, p. 40-41)”. No caso do apresentador que requer a identidade de porta-voz da comunidade, ele só pode exercê-la porque assim é reconhecido pelos outros, tanto seus pares na televisão como pela comunidade que acredita que ele representa e expressa as opiniões que eles não podem, por não terem acesso ao meio de comunicação.

Carlos Camargo: “E tenho essa resposta do telespectador, muitas comentam comigo, gostei do que você disse, era o que teria dito, concordo com você. Por exemplo, no dia da Bondade (evento promovido pela emissora para arrecadar doações, todos os programas locais são transmitidos do local do evento e o público tem acesso aos apresentadores) foi levada lá uma senhora de mais de 70 anos, ela já está com problemas nas pernas e não consegue caminhar direito. Então o genro e a filha foram levando ela, aí ela ficou sentadinha lá em um canto. Eu estava fazendo o programa, aí o genro me disse: Camargo, minha sogra está ali, ela precisa falar com você, ela te assiste todo dia e fica conversando com você na televisão. Ele me contou que ela diz concordo com você Camargo, é isso mesmo, ela fica dialogando comigo na TV, não sei se como ela tem outras pessoas e lúcida viu, não é louca não. Você conversa com ela, ela se lembra das matérias que foram ao ar, sabe o nome de todo mundo, é interessante, são situações assim que cativam.

Mas tem também o outro lado já recebi um monte de ameaças, todo dia tem ameaça, se você tiver medo de ameaça não sai de casa, se tiver medo de trabalhar não sai de casa, você pode ser atropelado, corre o risco de acontecer alguma coisa. Claro que minha profissão é arriscada, mexo com a parte podre da sociedade, então é a ralé, é o cara que não tem mais o que perder, então para levar a ameaça dele a cabo não custa”.

Nessa fala do apresentador fica clara a representação que ele faz dos acusados de crime, para ele são pessoas ruins, de má índole que não têm mais nada a perder.

Carlos Camargo: “Tenho problemas jurídicos também, tem várias pessoas que entram na Justiça recebi agora (2007) um pedido de um cara que entrou com um processo

contra mim, na verdade contra a TV, pedindo mil reais de indenização porque... ele acha que a moral dele vale mil reais... eu coloquei uma matéria no ar do irmão dele que foi preso e que deu o nome dele. Aí coloquei o nome do cara no ar, ué vou saber que é seu irmão que está dando seu nome, nem a polícia sabia, aí coloquei a matéria no ar, o rapaz está me processando porque dei o nome dele no ar na TV e não o nome do irmão dele. Em vez de processar o irmão, teria que pegar o irmão né, bater no irmão, não vir atrás de mim. Então tem muito disso, por exemplo, fui processado pelo Jorge Macri, um dos maiores ladrões que tem nesse país, ladrão de carro, de banco, receptador e aí ele pegou e colocou tudo isso no processo, que eu denegri a imagem dele o acusando de tudo isso. No dia da primeira audiência o juiz mandou cancelar, trancar o processo, porque ele não apareceu porque havia mandado de prisão expedido contra ele. E é gente boa, se dá ao luxo de me processar, tenho casos assim, infelizmente tem gente assim que acha que está certo. Cada um tem a sua verdade.

E isso tem tudo a ver com o *slogan* do programa “A crítica só a quem merecer”. A criação dessa frase uma coisa de felicidade, a primeira vez que eu vim para o estúdio para fazer um piloto fizemos uma gravação de três matérias e ao final eu disse: Aqui amigo existem três versões: a minha, a sua e a verdadeira. Achei interessante e coloquei no ar, aí repeti duas, três vezes e as pessoas me encontravam na rua e comentavam que haviam gostado, outras gritavam a frase quando me viam. Tem uns que dizem que é a do bandido, a da polícia e da vítima, já tem várias versões aí, mas o meu *slogan* é a minha, a sua e a verdadeira, pegou e usamos até hoje. No programa das 13 horas sempre termino com “Aqui, a crítica só a quem merecer”, os outros termino de forma diferente”.

Nas propagandas feitas ao longo da programação da emissora, como chamada para o programa Tempo Quente, aparece como *slogan* a frase “Em um fato existem três versões: a da vítima, a do bandido e a verdadeira”. Como nas matérias sempre aparecem entrevistas com a vítima, com o acusado e com a polícia, levanta-se a suspeita de que a versão verdadeira seria da polícia, fato negado pelo apresentador, que alega que o *slogan* surgiu quase por acaso durante a gravação do piloto para o programa. Porém, muitos acreditam que essa seja de fato a versão que o programa defende como verdadeira, por Camargo ter sido policial. O “aqui, a crítica só a quem merecer” também é questionável, pois quando da prisão do ex-prefeito de Londrina Antônio Belinati acusado de desvio de verba. O apresentador fez poucos comentários e os repórteres, que sempre fazem comentários jocosos e ridicularizam os acusados, trataram o prefeito por doutor e pediram que ele desse uma declaração, em vez de simplesmente enfiar o microfone no rosto do acusado, prática comum nas entrevistas.

O apresentador preza muito o contato com o público que o programa proporciona, uma vez que é este público que garante sua audiência e o mantém na área de programas policiais há 20 anos.

Carlos Camargo: “Uma coisa boa do programa é que o público tem esse contato, dá essa resposta principalmente as crianças. O que mais gosto é quando criança me fala as coisas porque ela é espontânea, olha para você e fala: você está barrigudo hein, você é gordo. Camargo, essa gravata sua é feia demais. A criança, quando faz uma crítica, faz sem segundas intenções.

Acredito que tenho uma responsabilidade muito grande porque muitas crianças e jovens me assistem, busco sempre alertar para os problemas que as drogas causam, porque a grande incidência do consumo de droga que nós temos que é o carro-chefe de tudo, desses crimes que vêm acontecendo. Acredito que tenho uma responsabilidade grande já que as crianças me assistem, gostam de mim, gostam do tio Camargo. Quando você pega jovens que estão assistindo você tem que tentar enfiar na cabeça deles que o trabalho é a melhor coisa que tem, longe das drogas”.

Camargo segue a premissa comtiana que se lê na bandeira do Brasil “Ordem e Progresso”. Mesmo na sociedade atual em que as chances são extremamente desiguais, defende e acredita que pelo trabalho se pode chegar a algum lugar.

No bairro onde se realizou a pesquisa de recepção do programa, as desigualdades começam pelo fato de que mesmo os adultos têm dificuldade de conseguir emprego quando revelam onde moram. Se, pelas estatísticas dos próprios governantes, o mercado de trabalho está fechado para os que têm formação e experiência, de que modo o jovem que está em formação e não ainda não tem experiência profissional poderá integrar-se ao mercado de trabalho?. O apresentador acredita que, como a ele foi mostrado que o trabalho é que “dignifica o homem”, é possível por meio de um programa policial da televisão mostrar aos jovens, principalmente, que o caminho do trabalho, que servir à sociedade é o mais correto. Ele parece ignorar o fascínio que o proibido exerce, principalmente em jovens que estão em formação, na fase em que o desejo de ter coisas materiais e pertencer a um grupo faz ignorar os riscos. Além de pesquisas realizadas com jovens terem demonstrado que eles acreditam que as coisas ruins somente acontecem com os outros jovens.

No programa, a forma como o apresentador procura passar as informações e exercer o que chama de “sua responsabilidade”, por haver crianças e jovens assistindo se revela eficiente, por um lado porque muitas crianças e jovens o têm como modelo; por outro,

provoca, muitas vezes, a revolta em jovens e até em acusados de crimes que cobram dele como vencer pelo trabalho se o mercado está cada vez mais fechado.

Em programa exibido durante a realização da pesquisa, um homem, recém-saído da prisão, após cumprir pena, foi até o programa para falar com o apresentador dizendo que este sempre questiona porque o indivíduo não vai trabalhar em vez de roubar. Ele deu entrevista dizendo que havia dois meses que procurava emprego, mas ninguém queria lhe dar uma chance, por já haver cumprido pena. Então, foi até o programa para que o apresentador, que sempre manda o bandido trabalhar, lhe arrumasse um trabalho. O telespectador ficou sem saber o desfecho porque não houve resposta do apresentador para o caso.

Mas a credibilidade de Camargo continua em alta. Aqueles que convivem e trabalham com o apresentador acreditam que sua credibilidade foi construída por ele ter vindo de uma família pobre e ter “vencido”, ser conhecido, ter vários programas, ser respeitado entre as autoridades do poder público, ter dinheiro e *status*. O próprio apresentador reforça a idéia de vencer “com o suor do rosto”, colocando sua credibilidade como fruto do trabalho, esforço e honestidade.

Carlos Camargo: “A credibilidade que conquistei vem do trabalho que fazemos. Procuramos fazer um trabalho com aquilo que virou o *slogan* do programa: a minha, a sua e a verdadeira, então são três versões que a gente procura colocar no ar. Não estou aqui para dizer se você está certa ou errada, estou aqui para mostrar o fato envolvendo você. Aí tenho lá a sua versão, a da pessoa que está acusando você e a da polícia, sempre tentamos colocar no mínimo as três. E muitas vezes a pessoa acusada de um crime, até por orientação equivocada de advogados, se reserva o direito de permanecer calada. Ela, na verdade, abre mão de uma coisa que a Constituição lhe garante que é o direito à ampla defesa. Então, o inquérito policial se transforma em um direito de defesa da pessoa, e quando abre mão dele está quase que corroborando com aquilo que a polícia está acusando, então é como se a pessoa fosse realmente culpada daquilo que está sendo acusada. O que a gente procura fazer é sempre colocar as três versões, a não ser que de repente a pessoa não queira falar, aí vai se fazer o quê, não dá para obrigá-la a falar. Talvez esse seja o fator que traz essa credibilidade, procurar trazer as versões de todas as pessoas envolvidas.

Mesmo o acusado de cometer um crime tem direito de se defender. Bandido para mim é aquele que comete o crime, que é pego em flagrante. Aí tem o que se chama na Constituição a lei de amplo direito de defesa que o cidadão tem a presunção de inocência tão falada aí por esses bandidos do colarinho branco, que para mim são os marginais piores que tem na sociedade, são os que roubam quantias vultuosas. Quando se fala na presunção da

inocência como se presume inocência de alguém que é flagrado dentro de uma casa apontando uma arma para uma pessoa?

Eu tive uma conversa com um professor de direito penal da PUC, em um congresso, e ele tem um posicionamento radical quanto a isso: o professor diz que todo mundo tem direito. Aí citei um caso em que a pessoa não me deu entrevista, mas contou as humilhações que ele e a família passaram durante um assalto, inclusive abusaram sexualmente da filha e da mulher dele. Os vizinhos perceberam a movimentação e chamaram a polícia que pegou os caras saindo da casa, os três dentro do carro da vítima, teve perseguição e tudo, pegou os três caras dentro do carro, armados, reconhecidos pelas vítimas, estavam de cara limpa na delegacia.

Qual a presunção de inocência que se tem num caso desses? Aí a imprensa é culpada porque coloca o cara como bandido? E não é? O que um cara desses é? Isso é gente? Isso pode ficar no meio da sociedade? Ou é um bicho que tem que ser tirado da sociedade? Então, quando se fala em determinadas coisas que são radicais, não concordo com elas. Traçar um perfil, dizer para você, aquele cara ali é um bandido ou aquele cara ali pode ser um bandido um dia na vida, é difícil fazer. Porque você tem bonitinhos que aparecem nas novelas, em filmes daqui a pouco o cara espancando a mulher em casa. Quantos artistas já fizeram isso. Você vê o cara envolvido com furtos, drogas, às vezes, até atletas, jogadores de futebol. Então não tem jeito de traçar um perfil.

É claro que os fatores que envolvem a criminalidade são muitos, não é polícia na rua prendendo, enchendo cadeia que vai resolver o problema da criminalidade, o governo não acorda para isso. Enquanto não tivermos uma política de habitação... Lá no São Jorge (bairro de Londrina que era um assentamento e recentemente foi urbanizado), por exemplo, era um bairro fera em Londrina, não tinha semana que não tinha dois homicídios lá. Quando se colocou asfalto, se retirou aquele chamado cavalete comunitário que se colocou água encanada para as pessoas, quando o projeto Onde Moras? (projeto que constrói moradias com sobras de demolições) construiu mais de 80 casas no bairro, acabou, ninguém ouviu mais falar em São Jorge.

Hoje se fala de Nossa Senhora Aparecida, que é um assentamento do lado do São Jorge onde crimes estão acontecendo. Porque infelizmente as pessoas vivem em um submundo ali. Por que a Bratac (Jardim Nossa Senhora da Paz) é interessante para o traficante? Porque é difícil para a polícia chegar lá, até a polícia chegar já guardou a droga, interessa ao bandido locais assim de difícil acesso, que não tem asfalto, porque daí a polícia

não tem facilidade para chegar, e o bandido fica tranqüilo, livre. São essas coisas que pegam muito.

O Novo Amparo era outro bairro que era uma desgraça aí se colocou água encanada, rede de esgoto, se fez o asfalto, abriu-se mais uma entrada, porque agora se entra também pelo Farid Libos (bairro) antes se entrava apenas pelo Santa Luzia, pela BR. É claro que a criminalidade não acabou ainda, precisa abrir mais bairros ali por perto, a hora que tiver mais uns dois, três bairros ali perto do Novo Amparo você vai ver como acaba aquilo. Hora que aquelas fazendas que estão ali em volta comecem a ser loteadas, aí acaba, o Novo Amparo vai ser um bairro tranqüilo e sossegado.

O União da Vitória também era o bicho da goiaba, agora não, é muito mais tranqüilo porque são vários os pontos de acesso. Então tem que ter escola, saúde, posto de saúde no bairro, atendimento adequado, condições para a pessoa habitar. Porque é difícil estar dentro da sua casa, desempregado, com filho passando fome, a água e a luz cortadas, sem ter de onde tirar, saber o que vai fazer. Como é que o pai de família pensa? Se bem que a maior parte dos crimes que estão sendo registrados hoje não são por causa disso. Não é o pai de família buscando o que dá de comer para os filhos.

A maior parte dos crimes ocorre por causa da droga, se vê sempre: morreu porque tinha um papelote de droga na mão e está acontecendo cada vez mais com os jovens. Então, eles estão se acabando, estão se matando, só que por outro lado a sociedade também é conivente com isso, porque falamos assim: ah é bandido mesmo que está se matando. Espera lá é bandido, é ladrão, mas é uma pessoa que morreu, foi uma pessoa que foi assassinada. Precisa ter polícia investigando, prendendo, tirando de circulação aquela pessoa que matou. Porque senão outros crimes irão acontecer, quando não há a punição a consequência é ter um aumento nos crimes”.

Aqui fica mais uma vez confirmada a defesa que o apresentador faz da ordem estabelecida como a melhor, apesar de dizer que os problemas sociais têm influência sobre a criminalidade ao mesmo tempo ele desmonta essa idéia ao dizer que a maioria dos crimes não são praticados por quem está em estado de desespero por ver a família passando necessidades básicas. Ele alega que as drogas são as grandes responsáveis pela maioria dos crimes, mas parece não analisar que hoje as drogas movimentam em grande parte a economia mundial. A análise de quem lucra mais com o tráfico de drogas não é feita por ele, mas a necessidade de punição severa dos que são pegos está presente em toda a fala do apresentador, não apenas no programa, mas também durante a entrevista.

Apesar de afirmar que a sociedade é conivente com a morte de acusados, parece não se dar conta que seu programa realiza um julgamento prévio dos que são presos, pela fala do apresentador: foi preso em flagrante é bandido, não lembrando que existem diversos casos de flagrantes falsos.

Um caso que chamou a atenção, inclusive da imprensa nacional, ocorrido durante a realização da pesquisa, foi o de um jovem surdo preso em flagrante, acusado de tentativa de assalto a uma loja de conveniência em um posto de gasolina no centro de Londrina. De acordo com um cliente que estava na loja o rapaz teria uma arma embaixo da camiseta e comentou, depois, que o jovem comprou e pagou um achocolatado, que eles haviam tido muita sorte de não terem sido assaltados. O dono então chamou a polícia que prendeu o rapaz dentro de um ônibus de transporte coletivo, como a polícia não tinha e não providenciou um intérprete da língua de sinais o rapaz foi indiciado por tentativa de roubo sem poder apresentar sua versão. No programa, o comentário tanto do repórter como do apresentador foi que o mundo estava mesmo perdido, pois, até deficiente já está roubando. Depois ficou comprovado que o rapaz não estava armado, que embaixo da camiseta ele tinha a carteira que mostrou a mulher do caixa para perguntar quanto era o achocolatado. A caixa acabou pedindo demissão e ficou bastante abalada porque a polícia não quis acreditar na sua versão, de que o rapaz não tinha intenção alguma de roubar. O apresentador não fez uma matéria posterior para explicar aos seus telespectadores que o acusado não era assaltante. Outros veículos de comunicação, que em um primeiro momento contaram a versão da polícia, tiveram que refazer suas matérias. Até o momento, o jovem continua respondendo ao inquérito policial que não apresentou provas de que ele teria a intenção de roubar a loja de conveniência ou a alegada arma que ele teria.

O apresentador defende ainda que a punição deveria ser exemplar também para os jovens. Ele acredita que o Estatuto da Criança e do Adolescente facilita o aumento da criminalidade entre os jovens, porque as penas são muito brandas. Há cerca de quatro anos, fazia inclusive esse discurso no programa. Como foi advertido pela promotora da Vara da Infância e Juventude (o próprio apresentador foi quem contou para o pesquisador que foi advertido) não se pronuncia mais tão abertamente, mas deixou claro durante as entrevistas para a realização deste trabalho que acredita que penas mais severas inibiriam a entrada dos jovens no mundo do crime. O apresentador já teve problemas jurídicos por exibir menores acusados de crimes no programa.

Carlos Camargo: “Já tive problemas no passado por colocar adolescentes no ar, hoje não colocamos praticamente nada. Tive inclusive uma conversar com a doutora Edina (Edina

Maria de Paula – promotora da Vara da Infância e Juventude de Londrina) a respeito disso. Nós não colocamos nada de menor. Quando é vítima pode dar nome, não pode quando é infrator. Vítima tem seus direitos e quando é menor infrator tem também assegurados seus direitos.

A minha determinação no programa é que não tenha nada, nenhuma imagem, é menor, acabou, não tem imagem só da mão algemada, só do pé, da tatuagem, não tem iniciais do nome. O máximo que fazemos é dizer: um rapaz de 17 anos, um jovem de 15 anos, um infrator de tantos anos, mas a maior parte das vezes não coloco nem isso, digo: foram presos quatro maiores e um adolescente e mais nada. Até porque adolescente nem é preso é apreendido.

O problema é que quando não se tem o rigor da punição é um incentivo para se cometer o crime. Ora matei o cara que estava me incomodando a polícia não me prendeu, vou matar outro, qual é o problema? A polícia não vai me prender mesmo. Então, isso é que incentiva muito. Há coisas no Estatuto da Criança e do Adolescente que precisam mudar. As penas precisavam ser mais rigorosas, por um tempo maior. A lei é bonita, mas para um país de Primeiro Mundo, não para o nosso. Para o nosso infelizmente é uma lei que deixa muito a desejar.

Outro complicador é o fato do adolescente não poder trabalhar. Comecei a trabalhar quando criança, ia carregar balde de massa para o meu pai que era pedreiro, com sete, oito anos, saía da escola e ia ajudá-lo no período da tarde, de manhã estudava e à tarde, em vez de ficar na rua fumando maconha ou algo assim, meu pai pegava a gente e levava para o trabalho. Então, não tinha disso, quando não conseguia trabalhar, por exemplo, quando meu irmão ia junto comigo, às vezes porque minha mãe precisava sair para trabalhar fora também, como doméstica, ficava cuidando dos meus irmãos, mas lá junto com meu pai. Meu pai trabalhando e nós ali por perto cuidando, brincando, fazendo alguma coisa, mas ali na cola dele.

Agora, hoje em dia não, o pai está desempregado, o filho que é menor que teria uma chance de trabalhar em algum lugar não pode porque é menor. Às vezes, o incentivo grande para o menor praticar crimes é exatamente isso, ele não tem condição, aí chega na favela onde mora, não tem água, não tem luz, está tudo cortado. Um jovem que vai trabalhar em um mercado, por exemplo, ganha R\$ 300,00 como empacotador, trabalha sei lá quantas horas, chega com esse salário na mão e o traficantinho amiguinho dele, às vezes é vizinho, ganhou isso em dois dias e tira sarro do que está em um trabalho honesto. A pessoa às vezes muda “o ramo de atuação dela” por causa disso também. Então, senão tem salário de um lado e tem a

ilusão da facilidade de outro cai para o mundo do crime. Às vezes quer um tênis e não pode comprar, então tem muita coisa que influencia para que os jovens acabem entrando para esse caminho do crime.

Infelizmente o bairro também acaba influenciando e muitas vezes o poder público não faz a parte dele para melhorar. Hoje por exemplo o Jardim Nossa Senhora da Paz é um bairro problemático em Londrina tanto para a imprensa fazer matéria quanto para a polícia, tanto que até que já atiraram em veículos de imprensa não foi nos nossos carros, mas atiraram em carros de outros órgãos de comunicação. Uma vez quando fomos fazer uma matéria os caras murcharam os pneus do nosso carro, três pneus foram deixados em baixa, um deles não teve nem condições de conserto depois, ficou totalmente detonado, destruído.

São vândalos, são bandidos, que às vezes são amigos daqueles que estão sendo presos e que acabam fazendo esse tipo de sacanagem. A polícia também tem dificuldades para ir lá, quando vai é em grupos grandes, nunca vai só uma viatura com dois policiais. Eles têm que se reunir em vários policiais para atender uma ocorrência lá, é um bairro problemático. Mas o problema principal poderia ser solucionado pela prefeitura, o bairro tem apenas duas entradas, tem condições de abrir mais duas para facilitar o trabalho da polícia, mas parece que a prefeitura não está interessada em ajudar a resolver o problema. Enquanto isso fica aquele bairro como sendo o mais violento da cidade, com muita gente boa que presta, que trabalha que tem lá dentro, mas que infelizmente vive acuada pelos traficantes, pelos bandidos que ali moram. Não podem nem se manifestar. Não são os moradores que impedem o nosso trabalho, ou que tentam impedir, são os bandidos, amigos daqueles que estão sendo presos que tentam fazer isso.

Quanto à dificuldade em trabalhar com alguns setores da polícia, nunca tive nenhuma. Já tivemos aqui em Londrina um delegado-chefe que chegou a proibir a imprensa de entrar na delegacia, ficou um dia só, aí resolveu mudar, voltar atrás, não agüentou a pressão. Porque não vivemos de delegacia, não precisamos da delegacia para colocar o fato. Claro: a delegacia é o ponto onde o inquérito policial é instaurado, um local onde a gente busca apurar a verdade. A entrevista com o delegado interessa porque ele, principalmente o de plantão durante a noite, é uma pessoa totalmente alheia aos fatos, tem uma visão diferente do que aconteceu. Ele recebe informações da polícia, do acusado, da vítima, então esse delegado é um filtro daquilo que está sendo colocado. Porque às vezes a história da vítima, a do acusado, e a história que polícia militar traz são divergentes. Então o delegado vai fazer um conceito geral daquilo e poder nos repassar uma história, mas não somos obrigados a ter esse contato em delegacia.

Quando se vai para uma ocorrência chegando lá se entrevista o perito, o socorrista do Siate (sistema de socorro do Corpo de Bombeiros), o PM que está no local, a vítima, em uma ocorrência se pode fazer cinco, seis entrevistas então não há necessidade de ouvir o delegado. É ótimo ouvi-lo porque é o cara que está alheio a tudo e pode dar o posicionamento dele, o que entendeu e o que se pode fazer em torno daquela denúncia que chega, mas não é obrigatoriedade ouvi-lo. Porque se pode colocar no ar as versões, mesmo que sejam contraditórias, e quem está em casa que vai tirar sua conclusão.

Mas penso que meu programa, meus comentários podem ajudar as pessoas a se prevenirem dos crimes, por isso fui fazer o curso de Direito porque queria ter uma visão melhor do meu trabalho. Me perguntam se vou fazer algum concurso, se quero ser juiz, delegado, não quero. Eu faço o que gosto, então não é vontade de mudar de profissão, de mudar de ramo. Estou fazendo Direito para ter mais visão de tudo aquilo que eu achava que conhecia, achava que eu era o bambambã. Eu falava: eu sou o Carlos Camargo, o cara que mais tem audiência em Londrina. Quando comecei a fazer o curso vi que o que eu achava que sabia, não sabia nada.

Então, esse primeiro semestre de Direito (feito em 2007) está me dando uma visão totalmente diferenciada de tudo aquilo que acreditava antes, que tinha certeza que era o certo e que agora, com base nas leis, com conhecimento maior, vejo que não é bem assim. É um curso que abre horizontes. Sentia falta, precisava fazer alguma coisa nesse sentido, mas primeiro não tinha dinheiro para pagar uma faculdade, não tinha tempo para estudar, trabalhava de manhã, à tarde e à noite e de madrugada, porque tudo quem fazia era eu (no início do programa), agora que tenho os repórteres trabalhando comigo é que tenho esse período da noite para poder estudar. Nesse momento procuro me desligar de tudo. Quando eles precisam de alguma coisa me passam uma mensagem. Já tive que sair da sala para ligar atrás, porque às vezes eles têm alguma dificuldade com alguém, precisam de uma orientação, às vezes até uma dificuldade com algum policial, alguma coisa. Então, preciso dar um suporte, mas procuro tirar esse tempo para as aulas, estudar e fazer os trabalhos da faculdade, faço nos intervalos entre os programas, um pouco à tarde, vou me virando”.

O apresentador acredita que o curso de Direito possa auxiliá-lo a compreender melhor as leis, mas não parece preocupado em compreender melhor a questão social que envolve a violência e a criminalidade, em fazer um estudo mais aprofundado, por exemplo, da questão do tráfico de drogas, elencado por ele como um dos causadores do maior número de crimes. Também não parece preocupado com a qualidade do programa, uma vez que acredita

que já aprendeu a fazer jornalismo na prática, não havendo, portanto, necessidade de aperfeiçoamento.

5 O PROGRAMA TEMPO QUENTE

Neste capítulo será apresentado um histórico do surgimento o programa Tempo Quente e a análise de um dos programas veiculados durante o desenvolvimento da pesquisa. É importante ressaltar que se fez a análise de um programa, mas que vários outros foram acompanhados, observando-se os temas recorrentes. Porém, como este é um trabalho de análise qualitativa, não foram realizados levantamentos estatísticos.

Antes de se tratar do programa, será apresentado um breve panorama dos veículos de comunicação da cidade. Londrina possui 16 emissoras de rádio, seis FMs e 10 AMs, entre elas, duas que trabalham basicamente como notícias: a CBN e a rádio Globo. A rádio Paiquerê, onde Carlos Camargo tem programa diário, está entre as mais ouvidas na cidade, de acordo com dados de pesquisa realizada pelo Ibope. Também há dois jornais diários impressos: a Folha de Londrina e o Jornal de Londrina, este último desde 2007 tem distribuição gratuita. Há, ainda, dois jornais semanais: Paraná Shimbun, dirigido prioritariamente à colônia japonesa e a Folha Norte que abrange a região norte da cidade, formada por mais de 30 bairros. Os jornais: Jornal Vestibulando, Fatos do Paraná, O Berro e União têm circulação quinzenal e a Voz Árabe é mensal.

As emissoras de televisão são sete: TV Cidade, retransmissora da Rede SBT; TV Coroados\RPC, retransmissora da Rede Globo; TV Independência\RIC, retransmissora da Rede Record; TV Tarobá; retransmissora da Rede Bandeirantes; RTV, retransmissora da TV Cultura; TV Tropical, retransmissora da Rede CNT; e a TV a cabo MIX da Universidade Norte do Paraná (Unopar). A cidade possui ainda três distribuidoras de TV por assinatura a Net TV a cabo, a Direct TV e a Sky.

Dentro desse mercado a TV Tarobá disputa com a TV Coroados a preferência do mercado, por seus proprietários serem donos também de uma grande rede de supermercados nascida no estado, e atuante em Londrina utilizam o mote de serem paranaenses e londrinenses de fato. Pois, a TV Coroados integra um rede cujos donos são de Curitiba e há uma rivalidade política e mercadológica entre as duas cidades. Os anunciantes que têm como público-alvo a camada mais popular anunciam, prioritariamente na Tarobá, nos intervalos do programa Tempo Quente e do programa feminino Vitrine, exibido logo após a segunda edição

do programa apresentado por Camargo. A TV Tarobá tem maior audiência, de acordo com pesquisa do Ibope, no horário do programa Tempo Quente.

No início de 2008, juntou-se a disputa por telespectadores e anunciantes da TV Tarobá e da TV Coroados a TV Cidade, que foi adquirida junto com emissoras do Grupo Paulo Pimentel pelo apresentador do SBT Carlos Massa, o Ratinho, que criou a Rede Massa de Comunicação e entrou na disputa de mercado com bastante força, mas será necessário algum tempo para que se possa avaliar as conseqüências e as mudanças que esse fato trará na programação das emissoras e no hábito dos telespectadores londrinenses. A nova rede levou para seu quadro de funcionários muitos profissionais da Tarobá, tanto na área de jornalismo como de entretenimento e técnica. Carlos Camargo permaneceu na Tarobá à frente de seu Tempo Quente.

O programa Tempo Quente teve início em 1999. No começo era um boletim, possuía em média cinco minutos e se chamava Londrina Urgente, depois programa Carlos Camargo, o nome do apresentador e, a partir de 2003, passou a chamar-se Tempo Quente. A temática do programa era a mesma: os crimes acontecidos em Londrina e nas cidades do entorno. A equipe do programa é composta por oito pessoas, todos funcionários da TV Tarobá retransmissora da Rede Bandeirantes para Londrina e região. O apresentador Carlos Camargo é também o editor responsável; fazem parte da equipe: Maria Angélica Guerreiro Lopes, produtora, Fernando Lopes (Paraíba), editor do período da manhã; Adenilson Marins Diniz, editor do período da tarde; Odair Fernandes (Bacalhau), cinegrafista; Evandro Ribeiro e Cid Ribeiro, repórteres. Nenhum deles é jornalista por formação acadêmica. Carlos Camargo é provisionado (tem o registro profissional por tempo de exercício profissional).

De acordo com o apresentador, no início eram programas curtos que ele produzia sozinho a partir do material que já havia feito para o rádio.

Carlos Camargo: “Comecei com um programa de cinco minutos, depois 10, 15 e estou agora com esse monte de programa (duas edições no horário do almoço, uma de meia hora, outra de 1 hora, e 40 minutos no período da tarde dentro do Brasil Urgente de Luiz Datena). Comecei na rádio, então na verdade o meu programa na TV é basicamente o programa da rádio, o que faço lá trago para TV”.

De fato, ao se analisar o programa, verifica-se que a linguagem utilizada é a do rádio, as imagens entram quase como um bônus, tanto o apresentador como os repórteres trabalham também no rádio. A repetição das informações, que no rádio funciona como reforço do que foi dito, na televisão acaba sendo repetitiva. Até mesmo a entonação da voz do apresentador é característica dos locutores de rádio. Inclusive os repórteres, por também atuarem no rádio,

fazem a mesma impositação da voz. Durante o acompanhamento que se fez do programa, pôde-se observar que os repórteres, além do equipamento da emissora de televisão, levam um gravador da rádio onde trabalham e aproveitam a entrevista para os dois veículos. A questão da quantidade de imagens produzidas em cada matéria também causa problemas na hora da edição. Na maioria das vezes, as imagens são insuficientes para cobrir o *off* do repórter e as entrevistas, fazendo que sejam repetidas diversas vezes.

O programa tem três edições diárias de segunda a sexta-feira e uma edição de meia hora no sábado. Esta normalmente é gravada e se apresentam as matérias que tiveram maior repercussão durante a semana. A primeira edição entra no ar ao meio-dia e tem duração de trinta minutos. Entre a primeira e a segunda edição, que entra às 13 horas e termina às 14 horas, é exibido o jornal local. No período de realização da pesquisa, o jornal local passou a exibir também algumas matérias estaduais. O diretor de programação, Sidmar Pommer, explica que esta é uma estratégia da emissora para manter a audiência.

Sidmar Pommer: “Foi uma estratégia de audiência, antes era apenas das 13 às 14 horas. Aí a concorrência colocou um programa policial ao meio-dia, colocamos ao meio-dia para combater a concorrência e puxar a audiência para o Jornal, mas o programa das 13 horas tem uma audiência maior. As pesquisas de audiência que fazemos mostram que os homens são os que assistem mais, mas mulheres estão bem próximas”.

As matérias são apresentadas sempre no mesmo formato, exhibe-se uma entrevista sobre o assunto, volta-se para o apresentador que faz um breve comentário e anuncia com quem será a próxima entrevista, ainda sobre o mesmo assunto, então ele faz a propaganda de um dos anunciantes do programa, para isso há uma mudança de câmera. De acordo com Camargo, isso é feito porque cada entrevista tem de dois a três minutos de duração, se fossem apresentadas todas juntas, como se faz nos telejornais, as reportagens ficariam muito longas, tornando-se cansativo para o telespectador.

Carlos Carmargo: “As entrevistas sempre aparecem separadas, é um hábito que foi criado no começo do programa, nós temos uma separação delas também com comerciais, chamamos uma entrevista e depois um comercial, sempre assim. Se fôssemos chamar todas as entrevistas, para colocá-las do jeito que colocamos, um minuto, dois minutos e meio cada pessoa falando nós teríamos em uma matéria de homicídio três pessoas falando, teríamos seis minutos de matéria no ar, fica cansativo. Então fazemos esse esquema, chamo uma matéria, volta para mim faço um comentário a respeito, coloco um comercial, chamo outra parte da matéria, volta para mim faço outro comentário, coloco outro comercial, até fechar aquela assunto, basicamente é essa a linha do programa”.

Esse tipo de apresentação de matérias serve para prender a atenção do telespectador que deseja ouvir os outros entrevistados. O apresentador alimenta essa curiosidade ao dizer quem será o próximo a falar, e se coloca ao lado do telespectador ao fazer comentários como: “Quero ver o que o delegado disse”. “O Evandro ouviu o acusado”. “O delegado já tem pistas do autor do homicídio e o Cid foi ouvi-lo”. Essa linguagem o coloca ao lado do telespectador e cria uma sensação de intimidade e proximidade muito utilizada no rádio, Camargo traz para seu programa de televisão as mesmas expressões que usa em seu programa de rádio.

Quanto aos comentários que faz sobre as matérias, explica que tem facilidade para falar e que já ouviu a maior parte delas no programa de rádio (na Rádio Paiquerê, das 5h30 às 7 horas e das 9 às 11h30). Ele chega à emissora de televisão minutos antes do primeiro programa entrar no ar, tem uma breve conversa com o editor e com o repórter do período da manhã (Evandro Ribeiro).

Carlos Camargo: “Para fazer os comentários sobre as matérias tenho uma facilidade porque todas as que entram no programa da TV já coloquei no meu programa da rádio. Então, já ouvi as reportagens, porque lá na rádio somos o operador que trabalha na minha frente, tem só um vidro que nos separa, o Cid Ribeiro (repórter do programa de rádio e da TV) que está no ar, então ouço a matéria inteirinha, ouço tudo que a pessoa fala, quando chego na TV, não tenho problema. Além disso, o Evandro Ribeiro (repórter do programa da TV) me fala sobre o que fez antes de eu entrar no ar”.

Na maioria das vezes, essa conversa é breve porque faltam poucos minutos para o programa entrar no ar. Camargo também acaba mudando a ordem que a produtora fez da entrada das matérias. Ele geralmente coloca as que chamam mais a atenção na segunda edição do programa (13 horas), mas põe algumas imagens no ar para despertar a curiosidade do telespectador. Segundo ele, não há critérios definidos para a ordem de entrada no ar dos assuntos. Os critérios seriam sempre jornalísticos.

Carlos Camargo: “Não tem um critério pré-definido, pego as matérias que são as mais graves e aí delas escolho a que vai para o ar primeiro, aí depende de circunstâncias o que chama mais a atenção, o que a gente deixa para o final, para segurar mais o telespectador. O que a gente pode colocar, a primeira matéria que não seria o carro-chefe do programa. Critérios comuns do jornalismo, aquilo que se usa para segurar o seu ouvinte, o seu leitor é o que a gente usa na TV”.

O apresentador não citou quais seriam os critérios jornalísticos, como por exemplo, interesse público, proximidade, inusitado, prestação de serviço, entre outros.

No programa, há sempre a tentativa, nem sempre bem-sucedida, de ouvir os acusados de crimes e mostrar o rosto deles. Camargo explica que nunca houve problemas, porque se há o direito de imagem, garantido pela legislação brasileira, ele tem o direito de trabalhar.

Carlos Camargo: “Nunca houve problema nenhum. Tem o direito de imagem, mas tenho o direito de trabalhar, ele que esconda a cara dele, eu não vou lá arrancar o capuz do cara, bater para o cara erguer a cara e mostrar para mim, mas vou tentar fazer imagem dele de um jeito ou de outro vou tentar fazer imagem dele”.

Para o apresentador, que ingressou no curso de Direito (cursou o primeiro e o segundo semestres em 2007), a orientação dos advogados para que os acusados não se manifestem, nem falem com a imprensa, é equivocada. Segundo ele, a pessoa não deve abdicar do direito de contar a sua versão.

No programa, na maioria das vezes em que o acusado se manifesta a resposta dele é contestada tanto pelo repórter como pelo apresentador. Os repórteres muitas vezes ridicularizam os acusados e suas perguntas, muitas vezes sobre o óbvio, são mais afirmações que questionamento, além de emitirem juízo de valor sobre os acusados. As perguntas são muitas vezes repetitivas e longas, com o repórter insistindo, mesmo quando o acusado não quer se manifestar. As entrevistas com policiais, socorristas, peritos e delegado também repetem excessivamente a informação. O repórter não contextualiza os fatos e as matérias apresentam um julgamento prévio dos acusados.

Quanto ao tipo de pergunta que o repórter deve fazer, Camargo defende que o repórter tem que perguntar aquilo que uma pessoa comum, que está assistindo ao programa, perguntaria.

Carlos Camargo: “O repórter tem que perguntar aquilo que ele acha que a pessoa que está em casa perguntaria, tem que ir para lá como se você fosse um cidadão comum, tem que fazer entrevista com o ladrão e saber o que a pessoa comum gostaria de saber em casa, não para saber detalhe técnico para saber como é que foi, isso não interessa. O delegado acaba falando, mas mesmo quando ele fala os detalhes técnicos os repórteres têm que tentar fazer o delegado traduzir aquilo que ele fala, explicar o que fala, tem alguns delegados que são conscientes disso, inclusive com os delegados falo disso que precisa explicar para o povão o que é, porque o juiz, o advogado entendem, a gente entende o que ele está falando, mas e quem não teve acesso à escola, quem está lá na favela, como é que essa pessoa vai saber o que o delegado está falando”.

Em muitas entrevistas, o repórter acaba por “colocar palavras na boca” dos entrevistados, até de peritos e delegados. Eles buscam conduzir as entrevistas de forma a

confirmar a história que desejam contar, o que pensam sobre os acusados de crimes fica explícito nos termos que utilizam e na forma como os entrevistam, muitas vezes fazendo chacota.

A explicação de termos, expressões tanto da linguagem policial como dos termos jurídicos e das gírias dos bandidos é outra característica do programa. O apresentador explica os termos usados pelos policiais, socorristas, delegados e até pelos acusados. A linguagem de Camargo também é recheada de expressões do jargão policial e algumas gírias. Expressões como “deu a letra”, explicou como cometeu o crime, “foi engatada”, foi presa, “foi enquadrado”, “grampearam”, que significam que o acusado foi preso são freqüentes no programa. Ele explica ainda a função dos profissionais que aparecem no programa. Por exemplo, o que faz o perito criminal, qual a importância dele na elucidação dos crimes, por que precisa haver um perito em locais onde ocorreram crimes.

O apresentador também fala diretamente com quem cometeu crimes, manda e também recebe recados. Em um dos programas foi apresentado um roubo de carro que ocorreu em um sítio no distrito de Londrina. No dia seguinte o carro foi recuperado e a proprietária levou o carro até a frente da emissora para mostrar a Camargo que os ladrões haviam deixado um recado para ele. No pára-brisa traseiro estava escrito “Aí Camargo não foi dessa veis” (sic), o apresentador chamou os ladrões de “anarfa” (sic) (analfabetos) e os provocou dizendo que estavam roubando porque haviam fugido da escola.

Carlos Camargo: “O tio isso é com ‘z’ esquece esse ‘i’ e esse ‘s’. Anarfa (sic), fugiu da escola por isso que está roubando. Queria que a polícia achasse, tinha uma vontade de ver a carinha de vocês. Vocês devem estar em casa agora rachando o bico. Além de ser ruim de serviço são ruins de português também. ‘Veis’(sic), belo recado. Podia achar vocês e colocá-los em cana, né manos”.

Ele manda o recado para os ladrões com bastante ironia, inclusive dizendo que eles não têm competência nem para roubar. É comum os bandidos mandarem recados ao apresentador sempre que têm chance, seja escrevendo recados em carros e motos roubados, seja quando os repórteres vão tentar entrevistá-los. O próprio apresentador relata casos em que recebeu esses recados. Entre eles: quando riscaram o tanque de uma moto roubada para ameaçá-lo ou quando um assaltante foi preso e, no momento em que o repórter Evandro Ribeiro foi entrevistá-lo, o assaltante o ameaçou e também ao apresentador.

A equipe que participa da produção do programa já está junto há quase cinco anos com exceção da produtora Angélica Lopes que, em 2007 (período da pesquisa) estava na produção do programa há três e do repórter Cid Ribeiro que, em 2007, integrava a equipe há

cerca de um ano. O apresentador conta que o cinegrafista Odair Fernandes (Bacalhau) é o que está na equipe há mais tempo. Em seguida veio o repórter Evandro Ribeiro e por último o repórter Cid Ribeiro, que cobre as ocorrências da noite trabalhando praticamente como videorepórter, pois grava e, também, faz as entrevistas do programa. Todos são funcionários da emissora, mas o editor responsável pelo programa é Carlos Camargo, que faz questão de dizer que não é chefe de ninguém, porém na prática é ele quem decide o programa.

Carlos Camargo: “Todos são funcionários da TV do mesmo jeito, evidente que eu sou o responsável pelo programa, tenho assim uma certa precedência sobre eles, mas não é de chefe. Faço inclusive questão de não ser chefe de ninguém não gosto desse título”.

Camargo diz que as pessoas que trabalham com ele já sabem o que ele quer por isso o programa sai redondo.

Carlos Camargo: “Se olho torto já sabem que estou p... da vida, se dou uma risadinha sabem que será um elogio. A gente também conversa muito, eles têm uma noção de tudo, sabem o que é para fazer, o que não é. Os repórteres quando vão fazer entrevista, às vezes, fazem uma colocação que não fica muito boa, chamo, converso, explico olha é assim, às vezes, uma coisa que poderia ter outro enfoque, outro questionamento que eles não fazem, converso, matérias que são feitas e que precisavam de um acompanhamento cobro isso deles também, estou toda hora no telefone com eles”.

Apesar das conversas que o apresentador diz ter com os repórteres, percebe-se a repetição nas perguntas feitas por eles aos entrevistados. Na maioria das vezes a interrogação é muita mais acusação ou mesmo provocação, principalmente com os acusados de crime. Camargo diz que quando recebe uma informação, liga para os repórteres, quando eles têm dúvidas, precisam de orientação, costumam ligar também. Para o apresentador, o programa fica “redondinho” porque faz tempo que todos trabalham juntos e todos já sabem as suas funções, o que devem fazer. Segundo ele, as matérias já vêm prontas da rua. Por isso, foca mais nos dois repórteres e nos dois cinegrafistas.

Carlos Camargo: “As matérias já vêm praticamente prontas da rua, o que me faz centrar mais o foco nos dois repórteres e dois cinegrafistas, são os caras que estão comigo há muito mais tempo, então quem venha para editar, colocar uma lauda coisas assim, já tem o ritmo, um padrão para seguir. Não tem muito que modificar as matérias já vêm pré-editadas da rua, então, por exemplo, o que o Paraíba (Fernando Lopes - editor) faz ali é só se uma imagem ficou fora de foco, quando tem problema numa fita, tira o chiado, uma interferência qualquer, dá uma selecionada, uma limpada na matéria, mais que edição ele limpa, garimpa realmente a matéria, faz um acabamento nela”.

Não foi isso, porém, o que foi observado durante o acompanhamento da produção do programa. O editor Fernando Lopes tem muita dificuldade para poder, por exemplo, cobrir as falas dos entrevistados e do repórter porque na maioria das matérias a quantidade de imagens é insuficiente para o tempo de fala, o que faz que haja repetição das cenas em excesso. Além de, muitas vezes, as imagens estarem fora de foco, mal enquadradas, e as entrevistas serem longas demais, o que dificulta a edição. Portanto, seria necessário um número maior de imagens.

No acompanhamento feito na rua, pôde-se perceber a dificuldade dos repórteres que, para a produção de um programa policial diário, precisam cobrir praticamente tudo o que acontece na área. Muitas vezes, coisas que normalmente não entrariam no noticiário, como acidentes de trânsito nos quais não há vítimas ou tentativas de roubo, acabam se transformando em reportagens, porque nada de mais grave aconteceu. Os avisos de pessoas desaparecidas, perda de documentos, roubos que as pessoas vão até a porta da emissora para denunciar, normalmente são apresentados em entrevistas ao vivo, na primeira edição do programa ao meio-dia. Quando há mais de uma pessoa para falar sobre familiares desaparecidos ou perda de documentos, a produção do programa costuma selecionar algumas para entrar ao vivo e gravam com as outras para colocar em outras edições do Tempo Quente.

Durante a realização da pesquisa, observou-se que muitas pessoas vão à emissora para acompanhar o programa ao vivo e o apresentador sempre as convida para entrar no estúdio com ele. Pode-se perceber também que as crianças gostam muito do apresentador, apesar do programa ser inadequado para a faixa etária infantil. Em uma das gravações, uma avó trouxe a neta para ver o apresentador e contou que todos os dias a menina, de cerca de 4 anos, pedia que a avó parasse o que estava fazendo na hora do programa para assistir com ela. Contou também que a menina o chamava de Camarguinho e queria experimentar o sorvete que o apresentador anuncia em seu programa.

Os anúncios inseridos na programação constituem outra característica do programa. Eles são mostrados entre as entrevistas apresentadas na reportagem. O apresentador anuncia os produtos e sua fala é coberta por imagens do produto ou da loja, o que garante ao anunciante a chancela do apresentador ao produto ou serviço. Isso é reforçado para o telespectador pelos comentários de Camargo que diz: “Nesse você pode confiar”; “Garantia de qualidade”; “Pode dar uma chegadinha lá e falar com seo José”. Além dos anúncios, há sorteios todos os meses. São sorteados alguns produtos no programa. Alguns são produtos dos anunciantes, outros são doados pelo próprio apresentador, que informa aos telespectadores

que quem está fazendo o sorteio é ele, apesar dos cupons serem preenchidos em lojas anunciantes do programa. Os sorteios e a posterior entrega dos prêmios são feitos ao vivo.

Nos últimos quatro anos, o programa passou por algumas reformulações no início havia muitas imagens, inclusive *closes*, de corpos, por isso o apresentador foi advertido pela Anatel que o notificou dizendo que mudaria o horário do programa para após as 22 horas se houvesse novas reclamações. O diretor de programação e operação da TV Tarobá, Sidmar Pommer, avalia que houve uma mudança gradual no programa, acredita que tinha outro ritmo, era mais pesado e tinha menos tempo.

Sidmar Pommer: “Ele começou, senão me engano com 30 minutos, depois foi aumentando devagar conforme foi aumentando a audiência, tendo uma receptividade melhor. No início o programa tinha cenas fortes, mas temos uma ética você não pode deixar escapar, tem que dar um basta, aí devagarzinho foi mudando. Colocando imagens mais fracas, amenizando, dando a notícia, informando, mas não chocando o telespectador de uma forma bruta. Deixando mais *ligh* um pouco, mas sempre informando”.

Durante o acompanhamento do programa feito pelo pesquisador, ao longo dos anos, foi possível confirmar essa mudança na postura do apresentador. No início, ele era mais incisivo na emissão de sua opinião. O programa exibia imagens dos corpos das pessoas mortas, mas nos últimos anos houve uma suavização tanto das imagens como dos comentários. Há algumas causas prováveis para essa mudança, primeiro advertências da Anatel, informando que faria uma reclassificação do horário do programa que deveria que ser exibido à noite; a família proprietária da emissora também solicitou que, por ser apresentado no horário do almoço as imagens fossem menos agressivas; e, ainda, o ingresso no curso de Direito vem modificando a postura do apresentador, que está mais informado sobre as questões legais. Pelos menos duas dessas causas são compatíveis com a avaliação feita pelo diretor de programação da emissora: Sidmar Pommer.

Quanto ao público, Pommer diz que a resposta foi pouca porque “há muita gente que gosta de ver a desgraça crua, com todas as cores”. Mas avalia que por ser um programa exibido na hora do almoço, não se deve colocar qualquer imagem. Então, houve uma opção da emissora por deixar o programa mais *light*. Ele diz ainda que em todas as pesquisas que emissora realiza o perfil do público é sempre o mesmo. 80% dos telespectadores estão na classe C e 20% na B.

Sidmar Pommer: “O programa é dirigido para o público da classe C porque hoje em dia a elite não assiste TV aberta e é um programa para TV aberta, não funcionaria na TV a cabo por causa do público para o qual é dirigido”.

O diretor explica que o interesse do público já era previsto e o programa foi colocado no ar pensando que seria para essa classe. As pesquisas que a emissora faz anualmente demonstram que há um aumento constante na audiência, mas sempre na mesma classe. Ainda segundo Sidmar Pommer: “Toda pesquisa mostra que é esse público sempre, então foi feito para C e não vai mudar, é o maior público”. Para ele, a linguagem utilizada no programa é a mais próxima e de mais fácil compreensão para o público-alvo, o que facilita a interação e atração desse público para o programa.

A confiança e o carisma que o apresentador tem com seus telespectadores também ficam demonstrados nas muitas vezes que as vítimas de crime procuram o programa antes mesmo de irem à polícia. A produtora (Angélica Lopes) tem que orientá-los a primeiro registrar o boletim de ocorrência porque as entrevistas somente são realizadas depois da queixa ser feita na polícia.

Sidmar Pommer: “Mas eles preferem vir procurar o Camargo primeiro porque têm a sensação que resolve mais rápido e têm muita confiança nele. Acredito que seja pelo carisma, ele começou do nada, não era ninguém, começou a criar essa relação com o público e foi crescendo, tanto que quando ele sai de férias e o Evandro o substitui a audiência cai, as pessoas não vêm mais procurar o programa. É o carisma do Carlos Camargo com o telespectador, não é o programa. O tempo que ele fica ausente muda totalmente, até a recepção na delegacia, entre autoridades, não recebem como recebem o Camargo. Hoje o programa se chama Tempo Quente, mas todo mundo fala o programa do Camargo. É uma audiência absoluta no horário dele na programação local 58% de audiência”.

Essa audiência Carlos Camargo atribui ao desejo que as pessoas têm de se proteger. Acredita que as pessoas buscam orientação sobre os locais onde acontecem mais assaltos, a que horas é maior a frequência de roubos, que horas é mais perigoso parar o carro no sinaleiro, quais os procedimentos para se ter mais segurança, o que a pessoa deve fazer, quando for assaltado.

O apresentador não acredita que os programas policiais contribuam para aumentar o medo e a sensação de insegurança na população.

Carlos Camargo: “O que a gente faz é colocar no ar o que acontece. Essa é a realidade, não adianta querer mascarar, não se faz mais que isso no programa policial, só se coloca a realidade. Aí o que a população faz, vai falar: ‘Não, acho que Londrina é bonitinha, vou passear lá na Praça Rocha Pombo à noite, vou entrar lá na Favela da Bratac’. Não acho que é questão da imprensa colocar medo na população, o medo existe, está aí, a pessoa tem que ficar sabendo o que acontece na cidade, poderia muito bem se mascarar, como a polícia

gosta de fazer, fazer de conta que o problema não é tão grave assim, para deixar uma sensação de segurança nas pessoas e não resolver o problema que existe que é a falta de segurança. Seria ótimo se a gente tivesse condição de colocar no ar todo dia: não teve crime hoje em Londrina, se a gente fosse fazer receita de bolo, fosse fazer programa de mato nos terrenos, entrevista com moradores de outros lugares, mas infelizmente não é assim, sobram matérias todos os dias no programa policial e olha o tanto de horário que eu tenho, por aí se tem uma avaliação de como é que está a cidade”.

Para o apresentador, nos últimos anos houve um aumento no número de crimes cometidos na cidade e também uma diminuição no número de policiais. Além disso, Camargo acredita que, no passado, havia um respeito maior das pessoas, principalmente crianças, em relação ao policial, mas quando fala das lembranças da infância em relação à polícia o que aparece na verdade é o medo.

Carlos Camargo: “Me lembro quando morava no Jardim Maringá, com oito, nove anos, estava jogando uma bolinha no final de semana, aí falavam a Corintiana está na vila, porque a polícia só usava carro preto e branco, era um fusca, uma Kombi, mas tinha esse respeito parava a bola e corria para casa, não porque estivesse fazendo alguma coisa errada, mas parava por causa do medo. Agora hoje em dia passa a viatura o moleque fala ‘olha o porco’. Não tem respeito nenhum, então nós mudamos a nossa legislação, abrandamos muito as coisas e tiramos o poder que a polícia tinha. Antes era uma polícia que atuava mais, hoje não tem jeito a polícia está amarrada com os estatutos, com tudo que acontece, então quando a gente observa as cobranças em cima da polícia a gente analisa também o que era a polícia antes e o que é hoje. Principalmente o número de policiais, se o policial trabalhar dentro da lei, da normalidade, dentro daquilo que é preciso fazer teria condições de segurar, dar uma fredda um pouco, mas não tem jeito. Hoje em Londrina a polícia acaba tendo que elege prioridades, qual o crime que é mais importante? Pegar latrocidias ou recuperar a camionete de alguém que levou uma vida inteira para comprar? Estamos infelizmente vivendo um caos na segurança pública, não é por causa da imprensa, não é culpa da imprensa a cidade está assim é porque não tem polícia, se tivéssemos policiamento nas ruas diminuiria o número de crimes sensivelmente, mesmo com as leis brandas que temos, mas não temos policiais infelizmente”.

5.1 Análise do Programa

Desde o início dos estudos sobre a comunicação que se objetiva compreender, além dos seus significados imediatos, no caso do presente estudo, como são feitas as representações dos acusados e como é construído o discurso de apresentador, uma vez que ele é peça fundamental na atração do telespectador pelo programa. Pareceu bastante útil utilizar neste trabalho a análise de conteúdo para delimitar quais são os temas recorrentes no programa e qual o discurso feito sobre eles pelo apresentador. Foram observados vários programas, ao longo dos anos em que o pesquisador os acompanha. Nos últimos dois anos, os programas foram assistidos tendo-se como prerrogativa a observação e a enumeração desses temas. Porém para efeito de exemplificação, somente um programa foi decupado (decupagem do programa exibido em 20 de dezembro de 2007, em anexo) para que se possa entender o seu funcionamento. A forma é a mesma em todos os programas, variando apenas o tipo de reportagem em função dos assuntos do dia.

Segundo Laurence Bardin (2006, p. 24-25):

De uma maneira geral, pode dizer-se que a sutileza dos métodos de análise de conteúdo corresponde aos objetivos seguintes:

- *a superação da incerteza*: o que eu julgo ver na mensagem estará lá efetivamente contido, podendo esta “visão” muito pessoal, ser partilhado por outros? Por outras palavras, será minha leitura válida e generalizável?

- *o enriquecimento da leitura*: se um olhar imediato, espontâneo, é já fecundo, não poderá uma leitura atenta aumentar a produtividade e a pertinência? Pela descoberta de conteúdos e de estruturas que confirmam (ou infirmam) o que se procura demonstrar a propósito das mensagens, ou pelo esclarecimento de elementos de significações suscetíveis de conduzir a uma descrição de mecanismos de que *a priori* não detínhamos a compreensão.

De acordo com a autora, o desejo de rigor e a necessidade de descobrir o que se procura, de ir para além das aparências, mostram as linhas de força do desenvolvimento histórico e o aperfeiçoamento desta técnica ao longo dos anos. A análise de conteúdo é então um conjunto de técnicas de análise das comunicações; é um instrumento marcado por um grande número de formas e adaptável ao vasto campo de estudos que compõem a comunicação. Ainda de acordo com Bardin (2006, p. 34):

A intenção da análise de conteúdo é a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção (ou, eventualmente, de recepção), inferência esta que recorre a indicadores (quantitativos ou não).

O analista é como um arqueólogo. Trabalha com vestígios: os “documentos” que pode descobrir ou suscitar. Mas os vestígios são a manifestação de estados, de dados ou fenômenos. Há qualquer coisa para descobrir por e graças a eles. Tal como a

etnografia necessita da etnologia para interpretar as suas descrições minuciosas, o analista tira partido do tratamento das mensagens que manipula para inferir (deduzir de maneira lógica) conhecimentos sobre o emissor da mensagem ou sobre o seu meio, por exemplo. Tal como um detetive, o analista trabalha com índices cuidadosamente postos em evidência por procedimentos mais ou menos complexos. Se a descrição (a enumeração das características do texto, resumida após tratamento) é a primeira etapa necessária e se a interpretação (a significação concedida a estas características) é a última fase, a inferência é o procedimento intermediário, que vem permitir a passagem, explícita e controlada, de uma à outra.

Pode-se dizer que hoje a análise de conteúdo é

[...] um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens” (BARDIN, 2006, p. 37).

É sob essa perspectiva que se realiza, neste trabalho, a análise de conteúdo do programa Tempo Quente. Para isto será desenvolvida uma análise de alguns temas recorrentes no programa, ao longo da observação do pesquisador.

O tema é uma afirmação a respeito de um determinado assunto. No caso desta pesquisa, sempre referente a informações da área policial. Fazer uma análise temática é descobrir os núcleos de sentido que compõem a mensagem e que têm significado dentro da proposta de estudo. Ainda segundo Bardin (2006, p. 99), “o tema é geralmente utilizado como unidade de registro para estudar motivações de opiniões, de atitudes, de valores, de crenças, de tendências, etc.”. Nessa perspectiva, a referência ao contexto também é muito importante. Por isso, optamos por fazer, também, entrevistas abertas com o apresentador do programa sobre sua história pessoal e profissional. Neste estudo a análise é qualitativa. Bardin (2006) explica que a análise qualitativa tem certas características particulares:

É válida, sobretudo, na elaboração das deduções específicas sobre um acontecimento ou uma variável de inferência precisa, e não em inferências gerais. Pode funcionar sobre corpus reduzidos e estabelecer categorias mais discriminadas, visto não estar ligada, enquanto análise quantitativa, a categorias que dêem lugar a frequências suficientemente elevadas, para que os cálculos se tornem possíveis. Levanta problemas ao nível da pertinência dos índices retidos, visto que seleciona estes índices sem tratar exaustivamente todo o conteúdo, existindo o perigo de elementos importantes serem deixados de lado, ou de elementos não significativos serem tidos em conta. A compreensão exata do sentido é, neste caso, capital. Além do mais, o risco de erro aumenta, porque se lida com elementos isolados, ou com frequências fracas. Donde a importância do contexto. Contexto da mensagem, mas também contexto exterior a este; quais serão as condições de produção, ou seja, quem é que fala a quem e em que circunstâncias? Qual será o montante e o lugar da comunicação? Quais os acontecimentos anteriores ou paralelos? (BARDIN, 2006, p. 108).

Ao longo deste estudo da produção do programa o pesquisador acompanhou, durante um mês, a equipe de reportagem, a edição das reportagens e a colocação do programa no ar,

observando os aspectos indicados pela autora como contexto da mensagem. Ela lembra que a análise temática é rápida e eficaz quando aplicada a discursos diretos e simples, cujas significações são manifestas, caso do programa analisado. Essa análise tem por finalidade:

Medir as atitudes do locutor quanto aos objetos da fala. A concepção da linguagem em que esta análise se fundamenta é a chamada “representacional”, isto é, considera-se que a linguagem representa e reflete diretamente aquele que a utiliza. Por conseguinte, podemos nos contentar com os indicadores manifestos, explicitamente contidos na comunicação para fazer inferências a respeito da fonte de emissão... Uma atitude é uma pré-disposição, relativamente estável e organizada, para reagir sob forma de opiniões (nível verbal), ou de atos (nível comportamental), em presença de objetos (pessoas, idéias, acontecimentos, coisas) de maneira determinada. Corretamente falando, nós temos opiniões sobre as coisas, os seres, os fenômenos, e manifestamo-las por juízos de valor. Uma atitude é um núcleo, uma matriz muitas vezes inconsciente, que produz (e que se traduz por) um conjunto de tomadas de posição, de qualificações, de descrições e de designações de avaliação mais ou menos influenciadas (BARDIN, 2006, p. 149).

As atitudes são caracterizadas pela intensidade e direção. A direção pode ser contra ou a favor, positiva ou negativa, favorável ou desfavorável, amigável ou hostil, aprovadora ou desaprovadora. Entre esses dois estágios existe, eventualmente, um estado intermediário, a neutralidade. A intensidade demonstra o grau de convicção expresso: uma idéia pode ser defendida apaixonadamente, intensamente ou pode ser fria; uma oposição pode ser fraca ou veemente. Essas são bases sob as quais se irá assentar a análise do programa Tempo Quente.

Em termos de produção jornalística o programa apresenta alguns problemas. Há matérias com nomes de ruas e rodovias incorretos; ao final de algumas matérias não se sabe ao certo o número correto ou a idade correta das vítimas. É o caso do acidente de trânsito com duas vítimas fatais que, ao final da reportagem, não se sabe se Almerindo tinha 67, 70 ou 71 anos; se havia três ou quatro pessoas no carro em que ele estava, o veículo Volkswagen Variant que estava parado no acostamento.

Na matéria sobre um traficante preso, ao final da reportagem, não se sabe se eram cinco ou seis papalotes e nem que tipo de droga ele portava. O repórter diz crack e o delegado, cocaína. A preocupação em sensacionalizar a notícia, mesmo que para isso seja preciso aumentá-la, é evidente. É o caso da tentativa de assalto a uma joalheria que, nas chamadas feitas pelo apresentador parece ter provocado, palavra utilizada por ele, um “pandemônio” no centro da cidade. Quando a matéria completa é colocada no ar, verifica-se que não houve roubo, feridos e nem tiroteio, houve um único disparo acidental da arma do assaltante e a fuga, sem perseguição da polícia, após a tentativa. Ou seja, o “pandemônio” foi criado apenas pela fala do apresentador e do repórter. Nem o soldado entrevistado dá essa versão.

Ao se observar a linguagem do programa, nota-se que há muito da linguagem utilizada no rádio. Por exemplo, o apresentador ao iniciar o programa e ao voltar dos intervalos comerciais diz a hora e repete, marcadamente uma característica de locutor de rádio. A repetição das frases e das informações é uma constante tanto na fala do apresentador como na dos repórteres, que também atuam em rádio. Nesse aspecto a idéia parece ser a de que quanto mais repetição da informação maior a sua inteligibilidade. De acordo com Albert Kientz (1973, p. 93-94):

A teoria da informação nos ensina que a boa inteligibilidade de uma mensagem exige certa redundância. Quanto mais redundante for a mensagem, mais ela será inteligível. Esses elementos adicionados, que têm por função aumentar a redundância, são – todos eles – explicações, repetições, explicitações que, sem trazer nada de novo, permitem compreender melhor a mensagem. Substitui-se uma palavra erudita por perífrases feitas de palavras comuns. Detalha-se o conteúdo de uma palavra.

Essa é uma situação recorrente no programa estudado: a repetição de informações até a saturação e também a explicação de termos, ressaltada pelo apresentador como importante para que todas as pessoas que assistem ao programa entendam o que e sobre o que se fala. No caso do programa decupado, a repetição e a explicação de termos aparecem em todas as matérias. Quando o apresentador explica ao telespectador a diferença entre homicídio doloso e culposo e na matéria do acidente de carro em que duas pessoas morreram e duas ficaram feridas.

Em estudos sobre a imprensa, já ficou demonstrado que o público se interessa por gente. Seres humanos se interessam muito mais por outros seres humanos do que por coisas ou idéias (KIENZ, 1973, p. 102). Por isso, quanto mais personalizada for uma reportagem maior a probabilidade de atrair um grande número de telespectadores. E o conflito, o horror, a desgraça e o crime parecem atrair muito mais e o jornalista sabe disso.

O crime se revela como matéria muito apelativa no resgate da atenção do público, considerando o potencial dramático e emotivo das suas histórias, por meio das quais se perscruta o lado mais sombrio e enigmático da natureza humana. Ao mesmo tempo é matéria projetiva de tensões e desequilíbrios sociais, donde se revêem e avaliam grupos e instâncias e se examina a vida coletiva que transcende, em larga medida, a experiência individual e subjetiva de vitimização. É por essa dimensão pública do fenômeno criminal, resultante da sua representação simbólica através dos media, que o presente trabalho se interessa.

Um tema recorrente no discurso de Carlos Camargo é a apologia da ordem. O apresentador está sempre reforçando que o crime não compensa tanto nas reportagens como nas perguntas feitas aos acusados, que reforçam e muitas vezes fazem chacota de quem foi

detido, como os comentários do próprio apresentador que reforça a necessidade de punição. Mesmo quando os acusados ainda estão sob investigação, o apresentador os trata como criminosos. A garantia de que a punição virá é reforçada e o discurso, às vezes, dirigido especificamente aos jovens, garante que o melhor jeito de se obter alguma coisa na vida é o trabalho. Somente o trabalho “dá dignidade”. Segundo Cristina Maria Carmona Martins Penedo (2003, p. 24-25):

As conclusões de alguns trabalhos mais recentes no domínio das notícias criminais mostram o seu caráter normativo e regulador. Apesar de a notícia do crime dar enfoque a um ato ilícito, com contornos mais ou menos violentos – gerador de insegurança e que reflete desordem social -, a mesma notícia contém referências que permitem enquadrar e dar sentido ao ilícito e têm como desfecho a reposição da ordem. As referências à autoridade (polícia, tribunais, outros representantes do sistema judicial, entidades públicas e privadas), bem como enfoque da notícia em espaços/momentos de ritual (detenção do suspeito, julgamento do infrator, o funeral da vítima), tendem a contextualizar e valorar o ato desviante, de acordo com quadros de referência dominantes, contendo em simultâneo um movimento de restauração da ordem.

Essa prática é comum no programa estudado, pois as reportagens acontecem, na maioria das vezes, quando a vítima registra queixa e aceita dar entrevista ou quando o suspeito é preso. A presença da autoridade policial é garantida em todas as matérias. Mesmo quando o delegado não está presente no local do crime ou acidente, o repórter vai até ele para que o “doutor” possa falar, em alguns casos somente para reforçar o que o próprio repórter ou outro entrevistado já disse. Como se pode observar na matéria sobre o acidente de trânsito em que duas pessoas morreram, o delegado é ouvido inclusive sobre coisas que não são de sua alçada como a morte da segunda vítima no hospital, afinal ele não é médico para afirmar se a vítima de fato não tinha chances de sobrevivência. Diante do horror diário produzido pelas notícias de crime, é preciso algo que restabeleça a ordem. De acordo com Muniz Sodré, 2006, p. 100):

Na atmosfera de horror show, em que o sofrimento do outro e o medo coletivo são produzidos como espetáculo, irrompem os discursos moralistas, as pregações em favor do retorno da velha moralidade, como instrumentos da gestão burocrática (policial, estatal) dos riscos de catástrofes. O apelo implícito à proteção dos que detêm o monopólio da violência legítima – ou seja, o Estado com seus dispositivos armados – acaba ensejando o desenvolvimento na vida real, de uma ideologia policesca de vigilância e de segurança públicas [...]

Recontar o crime no plano simbólico terá repercussões nas noções de ordem social, coesão e estabilidade. As pessoas se sentem “mais seguras” sabendo que o desviante da norma estabelecida está sendo punido e, mesmo que, às vezes, a autoridade policial erre, ou seja, ainda que ela, algumas vezes, seja mais violenta que os próprios criminosos, ela aí está para garantir a punição. As narrativas e imagens de crimes podem interferir no grau de

legitimidade do poder instituído, na medida em que para elas são convocadas várias vozes e personagens que contribuem para o desfecho da história, equacionando a tensão criada entre o caos e a ordem, entre o conflito e a sua solução, entre a norma e o desvio. De acordo com Cristina Maria Carmona Martins Penedo (2003, p. 41-42):

O retrato do crime reaviva (pela negativa) os limites de comportamento normativo e a noção de ordem social. A contextualização dos acontecimentos dada pelo tratamento mediático – em função de referências sociais e coletivas vincadamente institucionais – permite a reposição da ordem, a produção de consensos e a inteligibilidade de um mundo ordenado que o impacto de uma história ilícita, com mais ou menos contornos de violência, fizera estremecer. As narrativas do crime – através da expressão da violência, da desordem e da insegurança – atingem questões vitais ao pulsar da vida em sociedade, suscetíveis de firmar posições oficiais ao mesmo tempo em que apelam a um posicionamento público.

Posicionamento público que o apresentador espera seja favorável ao que ele acredita, a punição exemplar de quem está fora das normas estabelecidas, a atuação da polícia apoiada pela população e também a participação da população na denúncia de possíveis infratores da lei. Ele conclama a população a denunciar e utiliza expressões que são típicas do jargão policial: “a população tem que dar a letra pra polícia... o cara que deu letra, deu a letra bonita e a polícia pôde ir lá e tirar o traficante de circulação... a polícia não pode fazer nada sozinha precisa a população dar a letra, denunciar... se alguém souber de alguma coisa, viu alguma coisa, liga, dá um grito lá pro rapaz”, são algumas das formas utilizadas pelo apresentador para pedir à população que colabore para a solução de crimes e na maioria das vezes ele obtém resposta positiva dos telespectadores. Segundo Penedo (2003, p. 60):

Através do discurso do crime, os media concorrem em larga medida para a definição dos problemas sociais, a partir dos quais se equaciona a resposta do Estado e se legitima o exercício da autoridade. A cobertura do crime coloca sob a mira do público o funcionamento de subsistemas de controle formal, nomeadamente a operacionalidade da polícia, a adequabilidade da lei, a eficácia da Justiça e dos tribunais, ou a capacidade corretiva das prisões, na manutenção da ordem e da paz social, trazendo para o espaço público a discussão de temas-chave à vida coletiva. O medo e a insegurança ganham terreno sempre que se gera uma tensão e desequilíbrio entre a expressão do crime e a eficácia no seu combate. A expressão dos problemas sociais, a partir de notícias de grande projeção mediática, cria clima de opiniões favoráveis ao reforço das medidas de controle formal e ao endurecimento das políticas criminais que apelam a uma maior intervenção do Estado. As noções de ordem que chegam à opinião pública determinam, em larga medida, a receptividade a mudanças conjunturais, de acordo com modelos de integração ou de exclusão, em função do sentimento de insegurança dominante.

A forma como o acusado é representado também é um dos pontos importantes desta análise. Uma das áreas na quais os veículos de comunicação têm mais probabilidade de serem bem-sucedidos na mobilização da opinião pública, dentro da estrutura dominante de idéias, é em questões relacionadas com o crime e sua ameaça à sociedade. Isto torna a via do crime unidimensional e transparente, no que diz respeito aos veículos de comunicação de massa, no

presente estudo especificamente a televisão, e a opinião pública – onde os assuntos são simples, incontroversos e claros. Esta conjuntura é facilitadora da utilização de rótulos e estereótipos que permitem, de uma forma simples e breve, tipificar pessoas, comportamentos e lugares de acordo com valores dominantes e com uma dicotomia normativa, efeito que é tanto mais conseqüente quanto menos informação o público detiver sobre um assunto.

Na maioria dos veículos de comunicação, os jornalistas não costumam procurar os criminosos como fonte para o conhecimento dos fatos. A frase que costuma ser repetida é: “não vamos dar voz a bandido”. No programa estudado, porém, procura-se ouvir a voz do acusado. Nos cursos de Jornalismo, aprende-se que se deve ouvir os dois lados em uma notícia, mas no programa Tempo Quente o repórter não ouve ou questiona o acusado, ele simplesmente faz afirmações para que o acusado confirme o que o repórter está dizendo e, quando se recusa, muitas vezes, é humilhado ou então sofre chacota do repórter. De acordo com Silvia Ramos e Anabela Paiva (2007, p. 58):

Tentar compreender os valores e objetivos de um criminoso é uma meta válida para a imprensa. Não faz sentido estabelecer zonas proibidas na realidade. Autores de crimes são protagonistas de fatos que interessam à sociedade e, portanto, podem ser ouvidos – desde que de forma cuidadosa, sem ingenuidade ou impulsividade. Como diz Zuenir Ventura: ‘Acho que se pode dar a palavra a um bandido, desde que se tome cuidado para não transformá-lo em ‘vítima da sociedade’, celebridade, herói ou bandido social’.

Porém, é preciso lembrar que o acusado não é criminoso até que esteja julgado e condenado pelos crimes que cometeu. No programa Tempo Quente não apenas se apresenta a notícia, promove-se o julgamento e a condenação prévia do acusado, por meio dos comentários do apresentador. É comum no programa que pessoas presas, que ainda estão sob investigação, sejam classificadas como traficantes ou assaltantes, baseando-se apenas nas informações da própria polícia, a fonte oficial na maioria das matérias. Essa fonte tem um grande espaço para emitir suas opiniões sobre os acusados e também para exaltar os seus feitos, auxiliados pelos repórteres que são repetitivos em suas perguntas e jamais questionam uma ação da polícia, o porquê das ações ou a autorização para tais ações.

Outro ponto importante é disparidade no tratamento recebido por pobres e ricos. Suspeitos de classe baixa encontram menos oportunidades de defesa e chegam a ser obrigados a mostrar o rosto. No programa, quando não querem mostrá-lo, o repórter pergunta se têm medo de serem reconhecidos por outros crimes. O repórter praticamente enfia o microfone na boca do acusado para obrigá-lo a dar algum tipo de declaração. Quando o acusado é considerado ou claramente reconhecido como de classe social mais alta, o tratamento muda. O repórter pergunta se ele quer dar alguma declaração e, às vezes, o trata como doutor, no caso

de políticos, por exemplo. Na pesquisa realizada por Ramos e Paiva (2007) com jornalistas de diversos veículos de comunicação no Brasil, eles admitem que ao cobrirem situações dramáticas ou de crime vividas por pessoas de classe média e alta os jornalistas são muito mais respeitosos. Em depoimento às pesquisadoras, o repórter Caco Barcellos diz:

Os profissionais desta área (cobertura policial) ainda parecem ser menos preparados do que os de outras editorias. Em geral, não são especialistas e carregam um ranço complicado, uma postura de delegado de polícia, de juiz. O jornalista parece achar que tem de julgar, condenar e, sobretudo, atacar os criminosos. Especialmente os de baixa renda. É claro que os jornais conseguem fazer coberturas maravilhosas quando consideram o assunto importante. Mas mantêm uma postura arrogante em relação aos fracos. Os poderosos costumam receber um tratamento correto. A imprensa ouve o seu advogado; dá as suas explicações sobre o crime – dá-lhe enfim, chance de defesa. Mas não segue a mesma rotina quando os criminosos são de baixa renda. Esses, de cara, viram bandido. Não são descritos como um operário acusado de ter cometido um crime ou um eletricitista acusado de ter matado a mulher – são imediatamente taxados de ladrão ou assassino. Também não se protege a imagem dos acusados, como muitas vezes se faz com os ricos. Não estamos cobrindo bem o universo da criminalidade. Os jornalistas acreditam cegamente, na maior parte das vezes, nas informações da polícia, que nem sempre têm qualidade, apuração criteriosa (RAMOS; PAIVA, 2007, p. 84-85).

Todos os pontos apontados por Barcellos aparecem no programa estudado e são justificados pelo apresentador. No caso da imagem, ele diz que se o acusado tem direito de preservar a imagem, ele tem direito de trabalhar e que não irá bater nele para que levante o rosto e o cinegrafista possa gravar, mas vai dar um jeito de conseguir a imagem do acusado. De fato, durante o acompanhamento feito da produção do programa, o cinegrafista explicou ao pesquisador que, quando o acusado não quer mostrar o rosto, fica de cabeça baixa, ele espera um momento de distração do preso para gravá-lo, algumas vezes por trás do vidro da porta de detenção. Os próprios policiais facilitam para que ele obtenha as imagens, no caso de pessoas de baixa renda. Numa das vezes em que o pesquisador estava acompanhando a produção, um homem foi preso por ter disparado um revólver na rua, assustando os moradores que acionaram a polícia. Os policiais, apesar da insistência do cinegrafista, não permitiram que se fizessem imagens do preso por ser ele um trabalhador, alegando que daria problema, pois o acusado era funcionário de uma empresa de vigilância, o repórter insistiu, mas não utilizou os subterfúgios que costuma usar para obter as imagens.

Nos comentários do apresentador aparecem as características atribuídas aos acusados, sempre tratados como criminosos. Em geral são maus, preguiçosos, querem vencer de forma fácil, vagabundos, insensíveis e, às vezes, burros por terem sido presos. Como no caso do ladrão de carros que bateu em uma árvore e foi preso e que o apresentador ironiza dizendo que o sindicato dos ladrões profissionais de Londrina e região deveria suspendê-lo por não saber exercer a profissão. O contexto do crime e a versão do acusado precisam ser

desqualificados para que não sobre nenhum traço de humanidade que permita ao telespectador, por um momento sequer, se colocar no lugar do acusado. Ele precisa personificar o mau e ser punido por isso. Se as informações e as imagens não são suficientes, entra a credibilidade do apresentador para garantir que de fato o acusado é ruim e insensível, e a punição exemplar é o que ele merece e quanto mais rigorosa for a punição, mais eficaz.

Na pesquisa realizada por Silvia Ramos e Anabela Paiva, o professor Jailson Souza e Silva, coordenador-geral do Observatório de Favelas, no Rio de Janeiro diz que:

Essa visão criminalizante se apresenta de variadas formas: quando um criminoso de classe média é apanhado, é costume da imprensa publicar reportagens questionando que circunstâncias o levaram ao crime. Em relação a um criminoso pobre, isso nunca é feito, embora, percentualmente, o número de criminosos nesse setor da população seja tão pequeno como nos outros. Quem já viu matéria lembrando a família honesta de algum traficante famoso? Eu, nunca. No entanto, conheço casos assim (RAMOS; PAIVA, 2007, p. 95-96).

Outro tópico presente na fala do apresentador e que se tornou corrente na mídia em geral é a vitimização virtual, todos somos vítima em potencial. Toda a reportagem é construída de forma que o telespectador se identifique com a vítima do crime. Por isso, é ressaltado que a vítima é trabalhador, informa-se a sua profissão, mostra-se como os bandidos a aterrorizaram ou então como, em questão de minutos, levaram aquilo que a vítima levou uma vida inteira para conseguir. No caso de morte, mostra-se como os acusados simplesmente não dão valor à vida e a tiram sem sequer pensar duas vezes. Em pesquisa comparativa realizada por Paulo Vaz, Carolina Sá-Carvalho e Mariana Pombo (2006), ficou demonstrado que houve uma mudança na cobertura de crimes, após a década de 1980. De acordo com os pesquisadores, havia uma humanização que permitia ao telespectador identificar-se, também, com o acusado. Isso foi transformado ao longo dos anos: o bandido é mau e pronto, não há nada que o torne humano e agora todos se identificam com a vítima, todos são vítimas potenciais e, porque todos são vítimas, justificam-se ações autoritárias e as crueldades praticadas contra os acusados de crime.

[...] a experiência midiaticamente produzida de ser vítima virtual legitima práticas autoritárias em relação a um outro que nos põe em risco – perceberemos que é na tolerância em relação à morte de indivíduos por policiais e na aceitação da superpopulação das prisões que nossa sociedade autoriza a violência do Estado. Essa tolerância já foi internalizada até por aqueles que vêm à público lamentar a morte de um parente pela polícia: para denunciar a injustiça, a frase usual é: ‘ele era trabalhador, não era bandido’ (VAZ; SÁ-CARVALHO; POMBO, 2006, p. 3).

A forma de pensar orientada pelo conceito de risco não só favorece a identificação entre vítima e leitor, como dificulta a identificação com o criminoso. O desrespeito pela vida alheia e a frieza, isto é, a desconsideração do sofrimento que inflige, passam a dar o contorno

da face do estranho que se pode encontrar na cidade, tornando-o um monstro. Um primeiro modo de construir discursivamente a monstruosidade está na declaração de que não se deve reagir a assaltos, pois os bandidos não dão valor algum à vida e estão dispostos a matar, orientação freqüentemente feita pelo apresentador do Tempo Quente, que acredita que seu programa cumpre a função de alertar as pessoas para que possam se prevenir dos crimes e não serem as próximas vítimas.

O discurso sobre o crime contém uma elevada carga estigmática, na medida em que vincula e conota a transgressão com indivíduos ou grupos minoritários, a partir de um determinado atributo ou característica. Por meio de um discurso normalizador que define simbolicamente as margens, distinguem-se os bons dos maus, os locais perigosos dos locais seguros, de forma a reduzir a incerteza e a imprevisibilidade da interação social, numa espécie de geografia simbólica da cidade.

O estigma é um atributo fortemente depreciativo, facilmente apreensível no contato social, que fornece um conjunto de informações sobre o sujeito e que condiciona de forma mais ou menos marcada a sua identidade social. Ele se impõe como uma categoria que congrega, sob mesmo traço, pessoas muito diferentes entre si, mas que possuem um valor relevante como gerador de sentido nas interações sociais, reduzindo a imprevisibilidade do primeiro contato com o outro. Neste caso, pode-se observar como algumas características fazem as pessoas simplesmente atravessarem a rua por medo da aparência do outro que ficou retida na memória como perigoso. Os menores infratores são um bom exemplo: basta ver um grupo de crianças ou adolescentes de pele mais escura, com roupas sujas ou muito largas, para que a maioria opte por atravessar a rua e, se não for possível, elas seguram mais firmemente seus pertences e aumentam o passo. De acordo com Cristina Maria Carmona Martins Penedo (2003):

O medo do crime tem, naturalmente, reflexos no declínio da esfera pública, ferindo elos de solidariedade social, apelando a uma redobrada vigilância do espaço público e criando um clima favorável à aceitação fácil de políticas severas de controle. “O medo do crime e a garantia dada pelos média de que algo está a ser feito constituem um mundo fechado de ameaça e reforço que aprisiona o espectador. Isto assinala a era do espetáculo pós-moderno” (D. Kidd-Hewitt, 1995, p. 21, citado por PENEDO, 2003, p. 60-61).

A preponderância do crime nos cenários mediáticos [...] impõe-se como um dado intransponível numa reflexão sobre a representação do crime e a produção do medo. A este fato não é alheio o estilo de transmissão de informação criado pela dinâmica dos média eletrônicos e pelo seu enquadramento dentro de uma indústria cultural determinada por regras comerciais onde se inscreve a pulsão para atrair e fixar audiências (PENEDO, 2003, p. 60-61).

À exposição do desvio está associado um discurso avaliativo, de juízo moral, sempre que se adjetivam de forma dualista as pessoas e os seus atos (bom-mau; violento-pacífico; normal-patológico), ou lugares (perigoso, marginal, degradado). Essa tipificação de cenários, reconstruída de acordo com as vozes oficiais, tende a ordenar e dar sentido ao mundo que nos rodeia. Essa chancela traduz a simplificação que pode conduzir a uma visão redutora da realidade, firmada em estereótipos e relações de causalidade, em torno do fenômeno do crime, dos seus atores e da insegurança a ele associado.

Esta reconstrução da realidade, no sentido da restauração da ordem, que permite contextualizar o crime dentro de um determinado quadro normativo, dá-se preferencialmente pelo recurso a fontes oficiais – autoridades do sistema judicial – que constituem fontes estáveis e preferenciais na acessibilidade dos veículos de comunicação e, principalmente, do programa estudado a matéria criminal, ao mesmo tempo em que se afiguram à opinião pública como vozes credenciadas numa leitura interpretativa sobre o fenômeno criminal. Esta estreita ligação entre os media e as fontes oficiais, não sendo uma relação exclusivista, é determinante para que as notícias do crime possam transmitir uma visão hegemônica do mundo, moldadas por pontos de vista institucionais e quadros de referência dominantes.

Outro aspecto do programa que chama a atenção é a caracterização da periferia como local onde ocorrem os crimes, onde estão os criminosos e onde se elaboram as ações criminosas. Os clichês jornalísticos que contêm avaliações morais sobre zonas da cidade identificadas como locais de perigo exprimem, em regra, uma visão desses espaços na ótica das fontes oficiais. Essa abordagem concorre junto à opinião pública para a construção de mapas cognitivos da violência, marginalidade, tráfico de drogas, representando um ordenamento do tecido social no plano simbólico capaz de circunscrever o medo, mas que não deixa de constituir uma visão redutora e estereotipada da realidade, sob o prisma de agentes exteriores a esses espaços. A sua caracterização como espaços de crime e a identificação de quem mora ali como criminosos ou potenciais criminosos contribuem para a mudança de comportamento em relação ao outro. Pesquisa realizada por Silvia Ramos e Anabela Paiva com jornalistas de todo o Brasil, em 2007, mostra que a maioria reconhece que seus veículos têm grande responsabilidade na caracterização da favela como espaços exclusivos de violência. Admitem também que a população dessas comunidades raramente conta com a cobertura de assuntos que não estejam relacionados ao tráfico de drogas e à criminalidade.

A relação que se faz entre o tráfico e o crime e entre a periferia e o tráfico contribui para criar no imaginário a sensação de que a violência vem da periferia. Os crimes que ocorrem nesse local são subnoticiados e desvaloriza-se o sofrimento das vítimas, quando

moram nesses bairros, e, muitas vezes, também são associadas a crimes pelos repórteres ou pelos policiais sem que haja nenhuma prova concreta, apenas o fato de morarem em um local considerado reduto de crime e de criminosos. Há, pelo menos, três formas que foram identificadas ao longo da observação do programa Tempo Quente em que a periferia aparece como local de crime e de criminosos: a primeira quando ocorre um crime em áreas consideradas nobres e o acusado é preso e identificado como morador da periferia. A segunda aparece em matérias genéricas e caracteriza a periferia como lugar de onde o crime pode vir. No caso do programa estudado, pode-se citar o bairro onde foi realizado o estudo de recepção como exemplo: quando há matérias sobre a região o bairro é citado como causador de medo para motoristas que trafegam pela rodovia ou para os funcionários da fiação de seda que funciona ao lado do bairro. É citado pelo apresentador como bairro preferido pelos bandidos, quando da entrevista com o pesquisador, por não existirem ruas com entrada e saída pelas quais a polícia possa chegar para “caçar” os bandidos, apesar do apresentador fazer questão de ressaltar que sabe que a maioria dos moradores são trabalhadores, pessoas de bem. A terceira forma é a que representa a periferia como lugar de criminoso. Quando acontece uma morte, por exemplo, sempre se busca um jeito de tornar a vítima um criminoso, alegando sua ligação com o tráfico ou com outro tipo de delito. Quando se vitimiza somente a classe média se está sugerindo ao telespectador que os moradores da periferia já estão acostumados com o crime ou são criminosos e, portanto, seu sofrimento não importa.

6 A RECEPÇÃO E SEUS PERSONAGENS

6.1 O cenário

Este capítulo apresenta o retrato de um bairro da cidade de Londrina e dos seus moradores, enfatizando a família que participou da pesquisa. Também será mostrado um pouco da história da cidade.

Londrina surgiu em 1929 como primeiro posto avançado de um projeto inglês de colonização, porém já estavam na região vários colonos vindo do interior de Minas Gerais e de São Paulo. De acordo com o *site* oficial da Prefeitura Municipal de Londrina, na tarde do dia 21 de agosto de 1929 chegou ao local chamado Patrimônio Três Bocas a primeira expedição da Companhia de Terras do Norte do Paraná. Nesse local, o engenheiro Alexandre Rasgulaeff fincou o primeiro marco nas terras onde surgiria a cidade de Londrina.

O nome da cidade foi uma homenagem prestada por João Domingues Sampaio, um dos primeiros diretores da Companhia de Terras Norte do Paraná. A criação do município ocorreu cinco anos mais tarde, por meio de Decreto Estadual, assinado pelo interventor Manoel Ribas, em três de dezembro de 1934, mas sua instalação como cidade se deu a 10 de dezembro, data em que se comemora o aniversário da cidade. Joaquim Vicente de Castro foi nomeado, pelo interventor Manoel Ribas, como o primeiro prefeito de Londrina.

No início a base da economia foi a agricultura. A cidade ficou conhecida nacionalmente como Capital do Café, hoje são poucas as propriedades que ainda o cultivam. Londrina vive basicamente da prestação de serviços, pois são poucas as indústrias instaladas na cidade. A educação superior é outro ponto forte. Em 2007, eram 11 instituições de ensino superior instaladas na cidade, atendendo a mais de 30 mil estudantes, das quais, somente uma é pública. A estimativa do IBGE é que a cidade possua em torno de 490 mil habitantes.

Nos últimos cinco anos, a cidade vem enfrentando um aumento da violência, tanto urbana quanto rural. Em 2003, o número de homicídios passou de 400, nos anos seguintes esse número diminuiu, porém aumentaram os índices de roubos, furtos e latrocínio. A população pede aumento do número de policiais nas ruas e organismos da sociedade civil

cobram políticas públicas de geração de renda para a população carente. Poucas medidas têm sido efetivadas.

Dentro deste cenário encontra-se o Jardim Nossa Senhora da Paz, situado na zona oeste de Londrina e a menos de 10 minutos do centro da cidade. São somente quatro ruas onde moram 305 famílias, que sofrem com a violência presente no seu dia-a-dia. O bairro ficou conhecido como Favela da Bratac, empresa instalada no meio do bairro e que trabalha com fiação de seda. Apesar de ter sido urbanizado há mais de 40 anos, a imprensa insiste em chamar o bairro de favela. Os moradores ressaltam sempre que a empresa não possui favela alguma e que eles são moradores do Jardim Nossa Senhora da Paz.

A imprensa só vai às comunidades carentes quando há algo considerado vendável, o que, hoje, é sinônimo de notícia ruim ou sensacionalista. A cidade pede uma solução para a violência. O prefeito diz que a polícia deve colocar mais policiais na rua, mas quem tem a oportunidade de trabalhar nas comunidades onde a violência está presente percebe que a solução deve percorrer outro caminho. Paulo Freire fala da necessidade de uma educação que parta da realidade do educando, para que ele pense sobre a sua condição e busque a mudança. Somente pela transformação dos moradores em verdadeiros cidadãos a mudança poderá ocorrer.

O presente capítulo será um pequeno recorte de uma realidade maior, retratará, por meio de depoimentos de moradores e de observações feitas durante a participação nas atividades da comunidade, a história do bairro e como a violência aos poucos foi se tornando parte do seu dia-a-dia. Em muitos momentos se usará a palavra vila para se referir ao bairro, respeitando a fala dos moradores, buscando ser o mais fiel possível às histórias que os moradores relataram e fazendo a leitura dos dias atuais a partir da observação feita durante as visitas realizadas. Não haverá a identificação dos moradores que deram depoimento, tendo em vista o risco a que seriam expostos.

A metodologia utilizada para obtenção de dados foi a entrevista com os moradores do bairro e a observação de sua rotina. Procurou-se reproduzir da maneira mais fiel suas memórias e avaliações sobre os fatos relatados ao pesquisador. Os nomes dos envolvidos com crimes também foram omitidos para a segurança dos moradores que concordaram em contar a história do local. Algumas informações são fruto da observação do pesquisador nas visitas ao bairro e na avaliação dos próprios fatos.



Figura 2 - Jardim Nossa Senhora da Paz com a Fiação de Seda Bratac em primeiro plano.

Fonte: Paulo Wolfgang - Arquivo Folha de Londrina.

O Jardim Nossa Senhora da Paz existe há mais de 40 anos e começou como uma favela próximo à Bratac, empresa de fiação de seda, cujo muro percorre toda uma rua do bairro. Em apenas quatro ruas moram 305 famílias. Nos quintais há sempre mais de uma casa, porque os filhos vão se casando, tendo filhos, mas não se mudam. Em algumas casas moram mais de uma família. O espaço é mínimo e a privacidade é, praticamente, nenhuma. É comum todos dormirem no mesmo quarto e até na mesma cama. Os jovens passam a maior parte do dia na rua, sentados nas calçadas. A maioria dos moradores tem filhos muito jovens e quase sempre de pais diferentes.

Os moradores relatam que sempre houve violência no bairro, mas era com arma branca (faca). As brigas aconteciam, porém, por outros motivos, não por causa do tráfico. Por exemplo: um comia os animais dos outros. O bairro não tinha asfalto, nem separação dos quintais. No local, não havia casas de alvenaria ou madeira, somente barracos de lona.

Os moradores lembram que havia muito mato no bairro e existiam drogas, mas era uma coisa mais escondida, camuflada. “A situação era precária, mas as pessoas trabalhavam e havia menos tráfico. Eram pessoas trabalhadoras e extremamente carentes. Hoje vivem mais do tráfico, ninguém quase trabalha”.

No início do bairro a enxurrada passava dentro das casas e o chão era de terra batida. O sonho de todos era ter uma casa popular. Quando a Companhia de Habitação de Londrina (Cohab) começou a limpar os terrenos e abriu inscrição para que os moradores pudessem adquirir um terreno e construir sua casa, todos queriam sair da miséria e do lixo. Em 1984, várias pessoas se mudaram para as casas populares. Segundo os moradores, houve briga

porque nem todos conseguiram a casa e acharam que nem todos que receberam casas as mereciam.

Mas não se pode negar que a comunidade sempre foi muito ajudada pela população de Londrina. “Quem não conseguiu uma casa melhor foi por comodismo”. Os Vicentinos (Ordem da Igreja Católica) construíram muitas casas no bairro. Os moradores relatam que padre Lino também deu muito material de construção para quem freqüentava a igreja. Eles atribuem ao comodismo ou a quem se mudou recentemente para o local a precariedade das casas.

Porém, quando as pessoas que recebiam as doações começaram a vender o material todos pararam de doar. A construção das casas funcionava em sistema de mutirão. As pessoas doavam o material e a comunidade entrava com a mão-de-obra. “Ajuda hoje é com cestas básicas, mas dá para contar os que são ajudados, acho que hoje são umas 20 famílias. O auxílio não é tão intenso como antigamente. Atualmente só se dá cesta básica quando o caso é crônico, não todo mês como era antes”.

Alguns moradores ainda se lembram do dono de uma granja que doava um caminhão de galinha todo mês. “Ele vinha, parava na praça, que fica na entrada do bairro, e dava duas aves por família. As pessoas aqui nunca passaram fome, nunca passaram necessidade. Até supermercado doava. Acho que por isso ficaram tão acomodados”.

“Antes os adolescentes só estudavam, havia poucos que roubavam ali na rodovia, mas não era tão intenso como agora. O negócio do povo era roubo, não tráfico, mas quem roubava eram os ladrões grandes, roubavam fora e levavam para vender mais barato na vila. A marginalidade não era tão escancarada como é agora. Hoje em dia a dificuldade é que tem muita criança envolvida. Não é nem em roubo mais, é em tráfico o que é muito pior”.

Os moradores relatam que o tráfico tomou conta do bairro, ou seja, intensificou-se mesmo há 12 anos (1995). Foi quando perceberam que mais ou menos 90% das pessoas que moravam na vila estavam vivendo do tráfico. “As pessoas começaram a perceber que esta atividade estava dando muito dinheiro, muita gente reformou casa com dinheiro de tráfico, mas como tudo que vem fácil, vai fácil”.

“Tem um rapaz aqui em Londrina que tem dois apartamentos em Santa Catarina, apartamento aqui em Londrina, carro de luxo e mora ainda ali na vila. Vive do tráfico ainda. Tem um outro que saiu da cadeia, que tinha casa com portão eletrônico, móveis e eletrodomésticos da melhor qualidade, ali dentro da vila, foi preso por tráfico e perdeu tudo. Os traficantes vêm caindo (estão sendo presos), de alguns anos para cá a polícia federal fez uma limpa porque tinha muito policial envolvido também. A corrupção policial é muito

grande. Do que o pessoal roubava metade era deles, metade era do policial. O traficante ia buscar droga no Paraguai, na Bolívia, metade era do policial. Houve até uma vez que o policial foi dar batida na casa de um rapaz e saiu apertando a mão dele. Todo mundo ficou perplexo com aquela situação, porque todos sabiam da situação dele (do seu envolvimento com o crime)”.

Os moradores relatam que o tráfico já deu muito dinheiro. “Houve um tempo em que se fazia muita festa junina na vila, com montagem de barraca e tudo o que se tem direito, mas como as pessoas de fora têm medo de entrar no bairro ficava só o povo dali mesmo, já houve festa que rendeu quase R\$ 10 mil em uma noite. Em 1998, por exemplo, a barraquinha da igreja teve um lucro cerca de R\$ 4 mil, deu para comprar aparelho de som, microfone, cálice”.

Para eles, a festa junina era uma coisa que unia a comunidade, porque todo mundo da vila tinha direito de fazer uma barraca. “As barracas eram montadas na Rua Seringueira, que é a última do bairro. Nessa festa era possível ver como o tráfico era intenso e rendia muito. Os pais davam até R\$ 100 para o filho gastar nas barracas”.

As festas aconteceram durante quase oito anos. Depois que o tráfico se intensificou, as pessoas foram se armando e começaram a ocorrer muitas brigas nas festas. Na última, um rapaz baleou o outro. Então, a mãe das meninas que organizavam a festa e tiravam o alvará na prefeitura as proibiu de fazer festas juninas com receio de que acontecesse alguma morte e elas fossem responsabilizadas.

Nessa época acontecia um fato muito interessante, as pessoas que estavam envolvidas com o tráfico respeitavam os moradores da vila, ajudavam quem precisava. Eles ajudavam também nas festas, buscando bambus e montando barracas. Dentro da vila, tinham um comportamento de maior colaboração com os moradores, mesmo os que, fora dali, praticavam crimes.

Hoje isso mudou muito. A grande maioria dos envolvidos com o tráfico são adolescentes. “Eles roubam ali dentro da vila, não respeitam ninguém. As crianças não podem brincar na rua. Eles roubam e ameaçam o povo que mora aqui”, constatam os moradores.

E questionam: “Antigamente por mais que o povo fosse briguento, todos podiam brincar à vontade na rua, até mesmo essas pessoas entravam na brincadeira. Era uma ingenuidade maior, mas hoje em dia esse sentimento não existe mais, é pura malandragem. Ninguém tem coragem de chegar tarde em casa, é muita gente de fora que se esconde em mocó (locais abandonados que servem de abrigo). Tem muita casa abandonada porque várias pessoas que construíram uma vida no bairro, criaram seus filhos na vila, tiveram que sair correndo por causa de ameaças dos adolescentes. Deixaram tudo para trás, gente que tinha

credibilidade e hoje não tem mais, você não sabe mais em quem confiar, em quem acreditar. Os adolescentes não têm responsabilidade com nada, nem ninguém, não respeitam pai e mãe, vão respeitar quem não tem nenhum vínculo com a família?”.

Para os moradores: “O comando do tráfico é feito por adolescentes, não tem gente mais velha envolvida nisso. Porque o pessoal que está saindo da cadeia agora, o negócio deles é tráfico, mas eles não mexem com o pessoal ali da vila. Eles querem mais é que o povo se dane. O negócio deles é com gente de fora. Essas trocas de tiro que estão havendo praticamente todo dia é adolescente da outra favela (Pantanal) com os adolescentes daqui (Nossa Senhora da Paz). Eles se acham os todo-poderosos com arma na mão. Aí eles assaltam ali no sinaleiro (há um semáforo bem próximo da entrada do bairro na rodovia que passa ao lado), assaltam o pessoal que entra na vila. Eles não têm medo, inclusive uma das pessoas que saiu escorraçada aqui da vila foi um dos que antigamente ameaçavam, era o bom da boca na vila, já tinha matado muita gente com arma branca, era matador mesmo, foi expulso pelos adolescentes, que andavam com arma na mão. Ele já estava de idade, com mais de 60 anos, não tinha mais o vigor que tinha antes. Ele vive do tráfico também, mas o tráfico está mais fraco hoje em dia ali, porque a polícia está caindo em cima. Apesar de ter alguns policiais que ainda comungam com isso, tem outros que estão combatendo o tráfico”.

Os moradores acreditam que o tráfico está diminuindo, mas a violência não. A maioria dos adolescentes envolvidos no crime tem arma. “Vejo adolescentes que conheci quando criança matando, com arma na mão, andam armados, mostram para gente como se fosse uma grande façanha. E não são essas arminhas não, esses 38, são armas potentes tipo K-9, 9 milímetros, são armas de fogo de qualidade, melhor que da polícia. Essa é a constatação de quem vive o dia-a-dia do bairro”.

A falta de perspectiva e o comodismo diante da situação estão presentes também. “Não há um trabalho de recuperação desses adolescentes, não sei se CIAADI (Centro Integrado de Atendimento ao Adolescente Infrator) recupera alguém. É uma lástima, uma pena ver a situação. Crianças com as quais convivi chegaram nessa situação. A perspectiva de vida ali parece que gira em torno disso: eu crescer, ter minha arma, minha boca-de-fumo. Ninguém pensa em estudar, ninguém quer saber de estudar. Para mim a educação é a única saída, por mais que se fale de projeto e tudo, eu vejo a educação como o único caminho. Agora eu consigo perceber que o meio não modifica, mas influencia muito”, relata um dos moradores.

Os moradores defendem que a saída é a educação. “Todos esses adolescentes que estão praticando esses crimes agora, todos pararam de estudar na terceira série, na quarta, às

vezes na segunda série, ficaram apenas nas séries oferecidas pela Escolinha do Marista no bairro e os pais não se importam, não exigem que o filho volte para a escola. Os pais se justificam dizendo que as crianças não têm capacidade para aprender. Coitadinho não vou fazer nada, é que ele não tem cabeça para isso não, ele puxou para mim”, é a justificativa mais freqüente apresentada por eles.

O Colégio Marista mantinha uma escola de 1ª a 4ª série no bairro, há cerca de 16 anos. A escola era aberta para toda comunidade, mas não era valorizada pelos moradores. Muitas mães não queriam que as crianças se misturassem e as colocavam em outras escolas, a capacidade era para atender 200 crianças, mas apenas 80 freqüentavam. Quando o colégio mudou a diretora da escola, houve resistência da comunidade e o Marista optou por não oferecer mais o ensino. Hoje na casa funciona uma creche que atende crianças do bairro, mas sempre respeitando as determinações dos traficantes.

“As pessoas novas desistem das coisas muito fácil. Eu vejo assim quando você vai para a escola, você estuda, você sonha. Se você sonha, você luta para alcançar esse sonho. Mas se você não vai para escola, não vai para lugar nenhum não tem ninguém que alimenta esse sonho em você, o que você vai sonhar? Vai sonhar ali mesmo no seu mundinho, a coisa pequena, vai sonhar o que todo mundo perto de você sonha. É ter uma arma, uma boca-de-fumo, é ser o patrão, é ter muito dinheiro, roubar. O grande lance da comunidade tinha que ser a educação, quando você amplia os horizontes você quer ter vôo de águia, não ficar igual a galinha ciscando no chão. Esse é o desejo de muitos moradores, mas para ir à ação faltam elementos motivadores, além de consciência de que tipo de mudança se quer e como realizá-la”, afirma um morador.



Figura 3 - Operação policial em uma das ruas do Jardim Nossa Senhora da Paz, revistando, inclusive, crianças.

Fonte: Dorico da Silva - Arquivo Folha de Londrina.

“O que causa revolta é que primeiro os pais deixam os filhos se envolverem com o tráfico, até por considerar mais cômodo, mas depois querem que os projetos assistenciais os salvem. Eu me revolto com isso, por que enquanto o filho era pequeno e estava na sua mão você não cuidou e agora quer jogar a responsabilidade para os outros?”, questiona.

“Eu sou bem dura nesse ponto porque você precisa cuidar enquanto está na sua mão, depois não adianta jogar a culpa no outro. Porque o governo não tem nenhum projeto para encaminhar esse povo, por isso os adolescentes estão assim. Porque a comunidade não ajuda, mas espera aí, o governo e a comunidade precisam ajudar, mas você precisa fazer a sua parte também. Acredito que as pessoas são acomodadas por receberem muita ajuda, estão acostumados a ter tudo na mão. Houve uma época que havia distribuição de dinheiro na vila. Bolo, panetone recheados com dinheiro eram distribuídos no final do ano. Teve gente que já trocou móveis de casa com essas “doações”, a criança ganhou um panetone no meio da rua recheado com R\$ 3 mil, chega em casa e os pais aceitam sem nenhum questionamento. Às vezes era um avião pequeno que passava jogando envelope de dinheiro, outras passavam na beirada da avenida deixando bolo recheado com dinheiro. Na época do ano-novo iam no meio da vila distribuindo os envelopes, mas era bem cedo, tipo cinco horas da manhã, depois a violência começou a crescer e começaram a deixar na beira da rodovia, hoje não passam mais”, relata.

Para alguns moradores, a discriminação começa entre eles mesmos. “Na minha opinião eles mesmos se discriminam e se acham coitados, querem que alguém sempre os

ajude, mas não fazem nada para melhorar suas condições, esperam que alguém resolva para eles. Não aproveitam as oportunidades que têm. Muitos receberam cursos, educação de graça e não quiseram aproveitar, tem muita jovem que teve oportunidade e não quis, agora está ali com três, quatro filhos, mãe solteira”, afirma um dos moradores.

“Sinto que falta também um convívio social, o convívio é sentido no meio fio com fulano ou sicrano, não saem do mundinho fechado deles. É importante a ligação com alguma religião, claro que a igreja não vai salvar, não vai fazer nenhum milagre, mas contribui para que a situação se modifique. A igreja católica do bairro oferece aula de violino, violão, canto e tem um coral.

A pessoa que já se acomodou com aquilo, não quer sair daquela condição não tem porquê ficar perdendo tempo com ela. ‘Aprender não é para todos é para quem quer’, gosto muito dessa frase e acho que serve para tudo, só muda quem quer. Investir em quem quer a mudança, ajudar quem quer ser ajudado. Quem quer se afundar se afunde sozinho sem levar os outros junto. Já foram oferecidos vários cursos para a comunidade, inclusive de geração de renda, mas ninguém quer saber de fazer. A maioria da comunidade recebe todas essas bolsas, esse assistencialismo que acaba com qualquer pessoa. A prefeitura ofereceu curso de padeiro um começou e não terminou, curso de costureira, de confeitiro ninguém fez”.

“Quando houve a troca de tiros mais intensa dentro do bairro a prefeitura perguntou o que a comunidade queria para tentar resolver o problema. A comunidade queria uma cancha no meio do bairro para os adolescentes brincarem. Se quiser uma cancha constrói, mas não é isso que vai resolver o problema. Eles são muito fechados, não sonham. Gostaria de fazer um estudo para saber por que eles não lutam, por que eles não vão atrás. É uma comunidade que se preocupa muito com o desejo”, desabafa um dos moradores.

E que: “Não é um desejo saudável, é um desejo de ter tudo fácil, o desejo nos adolescentes é despertado muito cedo. É muito prejudicial para eles, um desejo de sexo desenfreado, o desejo de ter aquilo que não é dele, querer o que é dos outros, de não querer lutar por aquilo que deseja por ver que gente que mora perto dela consegue fácil. Não há limites, o mesmo pai de família tem filhos com várias mulheres. Não tem uma moral, isso não quer dizer que toda a comunidade seja imoral, tem gente de moral e respeito que luta pelo que quer, que faz”.

Em 40 anos de existência da comunidade somente quatro pessoas se formaram em curso superior, não que isso seja a garantia da mudança, mas é a possibilidade de novas visões, novas perspectivas.

Para um dos moradores: “A maioria das famílias começa com os adolescentes, muito raro um casal que namorou, que planejou, construiu e se casou. A grande maioria é de pessoas que começaram a ficar junto, depois a menina engravidou e aí se casou, não deu certo com esse aí já pegou outro e ficou grávida do outro também. Todas essas pessoas vão ficando dentro da casa do pai e da mãe até que a moça encontra alguém que gosta muito dela e aluga um cômodo e vão morar juntos. Mas ninguém vai embora do bairro, tudo gira em torno dali mesmo. Aluga um barraquinho por ali mesmo e ali fica. Como ninguém estuda, ninguém tem profissão tem que fazer alguma coisa porque a mulher cai em cima para sustentar. Preciso sustentar esse monte de barrigudinho e catarrento que está aqui dentro da minha casa então o que eu vou fazer, vou roubar ou vou entrar no tráfico para dar o que comer. Aí fala que o tráfico e o roubo são meio de sobrevivência. Claro que são, você não fez nada para que isso mudasse. Aí acaba em pai preso e a mãe fica sozinha, vai trabalhar de doméstica para criar os filhos e a avó é quem cuida. A maioria das crianças é criada pela avó porque pai e mãe vão para a cadeia. Aí falam para as crianças que os pais estão na cadeia porque estavam procurando um meio para colocar o que comer em casa”.

Muitas crianças são concebidas dentro da cadeia e são comuns irmãos de pais diferentes. As mulheres não conhecem seus companheiros, não sabem o sobrenome, a data de nascimento ou mesmo se são originários de outras cidades ou estados.

Os crimes são encarados como parte do cotidiano e estão nas conversas diárias, principalmente após o fim de semana. Em alguns desses relatos, é possível perceber que a morte de jovens e adolescentes é considerada como um acontecimento comum, uma vez que as armas estão presentes entre eles. No relato de uma dessas mortes os moradores constatam que o fato era inevitável, pois o adolescente estava jurado de morte. Ninguém sequer cogita denunciar o fato à polícia ou buscar ajuda junto a autoridades como Ministério Público ou assistência social da Prefeitura.

“Você viu, mataram o Paulinho (nome fictício) nesse fim de semana. Mas também ele não quis ouvir, eles iam jogar bola na quadra do outro bairro, falei para não ir que o pessoal de lá estava doido para pegar ele. No começo ele até desistiu, depois resolveu ir. Aí não teve jeito, mataram com seis tiros, quase todos na cabeça”. Tiros na cabeça são uma das características de execução. Outro morador continua a história: “Dizem que eles (os autores do crime) saíram correndo atrás deles (Paulinho e os amigos) e começaram a atirar, o motorista do carro se jogou no chão, aí um dos caras passou por ele e falou: Não queremos nada com você não e deixou ele em paz. Mas quando pegaram o Paulinho encheram de tiro”.



Figura 4 - As mortes violentas fazem parte do cotidiano dos moradores.

Fonte: Karina Yamada - Arquivo Folha de Londrina .

As crianças demonstram que a violência e o crime acabam compondo seus referenciais. Durante um passeio pela cidade enquanto os referenciais de crianças de outras comunidades seriam pontos como a rodoviária, a maternidade, o estádio de futebol, as crianças do Jardim Nossa Senhora Paz se referiam aos distritos policiais. “Olha tia ali fica a 10^a. (10^a. Subdivisão Policial, delegacia central onde fica também o centro de triagem da polícia militar). Aqui para baixo fica o 2^o. Distrito (até agosto de 2003 abrigava as mulheres presas, depois elas foram transferidas para o 4^o. Distrito)”.

Um morador relata que as delegacias mais próximas e a penitenciária são o referencial porque as crianças costumam ir visitar parentes ou mesmo os pais e amigos. Às vezes, esse é o passeio de final de semana.

6.2 Os personagens

Em pesquisa realizada em 2001, pelas pesquisadoras Dalva Regina Taniguchi e Marly Teixeira de Souza, para a Creche Escolinha Irmãs de Betânia, que funciona no Jardim Nossa Senhora da Paz, foram obtidos dados que são relevantes para mostrar a realidade dos participantes da presente pesquisa que serão descritos a seguir. Nesta pesquisa foram visitadas todas as casas do bairro. Havia então 1.280 pessoas morando no local, 40% homens e 60% mulheres. A média de idade ficou em 31 anos. As crianças correspondem a 36% da

população, 20% na faixa etária de 7 a 15 anos. Os moradores acima de 50 anos compõem 14% dos moradores e os com mais de 66 4% da população.

Na situação habitacional, 90% moram em casa própria; 5% em casa cedida, normalmente por familiares, e 5% em casa alugada. No bairro, a pesquisa constatou que cerca de 23% das 305 famílias têm uma união estável. 50% delas declararam ser casadas oficialmente. 19% das famílias não se enquadram em nenhuma das situações anteriores (união estável ou casamento) e boa parte delas é mantida somente pelas mulheres. De 812 pessoas com idade acima de 18 anos, 37% se declararam casados, 16% em união estável, 6% viúvos, 8% separados e 33% solteiros. Quanto à estrutura familiar há uma média de quatro pessoas por família, incluindo aqueles que se encontravam trabalhando fora da cidade ou presos na época da pesquisa. De acordo com os dados das pesquisadoras: 104 famílias com dois ou três integrantes; 138 com quatro a seis integrantes; 38 famílias com mais de sete integrantes e 25 famílias constituídas por apenas uma pessoa.

A evasão escolar na região é muito alta. Cerca de 50% dos 185 jovens na faixa de 16 a 21 anos estavam fora da escola na época da pesquisa. 10% da população total da comunidade são de analfabetos. No aspecto financeiro, dos 812 adultos de ambos os sexos com idade acima de 18 anos, cerca de 27% estavam desempregados, 13% declararam possuir um trabalho informal, 37% tinham trabalho com carteira assinada e 17% eram donas-de-casa, 8% aposentados ou licenciados pelo INSS por questões de saúde. No quesito renda familiar, a situação mostrou-se um pouco complexa porque muitas das famílias supostamente recrutadas pelo tráfico não declararam nenhum tipo de renda, apesar das pesquisadoras terem observado um padrão de vida dentro dos limites da sobrevivência. 20% das 305 famílias pesquisadas declararam não possuir nenhum tipo de renda pelo fato de o mantenedor da família estar desempregado há mais de três meses ou preso, dependendo estas famílias exclusivamente dos programas sociais da prefeitura, da ajuda de igrejas que atuam na comunidade, dos vizinhos e parentes ou, então, entram para o tráfico ou seus integrantes praticam roubos, furtos e assaltos para a manutenção da família. 17% declararam renda de um salário mínimo, 25% dois salários mínimos, 21% recebem entre três e quatro salários e 17% acima de quatro salários mínimos.

Analisando-se esses dados pode-se afirmar que cerca de 37% das famílias do Jardim Nossa Senhora da Paz vivem abaixo da linha de pobreza estipulada pelo governo, com renda inferior a um salário mínimo, situação que leva ao agravamento e ao aumento da criminalidade no bairro, dificultando ainda mais a vida dos que ali moram e que muitas vezes

não conseguem emprego justamente por residirem em um local marcado e reforçado pela imprensa como violento e reduto de marginais.

A questão religiosa também fez parte da pesquisa e ficou demonstrado que 36% dos moradores se declaram católicos, 40% evangélicos e 23% sem religião. A família moradora do bairro somente aceitou participar do estudo de recepção sobre o programa Tempo Quente com a garantia do pesquisador que não seria identificada. A questão da segurança é a que mais os preocupa, pois, praticamente todos no bairro assistem ao programa de forma velada, comentando o programa somente em lugares nos quais se considerem seguros, pois os traficantes que dominam o local são absolutamente contra o apresentador, já tendo, inclusive, furado os pneus do carro de reportagem e ameaçado os repórteres. Por essas razões, não são utilizados os nomes próprios para identificar a família, somente as indicações a seguir: a mãe, o filho mais velho, a filha do meio e a filha mais nova.

A família é composta por quatro pessoas, com idades entre 16 e 48 anos, mãe e três filhos, o pai já é falecido, três trabalham, o que é uma exceção no bairro, onde há um grande número de desempregados. A renda familiar está em torno de três salários mínimos o que garante à família uma qualidade de vida razoável diante da realidade da maioria dos moradores.

A casa da família é própria, construída pela companhia municipal de habitação, sofreu poucas mudanças, são cerca de 80 m², com seis cômodos: três quartos, sala, cozinha e banheiro. Há uma pequena área na parte da frente e outra nos fundos, onde se localiza a área de serviço. Os móveis e eletrodomésticos não são muito novos, mas estão bem conservados, demonstrando o cuidado que a família tem com os bens que possui.

Como na maioria das famílias, a cozinha, além de servir para o preparo dos alimentos, é também o espaço de convivência. Na sala, o televisor está em local de destaque, o sofá e a mesinha de centro se dispõem em frente ao aparelho que fica sobre um *rack*, na parte superior, abaixo há um aparelho de DVD e um rádio portátil que costuma ir para a cozinha ou a área de serviço, conforme a realização das tarefas diárias da mãe.

A mãe possui o primeiro grau e trabalha como auxiliar de serviços gerais em uma empresa. Entre os filhos, o mais velho já concluiu o ensino médio e trabalha como vendedor, a filha do meio trabalha meio período como babá e cursa o ensino médio e a menor somente cursa o ensino médio, situação também atípica, posto que a maioria dos adolescentes do bairro não trabalha e também não estuda. Elas estudam em escola pública em bairro vizinho ao Nossa Senhora da Paz, que não possui escola de ensino médio. A vida da família é marcada pelo trabalho e pelo desejo de construir uma vida melhor. As maiores dificuldades

enfrentadas, e sempre citadas, referem-se à discriminação, por morarem em um bairro considerado perigoso e no qual os moradores são estigmatizados como envolvidos com o crime.

A valorização do trabalho é uma constante na família que acredita, principalmente pela fala da mãe, que o trabalho ajuda a forjar o caráter. A pessoa trabalhadora, quase automaticamente, é associada a “pessoa do bem”. O medo também aparece com frequência, principalmente de que os filhos se envolvam com o tráfico, hoje comandado, de acordo com o relato dos moradores, por adolescentes.

A família é católica praticante e frequenta semanalmente a capela do bairro. “Acho que é muito importante a gente se apegar a Deus. Somente Ele é capaz de nos proteger e ajudar a ter uma vida melhor”, diz a mãe. Ela faz questão de mostrar os documentos que comprovam que os três filhos foram batizados, fizeram primeira comunhão e foram crismados. A ida à missa é obrigação cumprida à risca por toda a família. Os filhos às vezes reclamam, mas acabam acompanhando a mãe. “Tem domingo que estou com preguiça, mas a mãe levanta e faz todo mundo ir com ela. No final acaba sendo bom. Mas, às vezes me pergunto por que Deus deixa tanta coisa ruim acontecer”, conta a filha do meio.

As tarefas domésticas são divididas entre as mulheres da casa, e elas parecem achar natural que o homem da casa não participe desses afazeres. Como a mãe trabalha, uma das meninas estuda e a outra estuda e trabalha, a maior parte do serviço é feito no final de semana. É, também, nos finais de semana que elas aproveitam para cuidar de si. Todas são vaidosas e fazem questão de pintar as unhas toda semana, de aplicar creme nos cabelos e cuidar das sobrancelhas.

Durante a semana, aproveitam para adiantar o que é possível do serviço doméstico, como limpar a casa, lavar e passar roupas. Elas fazem de questão de mostrar que apesar das dificuldades financeiras o lar está sempre limpo e arrumado, as roupas e a aparência pessoal também são preocupações. “Não é porque a gente é pobre que precisa viver na sujeira ou desarrumado. A gente tem que ter orgulho e saber se colocar para ser sempre respeitado. Sempre ensinei isso para os meus filhos, e não só com palavras, mas com exemplo”, orgulha-se a mãe.

A família não fala muito sobre o pai. A mãe conta que ele sempre foi um homem trabalhador, mas que acabou sendo vítima do bairro. Ele foi encontrado morto com três tiros e a polícia não descobriu o autor ou o motivo do crime. “É muito triste essa situação, gostaria muito de saber o motivo da morte dele. Mas, a polícia não se importa com quem morre aqui, para eles são todos bandidos e pronto”, desabafa a mãe.

7 AS MEDIAÇÕES NA RECEPÇÃO DE TEMPO QUENTE

Este capítulo apresenta uma análise da recepção do programa feita pela família participante, considerando-se as mediações propostas, ou seja: cotidiano familiar; subjetividade, gênero jornalístico e videotécnica. Realiza-se também a comparação da construção da imagem do acusado feita pelo apresentador com a leitura e reconstrução dessa imagem pela família.

7.1 O Cotidiano Familiar: Consumo dos Meios

A cultura familiar pode ser entendida como a responsável por dotar seus membros de uma matriz de identidade e reconhecimento, o que não exclui que ela seja também um espaço de crises, conflitos e tensões. Essa cultura é construída por meio da integração entre os seus membros e do grupo familiar com os grupos com os quais convive na sociedade. Além disso, o cotidiano familiar pode ser entendido como uma categoria abrangente, na qual são expressas as relações do público e do privado. Em uma sociedade capitalista, cujo comércio global produz relações sociais cada vez mais privatizadas e uma esfera pública cada vez menor, é na família que se vai encontrar o desenvolvimento de relações para a formação tanto de consumidores quanto de cidadãos (CANCLINI, 2005).

O consumo está na vida diária do cidadão e implica produção. Comprar, usar, ler, cozinhar, assistir televisão são atos de produção, de cultura. É na cultura da vida cotidiana que os cidadãos desenvolvem táticas e técnicas de resistência e descobrem formas de ressignificar as mensagens recebidas.

Neste estudo, entende-se a família como um espaço social, cultural e de mediação das mensagens do programa Tempo Quente. Nesta perspectiva, adotou-se a concepção operacional de família que contempla múltiplas dimensões. Como Lopes, Borelli e Resende (2002), considerou-se para esta análise do cotidiano familiar: família como comunidade de consumo inserida no mercado de trabalho e de consumo, na qual se gera o sentido do que se tem e do que falta; comunidade estética em que se acomodam as sensações, impulsos e

desejos; comunidade afetiva, local em que se constrói a primeira experiência de alteridade; comunidade de poder, em que autoridade e papéis estão em constante disputa; comunidade de interpretação que funda valores e juízos para as práticas sociais.

Na outra ponta da relação está a televisão, que hoje é parte integrante da vida familiar, pois está presente na rotina diária das famílias. A leitura que a família faz do programa é uma experiência cultural ativa e complexa e produto dos hábitos da família e das experiências de cada um de seus membros.

No tratamento da mediação cotidiano familiar foram analisados: o consumo dos meios; a assistência da programação da televisão e do programa Tempo Quente. Quanto ao consumo dos meios pode-se observar que além do televisor, o rádio é presença constante. No caso da mãe ele é utilizado como acompanhamento das tarefas diárias, logo pela manhã ela já liga o aparelho para ouvir o programa que o apresentador do Tempo Quente, tem na rádio. Assim ela acompanha as notícias policiais primeiro pelo rádio e, na hora do almoço, assiste ao programa pela televisão que apresenta, basicamente, as mesmas notícias, porém acompanhada das imagens. Ela relata: “Gosto de ouvir o Camargo, por isso ligo na Paiquerê para escutar as notícias, depois na hora do almoço a gente vê o programa também”. Nos outros momentos que está em casa ouve programas musicais. Não lê jornais ou revistas, mas relata que gosta muito de ler a bíblia.

Os filhos preferem programas musicais. O mais velho gosta, principalmente, de músicas sertanejas, a filha do meio diz apreciar música internacionais e a mais nova diz que gosta de ouvir de tudo um pouco. Eles também não costumam ler jornais, mas as meninas gostam de revistas que falam sobre os artistas de televisão e o rapaz de gibis. Os poucos CDs que possuem contemplam os gostos musicais dos filhos, mas há também CDs de música Gospel (religiosa) que a mãe gosta. O consumo de música e do rádio ocupa um tempo significativo do lazer da família. A mãe diz preferir que os filhos fiquem em casa ouvindo música do que pelas ruas do bairro, que considera perigoso.

A assistência da televisão faz parte dos hábitos diários da família. A mãe, além do programa Tempo Quente, assiste também às telenovelas. O filho mais velho gosta de filmes e programas de música, mas quando está em casa à noite prefere ouvir música a ver as novelas. As meninas costumam acompanhar a mãe na assistência das novelas, mas gostam também de filmes e programas femininos. Na família quase não se assiste a telejornais sejam locais ou nacionais.

Apesar das diferenças de idade entre seus membros, a família costuma assistir o programa Tempo Quente todos os dias no horário do almoço. Nem sempre todos conseguem

acompanhar o programa inteiro, por causa dos horários de entrada no trabalho, mas quem assiste acaba contando para o outro as notícias. A família na maioria das vezes concorda com as opiniões do apresentador. A mãe diz concordar que bandido tem que ficar na cadeia e que muitas vezes o apresentador diz aquilo ela gostaria de falar, inclusive para as autoridades (polícia e políticos), mas quando Camargo fala do bairro não concorda, porque ele não conhece a realidade deles e, por isso, acaba dizendo bobagens.

O filho mais velho diz que, às vezes, tem a impressão que o apresentador defende mais as ações da polícia, justificando algumas ações que ele acredita tenham sido exageradas. Quando por exemplo a polícia erra e prende um inocente. Também concorda com a mãe que, sobre o bairro, ele fala com preconceito. Para filha do meio, algumas vezes, o apresentador emite opinião sem saber direito os fatos, julgando as pessoas sem saber direito quem elas são e isso é muito ruim. Segundo a mais nova, os comentários e explicações do apresentador ajudam a compreender melhor as notícias e esclarecer as dúvidas que, às vezes, “ficam no ar”.

No momento em que estavam assistindo ao programa, foi possível observar por meio dos gestos e acenos quando concordavam ou discordavam dos comentários do apresentador. Os comentários e a emissão da opinião sobre as notícias, geralmente, ocorriam no momento dos comerciais, as manifestações de discordância aconteciam somente quando o fato se referia ao bairro onde moram.

Como o programa é exibido no horário do almoço a sua assistência se dava juntamente com a refeição. Cada um dos membros da família sentava-se em sua poltrona e equilibrava o prato sobre as pernas para poder comer e ao mesmo tempo assistir ao programa, por isso os comentários também eram poucos, mas a família conversava basicamente sobre as notícias e muito pouco sobre o dia de cada um. As notícias servem também para que a mãe reforce valores, entre eles, que somente com trabalho e comportamento ético se pode vencer na vida. Serve também para reforçar o alerta sobre o perigo das drogas e como elas acabam com a vida das pessoas. Algumas vezes, era possível perceber que os filhos não concordavam inteiramente com a mãe, mas poucas vezes se manifestavam abertamente.

A família também trazia informações complementares às notícias dos dias anteriores, demonstrando que conversavam sobre o programa e suas informações com colegas de trabalho e na escola. Isso demonstra que a recepção se dá ao longo do tempo e nos diversos espaços frequentados pelos receptores, fazendo, assim, que a mediação ocorra em vários locais. Pôde-se observar que o programa atrai a família que o utiliza como forma de saber o que acontece na cidade, mas por outro lado não assistem aos telejornais locais demonstrando uma preferência pelas notícias do meio policial. A mãe acredita que por meio do programa é

possível também se proteger, saber de que forma os bandidos agem e assim estar melhor preparado para se defender de um eventual assalto ou evitar lugares mostrados como perigosos. Durante o período acompanhado pelo pesquisador, pôde-se perceber também que é constante o medo de emitir opinião sobre a questão da violência e que por meio de olhares os integrantes da família se comunicavam e estabeleciam os limites da fala. Em alguns momentos, pôde-se notar que algumas respostas eram apenas padrão sem refletir mais profundamente o pensamento, parecendo ter sido construída considerando-se o que interlocutor deseja ouvir.

A família, nos momentos em que diz discordar do apresentador, quando ele fala do bairro onde moram, concordando com ele nas outras opiniões, parece desconsiderar que, se ele não conhece a realidade do bairro onde eles moram pode também desconhecer a realidade das outras comunidades sobre as quais fala. O pesquisador pôde observar que, em algumas das vezes em que apareceu a fala sobre o apresentador não conhecer o bairro ou quando ele opina sobre moradores presos, a família concorda com ele, mas se sente como que na obrigação de discordar para manter o sentimento de pertencimento à comunidade. A auto-estima precisa ser preservada mostrando-se que naquela comunidade a maioria das pessoas são trabalhadoras, honestas e dignas. Assim parece ser resgatado e mantido o sentimento de pertença.

7.2 A Subjetividade

A televisão intervém de modo significativo no processo de interação entre os indivíduos e o grupo social, seja por meio das imagens ou dos enunciados discursivos e não-discursivos. Os programas policiais têm se tornado líderes de audiência ao longo dos últimos anos, um dos primeiros a introduzir essa temática foi a produção do SBT *Aqui Agora*. No Paraná, um dos primeiros programas locais foi o programa *Cadeia* produzido e apresentado por Carlos Alborgheti que se tornou símbolo deste tipo de produção no estado. A presença do programa policial no cotidiano das pessoas têm se tornado comum nos últimos anos e, como produto de meio de comunicação, auxilia a construção de representações sobre as pessoas e fatos ali apresentados, colaborando para a incorporação e também para o reforço de conceitos e valores construídos ao longo da vida pelos telespectadores.

Questionar os efeitos da relação entre programa e receptor é indagar sobre a reapropriação dos produtos culturais. Neste caso, a mediação subjetiva deve ser assumida no âmbito da ação do sujeito, no modo como ele investe em um tipo específico de produto cultural e utiliza recursos intelectuais, cognitivos e afetivos. Para Borelli, Lopes e Resende (2002,), “a mediação é também uma forma de engendramento da subjetividade”.

As trocas entre indivíduo e ambiente é função primordial da cultura, enquanto instauradora da condição de humanidade. A cultura é o lugar privilegiado em que coexistem fontes de prazer e sofrimento, recursos e superação do limite humano. Nesse sentido,

Existe uma ordem real operando a cada dia, em cada momento da vida social, dentro e fora dos âmbitos do cotidiano, no imediato e no mediato. A norma social opera sobre a vida, lhe dá forma, a organiza e os atores sociais a apreendem, a atualizam, a modificam parcialmente, a usam, se submetem a ela e dela escapam. O mundo está em ordem, o acordo se estabelece, sua ruptura traz conseqüências danosas, vivemos sempre a bordo da ruptura e da inauguração de uma nova ordem [...] (GALINDO, 1988, p. 105-106, citado por LOPES; BORELLI; RESENDE, 2002, p. 183).

Cada um constrói uma imagem de si a partir das interações que tem com os outros e dos papéis que lhe são atribuídos e daqueles que escolhe para si, mas esses papéis somente se realizam a partir do reconhecimento do outro. Essa construção tem início em fase bastante precoce da vida, ainda nos primeiros anos de vida.

A relação do homem com o mundo cultural pode ser analisada nas dimensões interna e externa. A dimensão externa se refere à cultura objetiva, área com a qual ele está em constante interação; a interna é a cultura subjetiva que vai se construindo ao longo da vida, conforme o potencial de cada indivíduo. Uma área completa a outra estabelecendo uma relação dinâmica.

[...] a sociedade comporta uma cultura objetiva de caráter complexo e heterogêneo, enquanto seus membros, portadores de uma cultura subjetiva, podem ter características opostas. A qualidade da relação se subordina às condições de criação e cultivo dos objetos, e menos ao elenco de objetos oferecidos pelo ambiente. Segundo Simmel, o desenvolvimento e a condição do sujeito é dada pela cultura, na medida em que forem criados objetos cultivados para fins culturais. O paradoxo na sociedade atual que privilegia o desenvolvimento tecnológico e as condições materiais da existência produz uma vida social complexa, porém fragmentada e incapaz de gerar nos indivíduos uma cultura subjetiva mais elaborada (LOPES; BORELLI; RESENDE, 2002, p. 185).

Na sociedade atual, em que o mercado e a tecnologia têm lugar privilegiado, o sujeito acaba sendo apenas suporte de valor. Obtém o sentimento de ser alguém capaz de se apropriar de produtos e bens de consumo em quantidades cada vez maiores. O reconhecimento é alcançado na medida de seu poder de aquisição e acumulação de objetos, de instrumental tecnológico, de bens culturais e informação. Neste modelo de sociedade há

dispositivos de controle para moldar o sujeito da produção e do consumo e, desse modo, classificá-lo em diferentes níveis sociais.

Para Raymond Williams, há outra interface conceitual entre recepção e subjetividade. Ele afirma o sistema de programação televisual como um complexo de significação por meio do qual a sociedade se faz representar. Esse sistema, formado a partir da junção de grupos de textos individuais, envolve as vivências cotidianas e histórias de vida reinterpretadas que irão gerar novos contextos. No conjunto das experiências culturais às quais o autor se refere destacam-se a capacidade humana de perceber e sentir o mundo à sua volta; de ver e de pensar ser visto; de contatar o outro; de se fazer contatar e de ser contatado; de fazer valer seu modo próprio de interpretar e articular suas experiências a outras; de formular e integrar-se à própria história, à de sua cultura e a outros contextos.

Para Orozco Gómez (1993), a mediação é um processo estruturante que configura e reconfigura tanto a interação da audiência como os meios, como a criação pela audiência de sentido para essa interação. A produção de sentido implica o modo que cada um interpreta e articula suas próprias experiências com as dos outros. Gera um processo subjetivo de busca de sentido e de significado da experiência de ser alguém inteiro e, ao mesmo tempo, ser parte da trama do espaço cultural ao qual pertence.

A identidade e a subjetividade não são dadas a priori, elas são construídas pelos sujeitos por meio de suas interações e experimentações. Em vários momentos, a sociedade vivencia crises de subjetividade e de identidade que desagregam tradições e fazem surgir novas alternativas. A revisão de valores, de normas e costumes tende a gerar insegurança, pois interfere no referencial de vida. A perda de referências deixa nas pessoas a sensação de perda de controle sobre as coisas e elas tendem a agir segundo seus próprios critérios. Os meios de comunicação dão a sensação de terem critérios definidos para as diferentes situações, mostrando um universo de opções. Este universo de opções estimula o debate sobre os efeitos da relação que cada um estabelece com os meios de comunicação e como isso repercute na família, na modificação ou manutenção dos valores, no modo de pensar e ver o mundo. Nesta pesquisa, pôde-se observar que a televisão tem papel importante na vida cotidiana e na sensibilidade atual.

Para Lopes, Borelli e Resende (2002), o indivíduo é dotado de capacidade para transitar entre as esferas do real e do virtual e para compreender seus modos de se relacionar com a cultura e entender os modos de construção e reinterpretação de sua experiência, os esquemas que utiliza para perceber, atuar e valorizar a realidade em que vive. A televisão auxilia nessa visão, especialmente quando atua como o outro na construção do eu. O outro

representa o princípio instaurador da personalidade, baseado na diferenciação sou eu porque não sou o outro.

O televisor diferencia-se dos demais objetos domésticos por ocupar um espaço significativo no dia-a-dia dos receptores. Ela expõe modelos, reproduz a realidade, sem deixar muito claro os limites de suas intervenções, operando em esferas importantes da sensibilidade humana, como a percepção e a emoção. Ela funciona como um outro, uma vez que qualifica intercâmbios sociais, embora seu significado imediato não seja o mesmo para todos os telespectadores. Ele varia conforme o repertório de cada um, suas experiências e histórias de vida. Segundo Lopes, Borelli e Resende (2002, p. 190):

Sua linguagem é uma combinação técnica de formas audiovisuais e conteúdos psicossociais, com imagens conhecidas do grande público. O recurso agiliza a ligação com o meio ambiente, torna as imagens inteligíveis; elas prescindem da força da argumentação e da explicação, ao mesmo tempo em que atraem a curiosidade do telespectador; despertam desejo de participação, cumplicidade e intimismo.

A visão é a primeira experiência sensorial significativa na construção da imagem. Essa imagem pode ser modificada pela interação do receptor com outros receptores, compartilhando aquilo que viram, pois é pela relação com o outro que o indivíduo certifica-se de que a imagem construída corresponde ou não à realidade. Há um campo intermediário entre registro, imaginário e imagem chamado campo de ilusão. A ilusão ou fantasia está relacionada ao outro e articulada ao desejo. Fantasia é a capacidade criadora pela qual o homem inventa ou recorda imagens: é obra da imaginação, idéias, devaneios. Ilusão e fantasia fazem parte da experiência de se lidar com o eu e o outro, com o que está fora dos limites do corpo e pertence ao campo das experiências compartilhadas. O lugar de fluxo e elaboração da ilusão e da fantasia é o espaço virtual. Esse espaço de criatividade, das produções e das trocas do indivíduo com o meio depende do quanto cada um se permite lidar com essas experiências e, também, do quanto o meio cultural lhe fornece recursos e condições para isso. A função desse espaço é permitir ao ser humano lidar com frustrações, organizar sua realidade e exercitar seu potencial. Para Lopes, Borelli e Resende (2002, p. 192):

A apropriação e o uso de emblemas culturais fazem parte da atividade lúdica, cuja gratificação vai depender da capacidade que cada um tem para sustentar a ilusão – como forma de mediar a realidade – e dos meios de que dispõe para sustentá-la. A variedade de situações é determinada pelas condições socioculturais e pela experiência de vida: o indivíduo anônimo, inserido numa realidade que o aliena e rechaça, sente-se desqualificado e impossibilitado de ocupar lugar de destaque na corrente dos acontecimentos.

O programa Tempo Quente dá ao telespectador a oportunidade de assistir e vivenciar a dor da perda de alguém ou de um objeto, sem necessariamente vivenciar a sensação na

realidade. Permite ao indivíduo penalizar-se com a dor do outro e, ao mesmo tempo, conformar-se com sua situação, pois, está melhor do que aquele que foi vítima de roubo, acidente ou homicídio. Há também a garantia de que, ao infringir a lei, a punição é certa. Mostrando os acusados presos há o reforço desse sentimento de que o indivíduo será recompensado por não cometer crimes, pois aqueles que os cometem são presos e cumprem pena por isso. Gera a sensação de recompensa por se respeitar as leis.

Nesse sentido, a televisão funciona como o outro, a referência na qual é possível espelhar-se, buscar modelos e parâmetros para conformar ações, escolhas e condutas. É o outro cuja intervenção na realidade ora cria, ora destrói modelos. A televisão se inclui no contexto familiar com um papel específico de preencher o vazio ampliado pelo cotidiano da vida urbana. Nesse papel, ela se torna o recurso a ser utilizado para a comunicação interna da família, caso a comunicação esteja prejudicada por suas rotinas. Ela mobiliza temas de conversa, antes e depois de terminada a programação.

Na família pesquisada as notícias apresentadas no Tempo Quente são comentadas também depois do programa terminado, com o acréscimo de informações vistas em outros programas policiais ou ouvidas no rádio. Quando se referem ao próprio bairro muitas vezes se comenta sobre a família ou os parentes dos moradores ou informações que por residirem no local eles possuem e o apresentador do programa não. Ao discordarem dos comentários que dizem respeito ao bairro, os moradores estão reforçando a identidade que requereram para si, se concordarem com a opinião emitida terão que rever essas identidades e seus valores. Porém, de um modo geral, há uma concordância, inclusive com os valores vinculados pelo apresentador como honestidade, apologia da ordem, manutenção da propriedade e punição severa para os que desobedecerem às normas estabelecidas.

A construção da identidade hoje se configura no consumo, elas dependem daquilo que se possui ou daquilo que se pode chegar a possuir. De acordo com Canclini (2005, p. 35):

Ser cidadão não tem a ver apenas com os direitos reconhecidos pelos aparelhos estatais para os que nasceram em um território, mas também com as práticas sociais e culturais que dão sentido de pertencimento, e fazem que se sintam diferentes os que possuem uma mesma língua, formas semelhantes de organização e de satisfação de necessidades.

Nas novas gerações a identidade se organiza em torno de experimentações e valores mais globais, dessa forma ela pode ser concebida como “o foco de um repertório fragmentado de minipapéis mais do que como o núcleo de uma hipotética interioridade” (CANCLINI, 2005, p. 48), contida e definida pela família, pelo bairro, pela cidade, pela nação ou por qualquer um desses enquadramentos. Segundo o autor, pode se atuar como consumidor

situado somente em um dos processos de interação – o que regula o mercado – e, também, pode se atuar como cidadão exercendo uma reflexão e uma experimentação mais ampla que considere as múltiplas potencialidades dos objetos com os quais o indivíduo se relaciona.

A identidade é uma construção narrativa, o indivíduo estabelece os acontecimentos fundadores dela. Hoje, os meios de comunicação são um dos principais recursos para que se fomentem o conhecimento recíproco e a coesão entre os múltiplos organismos e grupos em que se fragmentam as grandes cidades. Para Canclini (2005, p. 110):

A possibilidade de se reconstruir um imaginário comum para as experiências urbanas deve combinar o enraizamento territorial de bairros ou grupos com a participação solidária na informação e com o desenvolvimento cultural proporcionado pelos meios de comunicação de massa, na medida em que estes representem os interesses públicos. A cidadania já não se constitui apenas em relação a movimentos sociais locais, mas também em processos de comunicação de massa.

Essa relação está presente no Tempo Quente uma vez que o programa retrata a realidade local, mostrando a violência nos diversos lugares da cidade e estabelecendo os limites de onde vêm os criminosos e, portanto, atribuindo papéis e valores a bairros e moradores. No caso da família estudada os integrantes recusam o papel de moradores de bairro violento e o atribuem a outros bairros, fazendo uma leitura mais conveniente para dar suporte à sua construção de realidade, ou seja, violentos são os outros bairros. Esse movimento é possível porque as identidades são negociadas e não dadas a priori, o indivíduo tem que se reconhecer e ser reconhecido no papel que exerce para que ele seja real.

Por isso, a mãe reforça nos filhos que o crime não compensa e que a punição para quem faz algo errado pode até demorar, mas ocorrerá na certa. Para o filho mais velho, assistir ao programa estabelece sua identidade como trabalhador e homem da casa, responsável pelo bem-estar e manutenção da família, apesar de não exercer essa função sozinho.

Na questão do ter para ser, o programa também exerce sua função mostrando ao telespectador lojas onde, mesmo com baixo poder aquisitivo, é possível desfrutar o que o mercado oferece. Lojas de roupas, móveis, clínicas dentárias populares, consórcios, empresas de empréstimos e lojas de eletrônicos fazem parte do dia-a-dia dos telespectadores fiéis ao programa e, para incentivar o consumo, mesmo que simbólico, periodicamente o apresentador faz o sorteio de diversos prêmios, dados por ele aos telespectadores.

A família participante da pesquisa compra em alguns dos estabelecimentos comerciais sugeridos pelo apresentador. A mãe diz que os preços são bons e a qualidade dos produtos também. Os filhos já realizaram tratamentos dentários na clínica anunciante do programa e se disseram satisfeitos com o resultado. Em nenhum momento da pesquisa os

membros da família estabeleceram relação direta da propaganda feita no programa com as lojas em que realizaram suas compras e seu consumo. Para eles são boas lojas e o fato do apresentador falar bem delas apenas reforça essa impressão.

Outro aspecto importante da pesquisa refere-se às representações dos acusados feitas no programa e a leitura dessas representações feitas pela família. De acordo com Pedrinho A. Guareschi (2000), a razão para as atitudes e comportamentos das pessoas está baseada em uma representação de mundo constituída por um conjunto amplo de significados criados e compartilhados socialmente. É todo um sistema de crenças e valores que todos possuem e que compartilham. “As pessoas agem e se comportam de acordo com a representação que os diferentes grupos sociais, segmentados de acordo com determinados critérios políticos, religiosos, econômicos entre outros, possuem” (GUARESCHI, 2000, p. 70). O autor explica que essa representação social é ao mesmo tempo individual, porque precisa ancorar-se no sujeito, mas também é social, pois precisa estar na “mente e na mídia”.

Portanto, a representação social pode ser compreendida como um conhecimento do senso comum, socialmente construído e compartilhado, que se vê na mente das pessoas e na mídia, nos lugares comuns e nos comentários de programas de rádio e televisão. No caso do programa Tempo Quente, pôde-se observar que a representação do acusado é compartilhada por apresentador, produtores e telespectadores, mesmo não colocando em palavras, eles entendem o bandido como representante do mal que precisa ser eliminado, a qualquer custo, para que o bem triunfe.

Por isso, os acusados são sempre nominados pelos apelidos, não se leva em consideração se possuem emprego, família ou residência, pois se essas informações forem consideradas ele passa à condição de ser humano, igual ao apresentador ou ao telespectador, e não pode haver essa identificação com o risco de se ficar penalizado com a situação dele. No caso da vítima sempre se ressalta o nome, a profissão e o local de residência, marcando muito bem o limite entre o trabalhador honesto, batalhador e correto que é vítima do bandido que é vagabundo, safado e folgado e merece ser punido pela sociedade porque não respeita as regras estabelecidas.

Percebe-se que, por compartilharem essas representações, os telespectadores têm no apresentador um ponto de referência, as avaliações dele são buscadas para que o cidadão saiba como se comportar diante dos acontecimentos, reforçando seus pontos de vista.

7.3 Mediação Gênero Jornalístico

O gênero jornalístico estabelece com o telespectador um contrato de leitura no qual o que se irá apresentar é real, verdadeiro, ocorreu da forma como está sendo mostrado, mas isso só se estabelece se o telespectador crer no apresentador. Essa relação de confiança e credibilidade é construída ao longo do tempo e pode ser quebrada se, por algum motivo, o telespectador deixa de acreditar no programa. No caso de Carlos Camargo, apresentador do programa Tempo Quente, a credibilidade e a confiança são absolutas, mesmo que em algumas notícias apareçam outras informações que demonstrem que ele errou, o telespectador ainda crê nele e não nas outras informações.

“Ele sempre mostra a realidade da nossa cidade, basta a gente olhar em volta para ver que violência tomou conta de tudo. Todo dia tem alguém que foi assaltado, atropelado, as pessoas não têm mais respeito pela vida e pelas coisas dos outros. Ainda mais que o programa dele é local, mostra mais ainda, tem outros programas que mostram diferente, mas como ele está na rádio e na TV há muito tempo confio no que ele diz” (Mãe).

Para Jost (2004), a televisão funciona dentro do modelo de promessa. Esse modelo considera o gênero como a interface responsável pela ligação entre televisão e telespectador. Uma das funções do gênero é dar um direcionamento à interpretação do receptor. Esse direcionamento começa pela escolha do nome do programa. No presente estudo, isso fica evidente já ao se verificar que o programa policial tem o nome de Tempo Quente. Aí já se estabelece a promessa do que será exibido. O *slogan* “A crítica só a quem merecer” reforça a idéia de que a opinião do apresentador estará presente. O mote publicitário: “Em um fato existem três versões: a da vítima, a do bandido e a verdadeira”, fornece ao receptor a informação que há mais de uma versão para o mesmo fato. Para esse autor, o modelo da promessa é mais cidadão, porque exige do telespectador uma contribuição ativa, pois é preciso que ele exija que a promessa seja mantida e tem o dever de verificar se ela foi efetivamente cumprida.

O telespectador assiste ao programa sabendo o que será exibido. A família sabe que o Tempo Quente trará notícias policiais e espera por isso. Sabe, também, que o apresentador emitirá sua opinião e essa expectativa é sempre satisfeita. O apresentador diz saber que o público muitas vezes quer dizer aquilo, mas não pode, o que foi confirmado pela família pesquisada.

“Gosto quando o Camargo cobra as autoridades para resolverem os problemas, ele fala aquilo que a gente tem vontade, mas se a gente falar ninguém vai escutar. Ele está na TV e esses caras escutam o que ele fala. Quando ele fala que a violência tomou conta da cidade é verdade, a gente tem até medo de sair na rua, andar de ônibus e ir certos lugares” (Filho mais velho).

A linguagem utilizada pelo apresentador e as explicações de termos também funcionam como atrativos para o receptor. Como vem do rádio, Camargo repete as informações várias vezes, o que para o telespectador facilita a compreensão da notícia. Alguns termos jurídicos são explicados em linguagem “mais simples”, o que facilita a compreensão do seu significado dentro da notícia.

“Gosto do programa porque é fácil de entender a história que ele está contando, ele explica tudo para quem está assistindo. Sempre parece que ele está falando com a gente. Ele diz: ‘Olha amigo, isso quer dizer que...’. Além disso, tem umas horas engraçadas que ele tira sarro do bandido, dizendo que é burro, não sabe nem roubar ou então escrever. É bem divertido” (Filha mais nova).

“Eu gosto quando explica os termos que os delegados usam, porque às vezes não dá para entender nada do que eles falam é muito técnico só quem estudou Direito é que sabe e se ele fala de um jeito que a gente entende, então é bom porque quem está assistindo quer saber o que significa” (Filha do meio).

O relato de crimes exerce um fascínio sobre o público há muito tempo. Segundo Martín-Barbero (2003), os relatos de crimes são um dos pilares da literatura de cordel, base para o que viria a ser o jornalismo popular, que foi primeiramente impresso, depois se desenvolveu no rádio e, hoje, encontra seu lugar de destaque na televisão. De acordo com o autor, em alguns desses relatos o importante é a brutalidade pura e sua força catártica, mas há, também, os que falam da reparação dos crimes como forma de regulação social. Neste último, se insere o programa aqui estudado. A narrativa dos crimes dá conta da vida, dos feitos e da punição de bandidos e vigaristas, dando credibilidade ao lema “o crime não compensa”.

Nessa narrativa o telespectador se identifica com a vítima e se reencontra, sem perigo, com o medo da violência, mas também com a esperança de vingança, ou seja, o bandido será efetivamente punido. Conforme Martín-Barbero (2003, p. 198), o relato de crimes se refere

[...] ao submundo do terror urbano, da violência brutal que povoa a cidade e é não só controle policial nas ruas ou exercício de disciplina nas fábricas, mas também agressão masculina contra as mulheres, especialmente no bairro popular, e das mulheres contra crianças, e da miséria contra todos em cada lar.

Em um dos programas assistidos, junto com a família, foi apresentado o caso de uma mulher que ateou fogo na filha recém-nascida para chamar a atenção do marido, o apresentador opinou dizendo que ela merecia a pena máxima para o crime. A família demonstrou concordar plenamente. A mãe disse não entender como uma mãe pode descontar em um filho algo que o marido fez, ainda mais sendo apenas um bebê que não sabe de nada. Quando, alguns dias depois, a criança morreu a revolta demonstrada pelo apresentador foi apoiada por todos os membros da família, dizendo que aquilo não era mãe era um monstro que merecia ficar na cadeia e não ter filho nunca mais.

Outro aspecto de concordância entre apresentador e família é sobre o fato de que a imagem dos bandidos deve ser mostrada. Para a família, ao exhibir os acusados o apresentador está facilitando a proteção da população. De acordo com o filho mais velho porque: “Se a gente encontrar um cara desse na rua já sabe que não deve ficar por perto”. Para a mãe: “É uma forma dessas pessoas passarem vergonha, quem sabe eles endireitam na vida”. O julgamento e condenação prévia dos acusados não são considerados, uma vez que a identificação se faz com a vítima e não com o acusado. Essa situação se modifica apenas quando há alguém do bairro envolvido ou o bairro é citado, nesses casos a família discorda do apresentador.

7.4 Mediação Videotécnica

Para que um produto audiovisual chegue à televisão ele percorre um longo caminho. Este percurso envolve várias etapas e depende de muitas pessoas. Porém, o caminho não se esgota na produção, ele se estende à esfera do consumo e do retorno que o telespectador dá à produção. É na busca pelo entendimento dos nexos entre os pólos de produção e consumo que se procura identificar a especificidade da mediação videotécnica.

Para compreender como os receptores percebem e assimilam os dispositivos técnicos da linguagem do programa estudado, partiu-se do pressuposto que não se dissocia produto de produção. Isso significa que a mediação videotécnica se interessa em identificar de que forma determinada mensagem imprime certos significados quando veiculada pela televisão, indagando também sobre as condições de produção e infra-estrutura técnica. Para isto, o

pesquisador acompanhou a produção do programa desde a coleta de informações, entrevistas e edição das reportagens até a apresentação do programa.

Martín-Barbero (2003), em diálogo com a obra de Walter Benjamin, indaga como as tecnologias de comunicação provocam um deslocamento, uma ruptura no terreno da cultura, que traz à tona o debate sobre técnica e experiência. Segundo o autor, Benjamin foi o pioneiro ao vislumbrar a mediação fundamental que permite pensar historicamente a relação da transformação nas condições de produção com as mudanças no espaço da cultura, isto é, as transformações do *sensorium* dos modos de percepção, da experiência social. Para Benjamin citado por Martín-Barbero (2003, p. 84), pensar a experiência é o modo de alcançar o que irrompe na história com as massas e a técnica. Não se pode entender o que se passa culturalmente com as massas sem considerar a sua experiência. Pois, em contraste com o que ocorre com a cultura culta, cuja chave está na obra, para aquela outra a chave se encontra na percepção e no uso.

Outra referência importante no trabalho de Martín-Barbero (2003), a respeito da televisão como aparato tecnológico, está na obras de Raymond Williams. De acordo com o autor, Williams é fundamental porque articula a indústria cultural com o popular e destaca uma diversidade de dimensões e níveis nos quais a mudança cultural se desenrola e, neste movimento, propõe a emergência do popular como cultura. Williams (1975) citado por Martín-Barbero (2003) propõe compreender o meio técnico a partir de seu contexto e história, portanto, de demandas sociais que interagem nos vários usos que sociedade faz da televisão como meio de comunicação. Para o autor, a televisão não produz apenas efeitos, ela é parte da história e da cultura na qual está inserida. Ele destaca que as respostas tecnológicas para as demandas sociais decorrem menos das demandas em si e mais do papel que elas desempenham em uma sociedade.

Considerando-se a perspectiva teórica proposta por Raymond Williams, acredita-se que o conceito de “reflexividade social”, proposto por Anthony Giddens, contribui também para o presente estudo. De acordo com Giddens (1991), no contexto da modernidade a reflexividade está na própria base de produção do sistema, desta maneira pensamento e ação estão constantemente refratados entre si. Para ele, essa reflexividade consiste no fato de que as práticas sociais são regularmente examinadas e reformuladas, tendo como base novas informações recebidas. Os meios de comunicação, especialmente a televisão, desempenham papel fundamental nessa dinâmica, pois se alimentam desse conhecimento socialmente produzido, divulgando-o e provocando um debate sobre determinados temas, provocando e

alterando o tecido social que, dialeticamente, irá alterar as pautas e os temas presentes na mídia.

Durante o acompanhamento da produção do programa Tempo Quente, feito pelo pesquisador, pôde-se perceber que há um consenso entre todos os envolvidos de que é interesse da sociedade saber detalhes de crimes e informações sobre os criminosos. Os repórteres buscam de toda forma mostrar o rosto dos acusados de crime. Muitas vezes solicitam aos policiais documentos, quando não é possível mostrar o rosto da pessoa. Eles possuem equipamentos que permitem monitorar o rádio da polícia e também do corpo de bombeiros (que atende aos acidentes) chegando ao local, algumas vezes, antes mesmo deles. Pôde-se perceber, também, que em alguns casos não há nada de grave, porém se o dia não tiver notícias mais “quentes” acaba-se gravando qualquer acidente para poder preencher o espaço do programa, os próprios repórteres e editores admitem isso.

Outra questão que causa problemas para o editor é a falta de imagens para cobrir as falas dos entrevistados e dos repórteres, o que gera muita repetição de imagens. O próprio editor (Fernando) diz que sempre tem problemas na hora de montar as matérias por falta de imagens e excesso de falas. “Os repórteres entrevistam três, quatro pessoas, e esquecem que preciso de imagens para cobrir uma parte da falas, já que não se pode deixar uma pessoa muito tempo no vídeo”, argumenta. Para ele, muitas entrevistas poderiam ser bem menores, pois o repórter pergunta a mesma coisa para diferentes entrevistados.

Porém, as preocupações manifestadas pelo editor não têm tido reflexo na produção do programa, que é feita da mesma maneira desde o seu início. O que se modificou, ao longo dos anos, foi que as imagens mais “pesadas” dos corpos das vítimas e do sangue na cena deixaram de ser apresentadas com destaque e a fala mais dura do apresentador que se tornou menos incisiva. Pode-se analisar essas mudanças sob dois aspectos: o apresentador recebeu algumas advertências da agência reguladora (Anatel) dizendo que se ele não modificasse o programa teria que exibi-lo no horário da noite o que não condiz com seu público. O outro fator veio da própria direção da emissora, que solicitou modificações pelo fato do programa ser exibido no horário do almoço. Há, além desses, um terceiro fator, constituído pelo fato de apresentador ter ingressado no curso de graduação em Direito, o que vem fazendo que ele se preocupe cada vez mais com as explicações aos telespectadores dos termos jurídicos e como está entendendo um pouco melhor as leis também tem moderado na forma de fazer suas críticas.

No período que o pesquisador acompanhou a produção pôde notar que, para todos os envolvidos, o telespectador do programa está bem definido como integrante das classes mais

pobres e, portanto a produção e a linguagem do programa são desenvolvidas considerando-se o perfil de pessoas com pouca instrução e que precisam de muitos detalhes para compreender a mensagem. Essas informações se confirmam por pesquisas realizadas, periodicamente, pela emissora e que demonstram ser o programa líder de audiência no horário, entre as classes C, D e E.

Durante a pesquisa com a família, pôde-se observar que os objetivos da produção são plenamente alcançados, mostrando assim que há o estabelecimento de um contrato de leitura entre emissor e receptor. A família não ficava chocada ou sentia-se constrangida com algumas cenas mais fortes apresentadas antigamente pelo programa. E não sabe identificar o motivo da mudança, mas mesmo assim se mantém fiel ao programa por entender que ele mostra a realidade, a vida como ela é.

O filho mais velho relata que: “De uns tempos pra cá o Camargo parou de mostrar os caras mortos, acho que alguém deve ter falado alguma coisa pra ele, mas acho errado não mostrar aconteceu, tem mais é que mostrar, não tem que esconder do povo. Quem sabe vendo bandido morto, algum que estava pensando em entrar para o crime desiste”.

O sucesso do programa entre os telespectadores é garantido pela presença do apresentador Carlos Camargo, que conquistou seu público construindo uma personagem que é plenamente identificada pelo público. Ao se pedir à família que listasse as principais características do apresentador, elas falaram em honestidade, competência, carisma e ajuda aos desfavorecidos. Características que o próprio apresentador reforça como suas, ao dizer que é honesto, conquistou o público por ser competente, faz o que gosta e que jamais se candidataria a cargo político, porque pode ajudar a um número maior de pessoas atuando em programas em veículos de comunicação. Quando o apresentador se ausenta do programa os índices de audiência baixam. A família informou durante a pesquisa que não gosta de assistir ao programa quando Evandro Ribeiro apresenta, repórter que substitui Camargo, eventualmente.

A mãe diz: “Não gosto quando é o Evandro ele não sabe fazer os comentários do Camargo”; De acordo com o filho mais velho: “O Evandro é muito chato, ainda mais quando tenta imitar o Camargo, fica pior ainda”; e com a filha do meio: “Só Camargo sabe como as coisas funcionam no meio da bandidagem e também dos policiais por isso faz comentários e passa informações mais apuradas”.

Quanto à percepção do movimento de câmera, enquadramento entre outras técnicas, mesmo que não percebam a utilização delas para a produção de um programa de televisão, a família compreende o essencial da mensagem transmitida. Eles não se cansam com a

repetição de imagens ou mesmo com as entrevistas que repetem a informação. O reforço parece ajudá-los a compreender melhor a mensagem.

Pôde-se observar que o programa atrai os integrantes da família participante da pesquisa por mostrar a realidade que eles vivenciam cotidianamente no bairro em que residem. Vendo pela televisão que a violência cotidiana atinge os moradores de todos os bairros de Londrina e de cidades da região eles se conformam, ao perceber que essa é uma situação generalizada, sendo privilegiados por não serem vítimas diretas dessa violência.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao acompanhar a produção do programa Tempo Quente e ao realizar as entrevistas com o apresentador Carlos Camargo, pode-se observar que o programa é produzido para um público bem específico, as classes economicamente menos favorecidas, que eles denominam C e D.

O apresentador representa os acusados de crime a partir da visão da classe social em que ele está inserido. Ele defende que os acusados são pessoas que não querem trabalhar, nem estudar e que não se esforçam para ter uma vida melhor, optam pelo crime por ser um “caminho mais fácil”. Reforça que o único caminho é o do trabalho e que aqueles que não obedecem às leis precisam ser severa e exemplarmente punidos.

Camargo requer uma identidade de representante, porta-voz e defensor das vítimas. Essa identidade é reforçada pelos telespectadores que vêem nele alguém que se deve escutar e também procurar nos momentos de necessidade porque ele pode resolver. É comum, principalmente na periferia, a população dizer que é só procurar o Camargo que o problema será resolvido, seja ele o roubo de um animal, de um botijão de gás ou um buraco na rua, a falta de iluminação ou calçada. Camargo também atribui uma identidade aos seus “representados”, gerando confiabilidade, inclusive entre os telespectadores de uma “identidade deteriorada”.

A família participante da pesquisa de recepção mostrou que também acredita no apresentador e compartilha com ele a idéia de que o acusado de crimes é vagabundo e quer vencer na vida pelo “meio mais fácil”. Para eles, Camargo tem razão quando pede punição severa para os criminosos, quando alerta para o problema das drogas. Eles corroboram a identidade requerida pelo apresentador. Somente quando Camargo fala do bairro deles é que discordam, dizendo que ele não conhece a realidade em que vivem e nem as pessoas das quais fala. Nesses momentos eles desqualificam o apresentador como representante e porta-voz das vítimas, mas parecem não refletir que essa mesma visão, de que ele não conhece a realidade dos bairros, vítimas e acusados pode ser aplicada aos outros lugares, além do bairro onde moram.

Quando as notícias se referem ao bairro onde residem a mediação se faz presente por meio da troca de informações entre os membros da família e com pessoas de seus locais de trabalho, estudo e alguns amigos do bairro. Em relação a essas notícias, eles analisam também a realidade por eles vivida. Porém quando as notícias de crime envolvem outras localidades os questionamentos são praticamente inexistentes. Portanto, o pressuposto inicial do trabalho foi parcialmente refutado.

Observou-se que há momentos de negociação do sentido daquilo que é veiculado pelo programa e, também, que em outros momentos a leitura é completamente oposta daquela proposta pelo apresentador. Percebe-se que o fato de pertencer a uma comunidade é parte integrante da formação da identidade e por isso a necessidade de reverter a ordem quando o bairro é notícia pelo aspecto negativo (crime, violência e criminosos). É preciso marcar o território do qual se faz parte como lugar de gente trabalhadora, honesta, que faz parte da parcela da população que se identifica como possível vítima e não autora da violência.

É importante ressaltar que as respostas dos integrantes da família nem sempre são objetivas e coerentes. Há contradições, hesitações e indecisões, mostrando que a recepção é complexa e envolve diversos níveis de compreensão, valores e crenças. Por essa complexidade é que se faz necessária a utilização de diversas técnicas de pesquisa e também de um tempo maior de convivência entre pesquisador e pesquisados, para que a análise não seja comprometida. Porém, a complexidade não impede que se analise o que foi dito e, principalmente, o que não foi verbalizado para se compreender como se dá recepção do programa.

Quanto à audiência do programa, acredita-se que a escolha do gênero do programa se dá pelas experiências já vivenciadas, pelo fato da violência fazer parte da vida cotidiana do brasileiro e por isso despertar o interesse da população. Martín-Barbero (2003) afirma que, desde a literatura de cordel, os crimes atraem grandes contingentes de público e, na sociedade atual, marcada pelo espetáculo, expor os crimes na televisão satisfaz a uma curiosidade que já está presente na população há muito tempo. Isso explicaria a grande audiência dos programas policiais.

A compreensão das mensagens do programa só é possível por haver um pacto de recepção entre produtores e telespectadores, no sentido de construção da competência cultural de leitura desse gênero de programa pelo receptor. Há ainda um repertório compartilhado, o que não significa consenso de sentido, mas uma luta pela interpretação mais legítima do sentido. O programa também cumpre uma função de agenda *setting*, uma vez que os sujeitos compartilham experiências públicas e privadas a partir de sua leitura.

Com a exibição cotidiana das representações da violência a tendência da população é habituar-se e tolerar cenas que, há alguns anos, causariam horror. Todos vão se habituando à violência como se fosse a única linguagem eficiente para lidar com a diferença, considerando normal que os conflitos sejam resolvidos pela eliminação ou violação do corpo do outro. O respeito ao outro e à diferença não existe.

No programa a informação é tratada como mercadoria e por isso precisa ser sensacional para poder competir com o restante da programação televisiva. Como, juntamente com as notícias, o apresentador faz publicidade de diversas lojas e produtos a idéia de mercantilização da notícia é muito mais presente.

Pode-se observar um permanente estado de tensão entre a crítica ao conteúdo violento do programa e os benefícios que ele traz à população. Percebe-se que tanto os telespectadores como as autoridades respeitam e atribuem a Carlos Camargo o papel de porta-voz. Muito defendem e acreditam, como o apresentador, que seu programa contribui para que as pessoas fiquem mais alertas e não sejam vítimas de crimes. Por outro lado, o programa também aumenta o medo e a sensação de que a qualquer momento o londrinense pode ser vítima de violência seja no trânsito, seja de um crime. Ao mostrar a periferia como origem da violência e local de criminosos o programa também contribui para aumentar um preconceito já existente na sociedade.

O desenvolvimento de dispositivos sociais de crítica midiática torna possível propor a veiculação de uma programação mais diversificada. Com isso, não se pretende acabar com programas policiais, sensacionalistas ou que sejam considerados de “mau gosto”, defende-se, entretanto, que a sociedade possa analisar e opinar sobre o que é veiculado e ter o direito à diversidade na programação. Porém, é preciso ressaltar que a crítica deve ser fruto da análise e discussão da própria sociedade e não imposta por grupos específicos.

REFERÊNCIAS

AGRIMANI, Danilo. **Espreme que sai sangue**: Um estudo do sensacionalismo na imprensa. São Paulo: Summus, 1995.

ARBEX JR., José. **Showrnalismo**: a notícia como espetáculo. São Paulo: Casa Amarela, 2001.

AUGUSTO, Cínara. Pesquisa, recepção e propaganda: Desvios e desafios. In: PRADO, José Luiz Aidar e TRIVINHO, Eugênio. **Sociedade midiática**. Santos: Unisantos, 2000.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Portugal, Lisboa: Editora 70, 2006.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

BRAGA, José Luiz. **A sociedade enfrenta sua mídia**: Dispositivos sociais de crítica midiática. São Paulo: Paulus, 2006.

BUCCI, Eugênio. **Brasil em tempo de TV**. 3^a. reimpressão. São Paulo: Boitempo, 2005.

BUCCI, Eugênio; KHEL, Maria Rita. **Videologias**: ensaio sobre televisão. São Paulo: Boitempo, 2004.

CAMPOS, Wlamir Leandro Motta. **Os números da violência urbana no Brasil no século XXI**. 09/07/2004. Disponível em: <http://www.direitonet.com.br/artigos/>. Acesso em: 24/03/2008 às 22h30.

CANCLINI, Néstor García. **Consumidores e cidadãos**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2005.

CAPPARELLI, Sérgio e LIMA, Venício A. de. **Comunicação e televisão** desafios da pós-globalização. São Paulo: Hacker Editores, 2004.

CEVASCO, Maria Elisa. **Dez lições sobre estudos culturais**. São Paulo: Boitempo, 2003.

CONTRERA, Malena Segura. **Mídia e pânico**: saturação da informação, violência e crise cultural na mídia. São Paulo: Annablume, 2002.

CUCHE, Denys. **A noção de cultura em ciências sociais**. Bauru: EDUSC, 1999.

DAMACENA, Andréa e ARNAUD, Edy. Violência no Brasil: representações de um mosaico. In: **Cadernos CERIS** – Centro de Estatística Religiosa e Investigações Sociais. Ano I – no. 1 – abril de 2001.

DUARTE, Jorge e BARROS, Antônio (Orgs). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo. Editora Atlas, 2005.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina e JACKS, Nilda. **Comunicação e recepção**. São Paulo: Hacker Editores, 2005.

GIDDENS, Anthony. **As conseqüências da modernidade**. São Paulo: Unesp, 1991.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

GUARESCHI, Pedrinho A. (org.). **Os construtores da informação**: meios de comunicação, ideologia e ética. Petrópolis: Vozes, 2000.

HALL, Stuart. **Da diáspora identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

----- . **Identidades culturais na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.

HOGGART, Richard. **As utilizações da cultura** 1. Lisboa: Presença, 1957.

-----. **As utilizações da cultura 2**. Lisboa: Presença, 1958.

HOHLFEDT, Antonio; MARTINO, Luiz C.; FRANÇA, Vera Veiga (Orgs.). **Teorias da comunicação**: conceitos, escolas e tendências. Petrópolis: Vozes, 2001.

JOST, François. **Seis lições sobre televisão**. Porto Alegre: Sulina, 2004.

KIENTZ, Albert. **Comunicação de massa**: análise de conteúdo. Rio de Janeiro: Eldorado, 1973.

LEMOS, André; BERGER, Christa e BARBOSA, Marialva (Orgs.). **Narrativas midiáticas contemporâneas**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2006. (Livro da XIV Compós).

LOPES, Luiz Carlos. **O culto às mídias**: interpretação, cultura e contratos. São Carlos: EDUFSCAR 2004.

LOPES, Maria Immacolata de V.; BORELLI, Silvia Helena S. e RESENDE, Vera da Rocha. **Vivendo com a telenovela**: mediações, recepção, teleficcionalidade. São Paulo: Summus, 2002.

MACHADO, Arlindo. **A televisão levada a sério**. 2. ed. São Paulo: SENAC São Paulo, 2001.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Televisão a vida pelo vídeo**. São Paulo: Moderna, 1988.

MARTÍN-BARBERO, Jesús e REY, Germán. **Os exercícios do ver**: hegemonia audiovisual e ficção televisiva. São Paulo: SENAC, 2001.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: UFRJ, 2003.

MATTELART, Armand e Michéle. **História das teorias da comunicação**. São Paulo: Loyola, 2004.

MENDEZ, Emílio Garcia. **Estatuto da Criança e do Adolescente no Brasil**. Da Situação Irregular à Proteção Integral: Uma Visão Latino Americana. Brasil: de Infâncias e Violências. In Infância e Cidadania na América Latina. São Paulo: Fundação Airton Sena/ Hucitec, 1998.

MENDONÇA, Kleber. **A punição pela audiência**: um estudo do Linha Direta. Rio de Janeiro: Quartet, 2002.

OROZCO GÓMEZ, Guillermo. Pesquisa de recepção: investigadores, paradigmas, contribuições latino-americanas. Intercom – **Revista Brasileira de Comunicação**. São Paulo: v. 26, nº1, 1993.

PEDROSO, Rosa Nívea. **A construção do discurso de sedução em um jornal sensacionalista**. São Paulo: Annablume, 2001.

PEIXOTO, Betânia Totino; LIMA, Renato Sérgio de; DURANTE, Marcelo Ottoni. Metodologias criminalidade violenta no Brasil. **São Paulo em Perspectiva**. V.18, nº1, São Paulo, janeiro a março de 2004.

PENEDO, Cristina Maria Carmona Martins. **O crime nos mídia**: o que nos dizem as notícias quando nos falamos de crime. Lisboa, Portugal: Livros Horizonte, 2003. (Coleção Media e Jornalismo).

RAMOS, Silvia e PAIVA, Anabela. **Mídia e violência**: tendências na cobertura da criminalidade e segurança no Brasil. Rio de Janeiro: IUPERJ, 2007.

SODRÉ, Muniz. **O monopólio da fala**. Petrópolis: Vozes, 1984.

----- **Antropológica do espelho**: Uma teoria da comunicação linear e em rede. Petrópolis: Vozes, 2002.

----- **Reinventando a cultura**. Petrópolis: Vozes, 1996.

----- **Sociedade, mídia e violência**. Porto Alegre: Sulina, 2002.

SOUSA, Mauro Wilton de (org.). **Sujeito, o lado oculto do receptor**. São Paulo: Brasiliense, 2002.

SOUZA, Edinilsa Ramos; LIMA, Maria Luiza Carvalho de. **Panorama da violência urbana no Brasil e suas capitais**. Disponível em: www.scielo.br. Acesso em: 24/03/2008 às 23h.

VAZ, Paulo; SÁ-CARVALHO, Carolina e POMBO, Mariana. A vítima virtual e sua alteridade: a imagem do criminoso no noticiário de crime. ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 15., 2006, Bauru- SP. **Anais...** Bauru- SP: Unesp, 2006.

ANEXO

ANEXO A - DECUPAGEM DO PROGRAMA TEMPO QUENTE - EDIÇÕES EXIBIDAS EM 20 DE DEZEMBRO DE 2007

Programa Tempo Quente exibido em 20 de dezembro de 2007 Primeira Edição (12h às 12h30)

Apresentador Carlos Camargo - 12:05 meio dia e cinco, boa tarde estamos chegando com as últimas registradas na área policial, a DINARC deu um bote hoje pela manhã e conseguiu retirar vários elementos de circulação, a DINARC é a divisão de narcóticos de Londrina. Policiais tinham informações sérias de que uma quadrilha estaria traficando em Londrina, policiais foram em cima e conseguiram pegar, já já você vai ter informações, detalhes a respeito do que aconteceu viu, já, já.

Uma choperia foi visitada por bandidos, os caras fizeram um verdadeiro estrago deixaram um prejuízo considerável no local.

Entra matéria - repórter Evandro Ribeiro

Evandro Ribeiro - Ladrões fizeram um buraco nos fundos desta distribuidora de chopp aqui na Avenida Lucia Helena Gonçalves Viana e acabaram furtando os objetos. Os ladrões foram bastante ousados, né Roberto?

Roberto Pereira (vítima) - Com certeza vieram de madrugada, quebraram a parede, fizeram barulho, entraram tiveram tempo à vontade para poder limpar aqui a nossa empresa.

Evandro Ribeiro - Num tinha alarme Roberto?

Roberto - Não tô sem alarme, tô colocando agora, né! Porque eu não imaginava que isso fosse acontecer, nessa proporção.

Evandro Ribeiro - A parede é extensa inclusive né, um matagal lá no fundo, num é isso?

Roberto - Um matagal, até depois se vocês puderem dar uma olhada lá no fundo, vocês vão ver, o mato é grande demais, a pessoa se esconde, faz o que quiser. Já foi reclamado só que ninguém até agora...

Evandro Ribeiro - Roberto o que que levaram daqui do seu estabelecimento?

Roberto - Oh..., levaram chopeira, cilindro de gás, barril, dois fax, computador, impressora, é ... manômetro, válvula extratora de chopp, tudo decorrente do nosso ramo de atividade.

Evandro Ribeiro - Pô, fizeram uma mudança praticamente.

Roberto - Totalmente..., inclusive ironicamente falando, levaram o óculos do meu sócio e até um aquário que tinha com peixe aqui, até isso levaram... (risos...)

Evandro Ribeiro - Até um aquário com peixe ? (risos...)

Roberto - Até o aquário com peixe ! (risos...)

Evandro Ribeiro - Um prejuízo de aproximadamente quanto aí Roberto ?

Roberto - Aproximadamente uns R\$ 1.500,00.

Evandro Ribeiro - Agora final do ano você faz essa distribuição de chopp, quer dizer o balanço, né? Já caiu.

Roberto - Perdido, perdido! E é uma época que a gente precisa dos equipamentos, é o final de ano, o que deixa a gente chateado é isso. A gente trabalha pra fazer a alegria dos outros, no fim nós que se demos (sic) mal.

Evandro Ribeiro - E os bandidos fazem a tristeza de vocês.

Roberto - Nossa tristeza, exatamente, exatamente.

Volta ao estúdio ao vivo.

Carlos Camargo - Quero ver o que que eles vão fazer com os produtos levados de lá, né amigo? Certamente vão procurar algum receptor que possa adquirir, que possa comprar esses objetos, né ? Será que alguém tem alguma informação, alguém viu alguma coisa, alguém sabe de alguma coisa pra dá um toque, pra dá uma ligada, pra dá um grito lá.

Publicidade clínica dentária feita ao vivo pelo próprio apresentador.

Eu vou pro intervalo rápido e volto já, já ... pra trazer informações sobre o DINARC, bote que os policiais deram em cima de elementos que estariam traficando. Um acidente violento, pessoas saindo de Londrina pra ir pescar o carro quebrou, pararam no acostamento pra consertar o carro, o cidadão veio de lá pra cá chutado, desgovernado e deu nesse carro, duas pessoas morreram e mais duas tiveram que ser levadas pro hospital. Daqui a pouco depois do intervalo.

Intervalo comercial.

Volta do intervalo para o estúdio ao vivo.

Carlos Camargo - 12h12, meio dia e doze agora. O repórter Evandro Ribeiro está chegando conosco ao lado do buraco da Sanepar (Companhia de Saneamento e

Abastecimento do Paraná) é! O buraco da Sanepar, o buraco que ontem um caminhão caiu hoje tem a Sanepar consertando, e o Evandro Ribeiro está lá, né seu Evandro?

Evandro Ribeiro - É verdade, Camargo...

Carlos Camargo - Não muito distante daqui, né seu Evandro?

Evandro Ribeiro - É verdade Camargo, boa tarde nós estamos aqui do lado de cá porque tava uma barulheira danada ali, porque os funcionários da Sanepar estão trabalhando.

Carlos Camargo - Você está do lado de cá da onde?

Evandro Ribeiro - Tô lado de cá, pra baixo da portaria da entrada da TV.

Carlos Camargo - Mas tem jeito de mostrar o buraco lá ?

Evandro Ribeiro - (falando com o cinegrafista) Tem jeito de mostrar o buraco lá, o Bacalhau ?

Carlos Camargo - Vamo mostra o buraco lá com os homi trabaiano, fio.

Evandro Ribeiro - É. É ? Qué mostra agora ?

Carlos Camargo - Vamo mostra então, vai lá agora vai lá, vai lá, vai lá leva o Bacalhau lá, vamo mostra lá o buraco.

Evandro Ribeiro - É que ele tá no tripé.

Carlos Camargo - Ah é que ele tá amarrado aí?

Evandro Ribeiro - Tá amarrado no tripé!

Carlos Camargo - Então fala vai, fala, depois você desamarra o homi e vê o que que faz da vida.

Evandro Ribeiro - Bom você quer falar a respeito da quadrilha da DINARC né, Camargo?

Carlos Camargo - Você pode fala o que você quiser patrão.

Evandro Ribeiro - Então tá certo.

Carlos Camargo - O programa é seu.

Evandro Ribeiro - Ai, ai, ai. A DINARC, viu Camargo, ...

Carlos Camargo - A cadeia que vier depois também é sua.

Evandro Ribeiro - (risos), A Divisão de narcóticos de Londrina, também com outros policiais de toda a região e também de Curitiba acabaram prendendo uma quadrilha, é... de traficantes aqui em Londrina, já havia sido preso no dia três passado um homem num Golf, por isso é chamada operação Golf, é então, é na época, no dia três passado, havia sido preso um homem com oito quilos de cocaína, nós colocamos a matéria aí no seu programa. E agora foram presas cinco pessoas aqui em Londrina, dois homens foram presos em Foz do Iguaçu,

Camargo, estão vindo pra cá. Um homem já estava preso em Assaí, também integrante da quadrilha e ou outro que já estava preso aqui, justamente o do Golf, num é.

Carlos Camargo - Essas imagens que nós estamos mostrando é da operação realizada hoje pela manhã.

Evandro Ribeiro - Isso Camargo, a operação foi logo cedo pela manhã, três motos foram apreendidas, cocaína foi apreendida também, dinheiro trocado é... ação dos policiais da DINARC aconteceu no Jardim Campos Elíseos, zona sul de Londrina, logo pela manhã os mandados de busca e apreensão e prisão aconteceram né ... com o delegado Michel Araújo comandando toda equipe, vários policiais participaram, a DINARC é a divisão de narcóticos de Londrina, trabalha com seu efetivo aqui na cidade, mas também percorre o Paraná inteiro.

Carlos Camargo - Hoje à tarde que eles vão fazer a apresentação dos...

Evandro Ribeiro - Três horas da tarde Camargo já tá marcado na delegacia central com o delegado Michel Araújo, vão ser apresentados os presos né, a droga enfim, o balanço dessa operação chamada operação Golf, que foi realizada pela DINARC divisão de narcóticos, viu Camargo.

Carlos Camargo - Ok é um bote que a polícia dá meu amigo, pra tirar esse povo de circulação, as denúncias vão chegando, e é por isso que é importante quando você sabe de alguma coisa, você sabe de um traficante, você sabe de um esquema tem que dá a letra pra polícia e tem que informar com máximo de detalhes que você puder, para que os policiais possam ir atrás, e fazer como fizeram aí. A polícia não adivinha, a polícia não adivinha, se for esperar um golpe de sorte pra que a polícia possa prender, meu compadre, aí já viu o que que vira né. Então o que que tem que fazer? Tem que dá a letra, tem que dar a informação pros policiais irem atrás e pegarem os caras. Hoje três horas da tarde, as informações serão prestadas, o delegado deve dar uma entrevista coletiva inclusive, nós vamos trazer às 18h30 as informações completas pra você tá.

Publicidade de empresa de empréstimos feita ao vivo pelo apresentador.

Carlos Camargo - Repórter Evandro Ribeiro tá chegando de novo conosco aqui. Agora já com o buraco será, seu Evandro Ribeiro?

Evandro Ribeiro – É verdade, Camargo, já estamos aqui, o Bacalhau já filmando aqui este buraco que já foi feito novamente pra descobrir vazamento, então havia realmente uma infiltração viu Camargo, ontem né.

Carlos Camargo – É um cano d'água?

Evandro Ribeiro – É um cano viu Camargo, é justamente ali que estava o cano furado..

Carlos Camargo – E a água tá jorrando ali...

Evandro Ribeiro – Tá jorrando e os funcionários aqui da Sanepar estão trabalhado aqui, inclusive tem até um supervisor aqui que fala com a gente. Foi necessário abrir novamente o buraco aqui? Como é o nome do senhor?

Airton – É Airton, mas eu não posso dar entrevista não...

Evandro Ribeiro – Não pode falar só como está sendo o trabalho?

Airton – Não..., Normal está vazando e está sendo consertado..

Evandro Ribeiro – Tá certo então, Camargo, o seu Airton falando conosco aqui. Não é de muita prosa não viu Camargo.

Carlos Camargo – Não deve ter autorização pra falar né.

Evandro Ribeiro – Também tem essa né Camargo.

Carlos Camargo – Mas o buraco lá está vazando água legal, hein fio.

Evandro Ribeiro - Exatamente e o Bacalhau continua filmando ali...

Carlos Camargo – Quanto tempo nós ficamos pagando essa água que está jorrando aí?

Evandro Ribeiro – Rapaz do céu hein..

Carlos Camargo – Óia rapaz...

Evandro Ribeiro – É...

Carlos Camargo – E água limpinha..

Evandro Ribeiro – Exatamente é água...

Carlos Camargo – Água do Tibagi que vem aqui, que é tratada, que gasta um monte pra tratar...

Evandro Ribeiro – Lembrando né Camargo que ontem o caminhão afundou aqui no asfalto.

Carlos Camargo – Atolou no asfalto.

Evandro Ribeiro – Afundou aqui no asfalto e o problema estava ali. Olha só o tanto de água.

Carlos Camargo – Meu pai do céu, mas eles já haviam feito um buraco aí, não haviam, Evandro?

Evandro Ribeiro – Já haviam, Camargo, inclusive, filma um pouquinho mais pra lá Bacalhau. Ali ó, fazendo um favor, lá naquela pedra brita, ali Camargo já tinha sido feito um buraco antes por uma outra empresa, talvez terceirizada da Sanepar e foi nesse momento em que mexeram aqui, que tamparam tudo de novo, que disseram que tinham feito o conserto né foram embora. No outro dia começou a água infiltrar e foi até o asfalto e por isso que o caminhão tombou ontem aqui, tombou não né a roda traseira...

Carlos Camargo – Essa água aí não é só daquela época não né, não é só de agora depois que os caras consertaram não, essa água já devia estar rodando aí faz muito tempo. Porque pra fazer o estrago que fez no asfalto. Cadê o buraco do asfalto?

Evandro Ribeiro – O buraco do asfalto tá lá ó.

Carlos Camargo – Sai do buraco da Sanepar e vamo ver o buraco do asfalto.

Evandro Ribeiro – Mostra lá. Eles colocaram uma árvore, viu Camargo, para sinalizar...

Carlos Camargo – Olha o galho, olha o que fizeram, ao invés de vir aqui pra consertar tudo, arrebentar, colocaram um galho de uma árvore no buraco. Esse buraco é no meio da rua, fio, é no meio do asfalto lá, pessoal da Sanepar tá trabalhando na calçada em frente a TV Tarobá, na entrada do nosso estacionamento aqui. E óia quanta água que jorra ali, rapaz do céu, o que que é isso hein? Onde é que nós vamos parar com esse tanto de água desse jeito hein meu compadre? Pessoal da Sanepar tá lá, tá se virando ali pra poder consertar, não deve ser fácil também consertar vazamento e pelo jeito não é só nesse buraco aqui não, você vê como que a água sai daqui também (tenta mostrar na tela o local onde acha que há outro vazamento), posso estar enganado, mas parece que aqui tem outro.

Evandro Ribeiro – É verdade Camargo, tem aquele vazamento ali onde tá a mão do funcionário, mais pra frente dele ali tem uma outra água jorrando ali, tem outra mina d'água viu Camargo. Como diz o ditado “o buraco é mais embaixo”.

Carlos Camargo – E tá feia a coisa...

Evandro Ribeiro - Tá feio o negócio aqui.

Carlos Camargo – E se não conserta isso aqui meu compadre haja muro de TV Tarobá, haja asfalto para poder consertar né. Agora você vai ver a hora que eles forem fazer a compactação do asfalto, eles vão ter afundar, vão ter que arrebentar os asfalto que tem aqui em frente a TV Tarobá, porque se você vê uma depressão, o asfalto vem assim (gesto de reto e depois afunda) de repente ele faz um buraco assim e vai lá na frente, foi exatamente nesse buraco que o caminhão afundou a roda, afundou a roda ali. Quer dizer se o caminhão não afunda a roda ontem lá nós íamos ficar com essa água jorrando até quando naquele local? E aí você observa que no asfalto inteiro assim, até lá do outro lado da rua tá aquela depressão no asfalto. Vão ter que fazer um conserto bom ali, porque senão o bicho vai pegar.

Publicidade empresa de sorvete feita ao vivo pelo apresentador.

O Cristiano Pereira está chegando conosco aqui, Jornal Tarobá daqui a pouquinho 12h30 eu saio do ar e aí entra o Jornal Tarobá no ar com as informações do que andou

acontecendo em Londrina e região. O Cristiano está chegando conosco. Por que se fica de cabeça baixa todo dia seu Cristiano? Boa tarde.

Cristiano – O Camargo eu tô olhando um monitor aqui ó, tô te vendo aqui.

Carlos Camargo – Ah o televisorzinho tá aí no teu pé, pertinho aí, por isso que você fica olhando... ué será que o moço tá com torcicolo, alguma coisa.

Cristiano – (Risos) Sem problemas Camargo. (Imagem da redação do telejornal) Daqui a pouquinho a partir do meio dia e meia, Jornal Tarobá primeira edição você vai acompanhar: Plebiscito pode definir instalação de fábrica de bateria em São Luís (distrito de Londrina); Produtores continuam cobrando construção de barracão de beneficiamento de café em Lerroville (distrito de Londrina); Pacientes aprovam o novo método de atendimento no Hospital da Zona Sul; esses e outros assuntos daqui a pouquinho meio dia e meia, Camargo.

Volta para o apresentador no estúdio do programa Tempo Quente.

Carlos Camargo – Você sabe que eu achei estranho rapaz não terem realizado a tal da audiência pública no distrito de São Luís ontem, esse negócio dessa fábrica de bateria aí. Porque tá uma discussão né, tem uns que falam que vai poluir tudo, vai poluir nascente dos rio, vai poluir não sei o quê, vai fazer não sei o quê, outros já dizem que não, que a fábrica vem com uma segurança total, que vem com filtros, que vem com todo o cuidado, vem com todas as especificações, com tudo que a legislação define, inclusive a promotora do meio ambiente, doutora Solange, numa entrevista que concedeu à Rádio Paiquerê, no meu programa na Rádio Paiquerê, nos falou o seguinte: que tá tudo dentro das especificações, dentro das normas, que não tem perigo a instalação dessa empresa lá. Então meu amigo eu sinceramente achei ontem que iria dar para tirar dúvidas. Eu até tava querendo ir lá também no distrito de São Luís para poder acompanhar a audiência pública que estava sendo feita. Porque não interessa só pra São Luís, só pra Guaravera não, interessa pra Londrina inteira, se isso aí vem para poluir, pra arrebentar com os nossos rios, com os mananciais que vá instalar lá onde quiser, não aqui, não aqui. Agora é preciso saber o que tem de verdade, o que não tem de verdade nessa história toda, e a audiência pública ontem que iria esclarecer isso não foi realizada. Dizem que por falta de segurança, a polícia não tinha jeito de mandar duas viaturas lá não, no distrito de São Luís? Duas viaturinhas? Manda uma viatura do pelotão de choque, cinco, seis policiais acabou, bota uma viatura Rone (Ronda Ostensiva de Natureza Especial) daquela lá acabou meu compadre, não tinha... Vamos ver como é que vai ficar essa história.

Publicidade de ótica e relojoaria feita ao vivo pelo apresentador.

O intervalo é rápido, depois do intervalo duas pessoas, eram quatro indo pescar, duas delas morreram um acidente. O carro quebrou e eles pararam para consertar o veículo, um

outro carro de lá pra cá (gesto de pancada, batendo uma mão contra a outra) matou duas pessoas no local e as outras duas sofreram ferimentos. Um carro bate contra um poste em Londrina e pessoas ficam feridas nesse acidente, daqui a pouquinho depois do intervalo eu volto com os detalhes pra você.

Volta do intervalo para o estúdio ao vivo.

Carlos Camargo - 12h27, 12 e 27 agora. Um acidente violento um carro contra um poste, duas pessoas ficaram feridas na colisão. Homens do Siate foram dar atendimento às pessoas que se envolveram neste acidente tiveram que ser socorridas e encaminhadas para o hospital. Essas pessoas estavam no veículo e acabaram infelizmente não sei porque cargas d'água perdendo o controle e indo contra o poste. A uma hora da tarde eu vou colocar também informações pra você sobre um ladrão que roubou um carro, bateu o carro numa árvore, num poste também não sei e tentou vazar, só que a polícia foi em cima e pegou, não é aquele excomungado de ontem da padaria não, é um outro ladrão grosso de volante também, que... aliás o sindicato tinha dar um gancho de pelo menos cinco dias pra um ladrão desse né? O cara vai rouba um carro, bate o carro e acaba preso, o sindicato tinha que meter um gancho não deixar o peão trabalhar pelo menos uns 15 dias né fio. Um acidente violento foi registrado perto da Warta (distrito de Londrina), duas pessoas estavam indo pescar morreram depois que esse carro aí (imagens de um dos carros envolvidos no acidente) atravessou a pista e colheu o veículo em que os pescadores estavam. Eram quatro pessoas indo pescar, o carro deu um problema mecânico, parou e na seqüência a pancada aconteceu e infelizmente uma pessoa morreu no local, a outra foi encaminhada para o hospital não agüentado e falecendo lá, outras pessoas também foram medicadas e liberadas no local. Duas pessoas morreram, morreram. O Jornal Tarobá vem aí, a uma hora da tarde detalhes completos pra você, a uma hora a gente se encontra.

Tempo Quente, dia 20 de dezembro de 2007**Segunda Edição (13h00 às 14h00)**

Manchete segunda edição, apresentador Carlos Camargo.

Carlos Camargo - Carro bate contra poste, duas pessoas ficam feridas; Homem é preso acusado de tráfico de drogas em Cambé; Tentativa de assalto no centro, tiros foram disparados no local; Acidente grave na Warta deixa duas vítimas fatais (Locutor: Está no ar Tempo Quente, Segunda Edição, com Carlos Camargo).

Carlos Camargo - 1h02, uma e dois agora na grande Londrina, estamos retornando com informações pra você a respeito de... acidente grave, grave registrado em nossa Londrina, infelizmente mais um acidente em que vítimas fatais foram registradas, duas uma morre no local a outra ainda é socorrida em estado grave evidentemente para o hospital e no hospital não resistiu e faleceu horas depois do atendimento prestado. Quatro pessoas estavam indo pescar, estavam indo pescar, pararam o carro à margem da rodovia no acostamento do lado certo da pista, por quê? Porque o carro apresentou defeitos, problemas mecânicos, um carro nem tão novo assim. Um veículo desgovernado e em sentido contrário atravessou a pista e arrebentou com aquele carro, matando um na hora e deixando os outros feridos.

Entra a matéria Repórter Cid Ribeiro – Os dois veículos ficaram destruídos depois da colisão aqui na Rodovia Carlos Strass, próximo à Warta, uma pessoa morreu e outras três ficaram feridas. Capitão quando chegou a solicitação no quartel central já tinha informações que o acidente era gravíssimo não é?

Capitão Natal do Corpo de Bombeiros – Ah Nós fomos acionados pelo telefone 193 e já nos repassaram a informação que era um acidente com três vítimas, durante o deslocamento recebemos outras ligações dizendo que possivelmente encontraríamos uma vítima em óbito. Chegando a primeira viatura no local, ela verificou realmente que uma vítima se encontrava em óbito e outra gravemente ferida com traumatismo craniano e fratura exposta nas duas pernas. Nós nos deslocamos pra cá com um aparato grande, com a viatura de resgate, mais três ambulâncias para prestar socorro a essas quatro vítimas desse acidente.

Cid Ribeiro – Agora esse idoso de mais de 70 anos, esse senhor não teve o que fazer por ele não.

Capitão Natal – Nós chegamos ele já se encontrava em óbito, não tinha mais o que nós... qualquer procedimento a ser feito porque já se encontrava em óbito. O outro que se encontrava grave está em procedimento nesse momento dentro da ambulância tentando resgatar e encaminhar com vida para o hospital.

Cid Ribeiro – Essas pessoas em estado grave tanto essa pessoa que não morreu como a que morreu estavam dentro do carro ou fora?

Capitão Natal – A informação é que uma estava dentro do carro e a outra do lado de fora, a informação que populares me passaram é que o carro onde estava esse senhor encontrava-se parado no acostamento e outro carro deve ter perdido o controle e veio a colidir com ele.

Cid Ribeiro – Infelizmente um gravíssimo acidente com uma pessoa morta outra em estado grave e duas pessoas feridas.

Capitão Natal – É mais um resultado da alta velocidade e da imprudência no volante, sempre a gente fala, se existe um limite de velocidade, prescrito no Código de Trânsito ele é para ser cumprido para que não ocorra acidentes.

Cid Ribeiro – As vítimas mais graves estão estavam na Variant?

Capitão Natal – Realmente, as duas vítimas graves se encontravam na Variant e as vítimas leves tinha um que estava sentado próximo da Variant também e o outro era condutor do veículo Gol.

Cid Ribeiro – Condutor do veículo com ferimentos leves?

Capitão Natal – Ele teve alguns ferimentos, corte contuso em braço, ferimento em testa e ombro, mas realmente ferimentos leves.

Cid Ribeiro – O senhor que está sendo atendido pelo médico do Siate Dr. Mauro, essa pessoa corre o risco inclusive de ter amputadas as duas pernas né?

Capitão Natal – É a chance de ter amputadas as duas pernas é muito grande porque a laceração foi muito grave com o impacto do acidente, então possivelmente se ele conseguir reverter o estado grave que ele se encontra e ficar vivo serão amputadas as duas pernas dele.

Volta para o estúdio ao vivo.

Carlos Camargo - Infelizmente essa segunda vítima não escapou, policiais rodoviários foram para o local também, eu vou colocar o policial para falar conosco também.

Publicidade de loja de confecções feita ao vivo pelo apresentador.

Carlos Camargo - O policial rodoviário também foi pro local pra ajudar, tanto a prestar socorro pras vítimas quanto pra fazer o levantamento dali evidentemente pra fazer a remoção desses veículos do local.

Imagens do local do acidente Cid Ribeiro – Depois de perder o controle do Gol com placas de Bela Vista o Edgar Júlio de 42 anos invadiu a pista contrária e batendo de frente com um Variant matando o seu Almerindo Ramos da Silva de 67 anos no local. O Favaro tudo indica que o condutor do Gol foi o que provocou o acidente né?

Soldado Favaro policial rodoviário – Tudo indica que foi, pois a Variant estava na mão de cá na terceira faixa e foi colidido do lado do motorista, do lado esquerdo do Gol que vinha de lá pra cá.

Cid Ribeiro – A Variant estava parada, parece que deu um problema mecânico.

Soldado Favaro – Segundo uma pessoa que se encontrava na Variant, parece-me que havia dado problema mecânico e tinha parado pra pode arruma o problema, sanar o problema.

Cid Ribeiro – O condutor do Gol se perdeu ali e atravessou duas pistas pra pegar o rapaz do outro lado.

Soldado Favaro – Passou pela mão dele, passou pela outra pista e foi pegar a Variant do outro lado da pista.

Cid Ribeiro – Indicando alta velocidade Favaro?

Soldado Favaro – A princípio sim, né, não dá pra ser exato, mas a princípio sim. Porque isso aqui é uma curva longa e ela é perigosa.

Cid Ribeiro – Os dois veículos muito danificados, né?

Soldado Favaro – Bastante danificado, principalmente a Variant, perca total.

Cid Ribeiro – Infelizmente esse senhor de 67 anos perdeu a vida aqui no local mesmo.

Soldado Favaro – É infelizmente pra uma pessoa que deve sair toda alegre de casa pra pesca e aí saindo da casa dele acontece uma catástrofe dessa realmente é bem chocante o negócio.

Cid Ribeiro – Tem um outro senhor também que está em estado grave por pouco não morreu aqui mesmo no local.

Soldado Favaro – Ele foi encaminhado pro Hospital Evangélico né, e está sob cuidados lá e saindo daqui nós vamos procurar saber qual que é o estado dele.

Cid Ribeiro – Imprudência, alta velocidade e mais uma vítima fatal nas estradas da região.

Soldado Favaro – Infelizmente sim, infelizmente sim. Uma coisa tão simples de ser evitada, tão fácil e o pessoal parece que não tão valorizando muito as vida não.

Volta para o estúdio ao vivo.

Carlos Camargo - Rapaz pro cara saí da estrada, perde o controle do carro numa curva, bate num outro veículo que tava parado, senão tem esse veículo lá o carro ia capotar sei lá quantas vezes viu, sei lá quantas vezes. O estrago que ia fazer seria só no condutor do veículo né, do Gol, mas não, tinha uma Variant parada ali pra consertar o veículo, o motorista do Gol foi levado para o hospital com escolta da polícia viu pra posterior providência na delegacia central, tão esperando ele se recuperar pra ver o que vão fazer com ele. Agora as pessoas que

estavam indo pescar, eram quatro, uma delas, a que escapou com vida do acidente, falou com a nossa equipe. Era pra esse cara que vai falar comigo no ar aqui ter morrido no acidente, viu amigo, era pra ele ter falecido lá na pancada, na paulada, porque era ele quem iria consertar, até se ofereceu deixa eu indo pra ver o que eu faço, pra vê se eu conserto e daí o cara falou não, não deixa que eu vou ver, aí foram aconteceu a pancada. Eu vou colocar esse homem pra relatar o que houve no ar pra você tá. Queria que você prestasse atenção nele.

Publicidade de loja de informática feita ao vivo pelo apresentador.

Carlos Camargo – O homem que escapou da morte, era pra ele estar no lugar do motorista, ele estar no lugar do homem que morreu lá no local do acidente. Ele falou também com a nossa equipe.

Imagens do local do acidente repórter Cid Ribeiro – Moradores do Jardim Nova Olinda em Londrina essas pessoas estavam indo para Sertanópolis quando sofreram um acidente aqui na Rodovia Carlos Strass. Como que foi esse acidente aqui senhor?

Jurandir Franco testemunha – O carro deu problema, a Variant e a gente tava parado no estacionamento, com o pisca alerta ligado e o falecido estava dentro do carro arrumando quando o Gol sentido Warta/Heimtal se perdeu na curva e entrou em nós. Eu tava no meio-fio e a tragédia aconteceu.

Cid Ribeiro – Se o senhor tivesse dentro do carro tinha machucado bastante também né?

Jurandir Franco - Com certeza, inclusive eu tinha dizido pro falecido que eu ia arrumar pra ele o que tava acontecendo no carro.

Cid Ribeiro – E ele não deixou.

Jurandir Franco – Ele falou: não Jurandir eu arrumo pra você, pode deixar que eu arrumo, aliás.

Cid Ribeiro – Se o senhor tivesse arrumano era o senhor que tava morto.

Jurandir Ribeiro – Com certeza, imprudência do Gol e do rapaz.

Cid Ribeiro – Ele fez a curva em alta velocidade né Jurandir?

Jurandir Franco – A mais de 120 por hora, com certeza.

Cid Ribeiro – Como era o nome desse senhor que morreu?

Jurandir Franco – Almerindo Ramos e... não me lembro o restante.

Cid Ribeiro – E o outro rapaz ali se machucou também quase perdeu a vida.

Jurandir Franco – Um perdeu o joelho praticamente, vai ficar inválido.

Cid Ribeiro – Não é fácil não né Jurandir.

Jurandir Ribeiro – Nessa hora tem que pedir muito a Deus né, que Deus fortalece a gente, né.

Cid Ribeiro – Tavam indo se divertir.

Jurandir Franco – Com certeza.

Volta para o estúdio ao vivo.

Carlos Camargo - Até essa hora então eles não tinham a informação e nem havia acontecido ainda o falecimento da segunda vítima, essa pessoa que ele disse que ia perder o joelho, não havia ainda acontecido o falecimento, duas pessoas morreram o seu Almerindo Ramos e o Sidney Francisco, duas vítimas de um acidente que poderia, como o policial rodoviário disse, ser evitado se a velocidade fosse compatível com a pista, infelizmente não era e olha o resultado. Agora o que acontece com o motorista que atravessa uma pista, pega um carro parado do outro lado, as pessoas consertando o carro, mata duas pessoas? O que é que acontece com ele? Ele foi levado pro hospital, mas do hospital vai embora pra casa tranqüilo, vai passar festa de final de ano tranqüilo e sossegado? Como é que é? Nós fomos saber do delegado de polícia no plantão da 10^a. SDP o que é que vai acontecer com esse homem.

Publicidade de empresa de refrigeração feita ao vivo pelo apresentador.

Carlos Camargo - O delegado de plantão na 10^a. SDP, nós fomos saber dele o que é que vai acontecer com o homem que provocou o acidente e por consequência essas duas mortes.

Imagens do local do acidente repórter Cid Ribeiro – Várias viaturas do Corpo de Bombeiros estiveram na Rodovia Carlos João Strass durante a noite entre o Patrimônio Heimtal e a Warta onde um acidente gravíssimo foi registrado. A colisão frontal entre um Gol e uma Variant, morreu no local Almerindo Ramos da Silva, 71 anos, já o Sidney Francisco Costa de 45, foi atendido em estado grave pelo Siate, levado para a Santa Casa onde não suportou os ferimentos e morreu hoje pela manhã. Doutor duas pessoas que morreram vítimas desse acidente ali na Rodovia Carlos João Strass.

Delegado José Arnaldo Peron – Sim é um acidente que vitimou duas pessoas é... segundo consta né as duas pessoas que morreram tavam num veículo Variant que por um defeito mecânico teve que parar no acostamento e o Gol ao efetuar, ao realizar uma curva, ao fazer uma curva desgovernou-se e chocou-se nesse veículo e causou a morte dos dois.

Cid Ribeiro – O Almerindo estava ali dentro do carro né? A pancada foi muito forte ele foi arremessado e já morreu ali de forma instantânea?

Delegado José Arnaldo Peron – É com o impacto, o impacto já lhe causou a morte né. E a outra pessoa foi socorrida, mas, também não suportou.

Cid Ribeiro – O Sidney... diz que no local quando os bombeiros chegaram estava numa situação gravíssima com as duas pernas quase que amputadas, com trauma de crânio dificilmente escaparia com vida mesmo né?

Delegado José Arnaldo Peron – O estado, segundo os atendentes, era grave né, mas ele ainda estava vivo, mas depois recebemos a notícia que ele também tinha falecido.

Cid Ribeiro – Os outros ocupantes da Variant não sofreram ferimentos e foram liberados no local. E o condutor do Gol também ficou ferido e foi pro hospital né?

Delegado José Arnaldo Peron – É o condutor do Gol foi atendido e encaminhado ao hospital.

Cid Ribeiro – Doutor surgiu a informação no local de que esse senhor, esse condutor do Gol estava embriagado, ficou confirmada essa informação?

Delegado José Arnaldo Peron – Não até o presente momento não porque quando há caso de embriaguez após o atendimento ou durante o atendimento nós somos informados que o condutor estaria embriagado e nós não recebemos essa informação.

Cid Ribeiro – Nesse caso então não tem o que fazer com o motorista?

Delegado José Arnaldo Peron – Não o inquérito policial será instaurado para apurar as causas, a causa, como aconteceu o acidente. Ele sendo indiciado irá responder pelo homicídio culposo e... se for o caso, se ele deu causa ao acidente né, ele responderá.

Cid Ribeiro – Doutor pelos levantamentos feito pelo senhor e pelo perito de plantão tudo indica que o condutor do Gol ali foi quem provocou o acidente ali, né doutor?

Delegado José Arnaldo Peron – É. As testemunhas que estavam junto com os falecidos que também estavam na Variant que não morreram afirmaram que o motorista do Gol perdeu o controle na curva e colidiu com a Variant.

Volta para o estúdio ao vivo.

Carlos Camargo - Para o motorista do Gol a princípio agora, já neste momento num dá nada né, vai indiciado em inquérito, vai responder a bronca é homicídio culposo, homicídio culposo é diferente do doloso, quando existe dolo é a intenção, a vontade de fazer, se pega o teu carro e fala vou passar em cima daqueles lá, aí você comete homicídio doloso, em acidente de trânsito geralmente esses homicídios são chamados de homicídios culposos é o homicídio que você não tem a intenção de praticá-lo. Você atropela uma pessoa e acaba matando, você não sai falando assim: eu vou passa em cima de uma pessoa hoje, mas acontece então aí existe essa diferença entre dolo e culpa. Agora eu fico pensando aqui pras

famílias dessas pessoas, homens que saem de casa pra ir pescar, pra ir se divertir e voltam em caixões, à véspera praticamente do Natal, à véspera do ano novo. Como é que vai ser o fim-de-ano pra essas famílias? Como é que vai ser?

Publicidade de cartão telefônico feita ao vivo pelo apresentador.

Carlos Camargo - O intervalozinho comercial é rápido, a polícia localiza pessoas envolvidas com tráfico de drogas e retira de circulação; Mais um acidente violento um carro contra um poste e teve o caso também de um ladrão, não é aquele de ontem daquela padaria não, que furtou a Fiorino da padaria não viu, é um outro ladrão que roubou um carro e também chapou o veículo, só que ele tentou fugir de lá, tá em cana. Eu já volto.

Intervalo comercial

Volta para o estúdio ao vivo.

Carlos Camargo – E atenção aqui, atenção queria mandar um abraço especial para a dona Maria, dona Maria e seu José lá no Jardim Itapoá que hoje me mandaram mensagem muito bacana, estão saindo pra viajar, mas, estão mandando um abraço especial pra gente também, obrigado pelo carinho da audiência, um abraço forte pra vocês boa viagem, vão com Deus, vão com Deus. Quero aproveitar também pra mandar um abraço especial pro Ivã, dona Alaíde, o Paulo, a Sandra que não perdem o programa de jeito nenhum tão lá no Jardim Morumbi acompanhando a gente. Obrigado pelo carinho, obrigado pela audiência. Quero mostrar aqui também um cartão de Natal bonito que a Alice e a família, que a Alice e a família mandaram aqui, um cartão bacana, bacana com dizeres muito bonitos. Alice, obrigado pelo carinho, obrigado pela audiência um abraço especial pra sua família toda também, que Deus possa dar a vocês em dobro tudo que me desejaram tá. Um abraço especial e o ano que vem vai ser muito melhor que esse.

Publicidade de loja de escapamentos feita ao vivo pelo apresentador.

Carlos Camargo – Policiais de Cambé receberam informações, denúncias, foram checar e prenderam, prenderam pessoas que estariam envolvidas com o tráfico de drogas. Os policiais de lá fizeram um belo trabalho e a pessoa que deu a letra também fio, ah... deu uma letra bacana pros policiais.

Entra matéria repórter Evandro Ribeiro – Cinco papéletes de crack foram apreendidos com o Coré, como é conhecido o Jorge da Silva. Você tava traficando mesmo ali, Coré?

Jorge da Silva – Não, num sou traficante, eu tava guardando o muro e nós tava conversando perto do muro, onde o policial achô, mas não é meu. Porque ali é onde minha ex-nora mora e eu vou ali todo dia ver minha netinha, então tinha acabado de saí e tava conversando com o rapaz, e aí as polícia abordou nós e achou no muro. Não era meu.

Evandro Ribeiro – Tá, esse rapaz então era o dono da droga?

Jorge da Silva – Não, ele é colega meu também, ele veio de bicicleta e nós paremos e ficamos conversando perto da casa da minha ex-mulher, aí a polícia abordou nós, dero geral ne nós, não acharam nada, eles foram caça e acharo essas balas em cima do muro.

Evandro Ribeiro – Agora a informação que chegô Coré pra P2 pra polícia militar é de que você tava traficando, trafica realmente aí no Ana Rosa.

Jorge da Silva – Não, eu trabalho de pedreiro, tava trabalhando hoje era pra terminar um serviço, porque num tinha argamassa eu num fui, porque o cara vinha buscá eu mais tarde, mas traficante eu num sou.

Evandro Ribeiro – Olírio e o delegado Abrahão aqui da polícia civil dizem que você é o terror ali do bairro não deixa ninguém sossegado?

Jorge da Silva – Sô não, sô não. Eu moro com a minha mãe, quando é dez hora eu tô dormindo pra mim trabalha no outro dia, num trafico droga nenhuma.

Evandro Ribeiro – E essa conversa então é o terror lá?

Jorge da Silva – Ô loco só se for porque eu só feio demais que eu sou um terror lá.

Evandro Ribeiro – Só se for feio demais...

Jorge da Silva – Porque as vizinhança, eu tenho amizade com todo mundo, converso com todo mundo, nunca desfiz de ninguém graças a Deus.

Evandro Ribeiro – Mas é fofoca dos outros então?

Jorge da Silva – Isso aí, é fofoca, porque eu converso com toda a vizinhança eu tenho amizade com todas vizinhança, vou na casa a deles converso, tomo café na casa deles de manhã converso com todo mundo, trabalho com metade das vizinhança que tem ali.

Evandro Ribeiro – Então o crack não é teu não?

Jorge da Silva – Não.

Evandro Ribeiro – E você tem arma?

Jorge da Silva – Não.

Evandro Ribeiro – Olírio diz que você tem que entregar uma arma pra ele?

Jorge da Silva – Então eu num sei disso não, que eu num tenho arma nenhuma não, minha mãe num deixa entra com arma nem nada dentro de casa.

Evandro Ribeiro – Você é usuário de droga ou não?

Jorge da Silva – Já usei, mas agora eu não uso mais.

Evandro Ribeiro – Não usa mais faz quanto tempo?

Jorge da Silva – Ahhhh, já faz um bom tempo hein.

Evandro Ribeiro – Você não usa mais, mas agora tá vendendo?

Jorge da Silva – Não, nem vendendo.

Volta para o estúdio ao vivo, apresentador com cara de quem não acreditou no acusado.

Carlos Camargo - O terror ou porque falam demais ou porque é feio demais, das duas uma, foi isso que ele disse, foi isso que ele falô, para a polícia a história não é bem essa aí não viu. Eu vou colocar o delegado pra você escutá o delegado, pra você tê uma idéia da coisa como que é tá.

Publicidade de loja de calçado feita ao vivo pelo apresentador.

Carlos Camargo - O delegado Valdir Abrahão responsável pelo enquadramento deste homem falou conosco já que ele disse que é o terror do bairro, ou é porque falam demais ou é porque ele é feio, nos fomos procurar o delegado pra saber qual é o motivo de tanta conversa.

Entra a matéria com o repórter Evandro Ribeiro – Policiais de Cambé prenderam o Coré que é o Jorge da Silva, 35 anos no Jardim Ana Rosa, com ele 6 papelotes de crack. Doutor Abrahão muitas reclamações contra esse sujeito né ?

Delegado Valdir Abrahão – Sim não temos dúvida disso, várias denúncias nós recebemos é... inclusive de mães que choravam durante as denúncias dando conta de que o Coré estava apavorando a região onde ele reside em razão do tráfico de drogas de forma intensa que ele vinha levando a efeito ali nas imediações da sua residência, também no bairro que ele mora. Nós encetamos diligências junto com a polícia militar e hoje felizmente dois policiais militares que passavam pelo local suspeitaram dele e de outro adolescente que caminhavam em via pública e durante a abordagem acabaram encontrando em poder desses indivíduos cinco papelotes de cocaína que embora as porções não sejam assim em quantidade significativa como é obvio, mas diante das denúncias que nós temos de que o Coré é traficante não temos dúvida de que ele incorreu no dispositivo é... pertinente do tráfico de droga, ou seja no artigo 33 da lei antitóxico e por essa razão nós deliberamos por autuá-lo em flagrante e por tráfico ilícito de droga.

Evandro Ribeiro – Doutor, então a prisão do Coré é um alívio pra a sociedade ali, pro bairro em Cambé.

Delegado Valdir Abrahão – Nós temos convicção de que não só a prisão dele, mas como de outros dois que formalizamos em data de ontem, vai sanear em parte os bairros onde esses traficantes é... residem. Vale ressaltar ô Evandro que, diferentemente de outros tempos, traficantes os pequenos traficantes, os pé-de-chinelo eles estão usando, carregando ou levando em seu poder pequenas quantidades de droga, pequenas porções, três quatro cinco papelotes que é pra que no momento que a polícia os surpreendem eles alegarem que são usuários, mas

na verdade carregam pouca droga, vendeu aquela vai e busca mais no esconderijo e assim eles vão tentando levar adiante a sua atividade econômica criminosa. Mas a polícia está atenta, nós aqui em Cambé estamos trabalhando unidos com a polícia militar e o serviço tem sido coroadado de sucesso, haja vista a grande quantidade... o índice de autuações que nós temos feito nos últimos meses nos últimos anos e limpando assim no que é possível e tirando de circulação esses traficantes.

Volta para o estúdio ao vivo.

Carlos Camargo - Tanto faz se é pequeno, se é grande é traficante tem que ser tirado de circulação e ser enfiado na cadeia, agora diz que a conversa que tem contra esse homem é de que ele estaria levando pouca droga exatamente pra que na hora que a polícia chega dá cana num caracteriza né, amigo. Aí chega lá no juiz, não porque eu sou viciado, mas ele já falou que ele não é viciado, foi e num usa mais, então como é que se explica droga se você tem droga e não é pra uso seu pra que que é. É pra alguém num é, é pra alguém num é e aí o enquadramento, por isso recolhido à delegacia de polícia de Cambé fechado na cadeia viu.

Publicidade de empresa telefônica feita ao pelo apresentador.

Carlos Camargo – Ela, ela teve a residência dela visitada por ladrões, amigo Natal taí e os caras dando prejuízo, essa senhora tá revoltada.

Entra matéria repórter Evandro Ribeiro – Ladrões invadiram mais uma residência aqui no Jardim Nova Londrina, e não adianta colocá reforços, os bandidos estão apavorando né senhora?

Arlete Zacarias – Tão, em 15 dias cinco vezes.

Evandro Ribeiro – Em 15 dias cinco arrombamentos é isso?

Arlete Zacarais – Cinco.

Evandro Ribeiro – Como é que foram?

Arlete Zacarias – Um eles entraram no quartinho que meu marido trabalha porque ele é artesão, ele era um ex-dependente de álcool e drogas hoje, graças a Jesus, ele aceitô Jesus, ele trabalha como artesão, roubaram todo maquinário dele, roubaram toda fiação do quartinho. Aí uma semana depois serraram a grade da janela entraram levaram som, levaram rádio, levaram bujão. Aí na segunda-feira retrasada quebraram a parede fizeram um buraco na parede, nós estávamos trabalhando lá no vestibular. A gente trabalha com vendas de bijuterias externa na rua, sai o dia inteiro carregando peso, fica sem come porque dependendo do lugar que a gente tá não tem nem como come e quebraram a parede entraram ali e levaram o bujão de gás. Aí, na terça-feira, meu marido queria ficar aqui disse: que na hora que puserem a cabeça aqui eu degolo eles. Eu falei num adianta fazê isso, porque depois é pior a gente não

vai ter nem paz pra ficar aqui ele fechô empurrou um guarda-roupa pesado eles quebraram o buraco empurraram o guarda-roupa, precisa de dois pra empurrar aquele guarda-roupa, porque é meio molão assim tá cheio de caderno, livro, revista é pesado entraram daí eles fizeram um limpa, levaram tudo panela, talher, os lençol, toalha de banho, fronha. Porque daí creio que eles enfiaram tudo dentro então num tem mais nada aqui sabe, só fico as louças e os móveis, num tem mais nada limpam a casa.

Volta para o estúdio ao vivo.

Carlos Camargo - O medo dela, rapaz, é que daqui a pouco voltem pra carregar as louças, carregar talheres, carrega guarda-roupa, a geladeira o fogão porque o resto eles já levaram tudo, levaram tudo e daqui até o final do ano quantas vezes mais dá pra arromba a casa dessa senhora. Quantas vezes mais, são arrombamentos freqüentes, arrombamentos seguidos e providência cadê? Cadê? Mas pobre né, quem é que vai toma providência contra os ladrões que invadem uma casa de uma senhora assim. Você viu a casa num tem nem reboco, se fosse casa numa mansão aqui num lugar bão, aqui num lugar chique, aí se ia te polícia pra tudo quanto é lado investigando né fio, pra pega arrombamento que leva coisa de pobre quem é que vai pega, quem é, quem é que vai corre atrás me fala, me indica.

Publicidade de uma concessionária feita ao vivo pelo apresentador.

Carlos Camargo - O intervalo é rápido na volta carro versus poste uma pancada feia e pessoas tendo que ser encaminhadas para o hospital eu volto já, já.

Volta do intervalo ao vivo.

Carlos Camargo – 1h39, 1e 39 na grande Londrina. Um acidente, um acidente registrado no Parque Ouro Verde, um carro contra um poste uma paulada considerável no local, o Siate esteve lá.

Entra matéria repórter Cid Ribeiro – O acidente de trânsito acontecido na Avenida Winston Churchill no Parque Ouro Verde movimentou o corpo de bombeiro. Ô sargento vocês estavam passando aqui no local quando o acidente aconteceu?

Sargento Xavier – É. Positivo nós estamos vindo de uma ocorrência do Pool de combustível e retornando para base norte nossa aqui da região do Cinco Conjunto nos deparamos com essa situação que o motorista e mais o acompanhante atravessaram a Avenida Winston Churchill é... aparentemente, totalmente alcoolizados e veio bate de frente com poste se ferindo até de uma maneira assim razoável o ferimento.

Cid Ribeiro – Qué dize então eles trafegavam pela Rua Sudão e passaram direto a avenida?

Sargento Xavier – Positivo, segundo as informações que nós colhemos no local ele vinha da Sudão e ele conseguiu atravessar as duas pista da rodovia aqui, pondo em risco os transeuntes, os outros carros que estavam passando, devido a situação que ele está ali que vocês podem ver.

Cid Ribeiro – Ainda bem que num passava por ali na hora nenhum carro, nenhuma moto, nenhum pedestre né?

Sargento Xavier – É, graças a Deus. Realmente é um horário já mais tranqüilo o trânsito é mais leve um pouco, pouco pedestre nessa hora e não aconteceu situação pior, que seria atropela uma pessoa ou também bate numa moto ou outra condução.

Cid Ribeiro – Pelo jeito aqui que ficou a frente do carro eles estavam em alta velocidade?

Sargento Xavier – Olha a informação que nós pegamos aqui é até que eles não estavam em alta velocidade só que a pancada no poste foi violenta e danificou muito a frente do Gol deles, mas de certo eles num tava em alta velocidade não.

Cid Ribeiro – Eles chegaram a ficar presos nas ferragens Sargento?

Sargento Xavier – É um fico com as perna presa no painel do veículo aí nós só afastamos o painel um pouquinho para pode dá o atendimento e fazê a retirada das vítimas pro atendimento na ambulância.

Cid Ribeiro – Vocês mesmo acionaram a equipe do Siate né, sargento?

Sargento Xavier – É, positivo, nós já começamos dar o primeiro atendimento em seguida já acionamos a viatura do Siate para que nos auxiliasse na ... vê a situação exata dos indivíduos que estava no veículo.

Cid Ribeiro – Os socorrista já estavam prestando apoio às duas vítimas desse carro?

Sargento Xavier – Sim às duas vítimas, inclusive um ele tá um pouco alterado e não aceito que nos colocássemos a mão nele, nós estávamos tentando ajudar ele pra tirar ele de dentro do veículo e ele ficou bastante alterado com nós, não queria que nós colocássemos a mão nele, aí tivemo que ainda conversa com ele pra pôde tirar o rapaz de dentro do veículo pra pôde dá o atendimento dentro da ambulância.

Cid Ribeiro – Tudo devido à embriaguez né sargento?

Sargento Xavier – É ... aparentemente totalmente alcoolizado.

Volta ao vivo para o estúdio.

Carlos Camargo - Já pensou rapaz aí o pessoal do bombeiro vai lá pra ajudar o caboclo, o caboclo ainda qué briga com o sargento do bombeiro ainda. A viatura do Siate foi pro local pra poder dar atendimento a esses dois rapazes, oh a sorte que levaram hein, ah sorte

que levaram bombeiros estavam passando depois de um outro atendimento que foram dar e aí aconteceu o acidente eles já pararam na hora pra poder dar socorro a essas pessoas, se demora mais um pouco alguém ligar na central ou algo nesse sentido se já viu a situação como é que ficava. Siate foi lá fez avaliação eu vou colocar os socorristas no ar.

Publicidade de uma rede se supermercados feita ao vivo pelo apresentador.

Carlos Camargo - Os socorristas do Siate foram pro local o rapaz tava nervoso será que se acalmou com a chegada do pessoal do Siate? Será que eles puderam dar atendimento adequado pra ele?

Entra matéria repórter Cid Ribeiro – Duas pessoas ficaram feridas depois de um acidente no Parque Ouro Verde região norte da cidade, Claudemir de Oliveira Sakai de 35 anos e Luiz Carlos de 50. Ô Silvério os dois não estão muito bem não, mas não devido aos ferimentos, mas sim por conta da embriaguez né?

Soldado Silvério - É visivelmente embriagados os dois, aí infelizmente vieram a causar esse acidente e novamente bebida alcoólica né.

Cid Ribeiro – Quais os ferimentos que as duas vítimas sofreram?

Soldado Silvério - A vítima um o Claudemir tem pequenos ferimentos corte contuso em região de crânio devido à pancada contra o pára-brisa que chegou a arrancar o pára-brisa do veículo o mecanismo de injúria muito violento aí e a vítima dois não vai ser encaminhada só tem uns ferimentos, escoriação em joelhos mais é o problema da embriaguez mesmo.

Cid Ribeiro – Ô Silvério o detalhe é que esse senhor de 50 anos só de passar a gente já sente o cheiro da cachaça né.

Soldado Silvério – Exatamente não só visivelmente como o cheiro né.

Cid Ribeiro – Levaram foi muita sorte né?

Soldado Silvério – Pelo tipo de mecanismo de injúria, pelo tipo da via local de tráfego de alta velocidade levaram muita sorte aqui.

Volta ao vivo para o estúdio.

Carlos Camargo - E uma pancada feia, feia, feia viu rapaz, ali pelo jeito oh se não era excesso de velocidade ele num tava andando um pouquinho também não para fazer aquilo que fez no carro pouquinho num tava andando não, ou então não pisou no freio né a hora que viu eu ia acontecer oh... (gesticula a ação de beber com a negativa e dirigir), com volante não adianta viu fio. Se beber não dirija, se dirigir não beba tá, presta atenção nesse recado tá.

Publicidade de uma financiadora de crédito feita ao vivo pelo apresentador.

Carlos Camargo – Ele, ele também sofreu ferimentos em um acidente de trânsito só que no caso dele amigo oh, o cara que se envolveu com ele na colisão simplesmente não está sendo encontrado mais e ele quer saber quem é a pessoa.

Entra entrevista repórter Evandro Ribeiro – O ferimento Camargo foi depois de um acidente de carro na Avenida Higienópolis. Esse rapaz estava de moto ele bateu em você e fugiu?

Bruno César Sales – Isso ele cruzou na minha frente daí eu bati na porta do carro, cheguei a entrar pra dentro do veículo com o corpo aí ele até parou tal, assim que o pessoal do Siate chegou ele evadiu do local não voltou, não deu explicação nada.

Evandro Ribeiro – Que carro que é esse?

Bruno César Sales – Era um Golf GTI branco duas portas, vai tá com a porta do passageiro amassada embaixo e o vidro quebrado do passageiro.

Evandro Ribeiro – E o acidente foi no centro da cidade mesmo?

Bruno César Sales – Isso na Avenida Higienópolis com a Guararapes por volta das meia noite e meia, do sábado pro domingo.

Evandro Ribeiro – Qué disse o cara deixou você largado lá, não quis nem sabe?

Bruno César Sales – Isso é o ...

Evandro Ribeiro – Ele viu o acidente?

Bruno César Sales - Ele viu ele parô, aí assim que o pessoal do Siate chegô, chegô um casal de moto conversou com ele, provavelmente encorajou ele a fugi, aí ele fugiu do local e até agora nada.

Evandro Ribeiro – Você tava certo?

Bruno César Sales – Eu tava certo e pelo menos queira achar o responsável porque a moto é da empresa onde eu trabalho e se eu num achar eu vou ter que prestar conta né.

Evandro Ribeiro – Repete as características do carro de novo.

Bruno César Sales – É um Golf GTI, branco duas portas, vai tá com a porta do passageiro amassado embaixo pela roda da moto e a janela quebrada o acidente foi na Avenida Higienópolis com a Guararapes por volta da meia noite meia, aí se tiver alguém que viu a placa ou anotou... se puder me dá uma ligada.

Evandro Ribeiro – Qual é o telefone seu pra contato?

Bruno César Sales – É 8415-1376.

Volta ao vivo para o estúdio.

Carlos Camargo - Se você tiver alguma informação a respeito desse Golf, Golf branco GTI, porta do lado do passageiro amassada amigo 8415-1376. Se você é o dono do carro oh,

entra em contato com ele faz uma composição com ele pra num te perigo né fio, daqui a pouco ele entra com ação contra você por lesões corporais esse ferimento no braço dele pode te dar uma dor de cabeça maiorzinha ainda, viu. Vá procurar um advogado pra você saber o que que pode acontecer com você se você não entra em contato, não resolve se acertar ali, presta atenção não pra vê. 8415-1376.

Publicidade de empresa de material de construção feita ao vivo pelo apresentador.

Carlos Camargo - Cidadão teve o veículo dele furtado. O furto aconteceu em Jataizinho, ele veio nos procurar porque quer usar a audiência do programa pra tentar uma pista do carro dele.

Entra matéria repórter Evandro Ribeiro – O Vanderley Marcos teve um carro furtado um Santana 1986, onde é que aconteceu esse furto Marcos?

Vanderley Marcos – Em Jataizinho é... no show de sábado que teve que eu tava tocando com o Marco e Montenegro, a dupla sertaneja né, e eu deixei o carro pro motorista do ônibus que levou a gente da Garcia pra estacioná, que a gente tava subindo pra começar a tocar, dez minutos depois ele chegou e falou que meu carro tinha sido roubado. Aí a polícia já tava perto ali, né já registrei eles colocaram é... em estado de alerta pelo sistema e aí tô aguardando, então o pessoal que souber. É um Santana vermelho 86, placa BPL 5980.

Evandro Ribeiro – Tem algum detalhe nele que chame a atenção?

Vanderley Marcos – Não, não tem detalhe, é um Santana vermelho escuro né e... quatro portas é o lado direito da porta da frente tá faltando friso de alumínio e do lado esquerdo tá faltando friso também, os detalhes assim mais visível, em cima do farol direito tinha uma batidinha, um relado e no mais é isso aí.

Evandro Ribeiro – Tá pago esse carro, tá quitado?

Vanderley Marcos – Eu tô pagando, é o carro da minha esposa trabalhá com as crianças tudo eu usava assim no final de semana pra tocar eu trabalho numa outra empresa durante a semana e aí o carro ficava com ela durante a semana eu usava final de semana pra ir trabalhar né. Então o pessoal que às vezes alguém vê esse carro por aí avisa o Camargo ou a mim mesmo pelo telefone 8419-1943. A gente dá uma gratificação, mas de momento é isso aí porque tava pagando esse carro pra trabalhar, era um carro de trabalho mesmo.

Volta para o estúdio ao vivo.

Carlos Camargo - E aí vai lá num show do Marco e Montenegro uma dupla que (gesto de tocar violão) vai bem hein, manda bem hein! E o carro ... 8419-1943. Você já imaginou que presente de Natal o cara vai lá pra (gesto de tocar) pra participar, pra trabalhar, pra ta

junto com Marco e Montenegro e... 8419-1943, se você souber do carro, por favor, entra em contato com ele tá.

Publicidade de rede de farmácia feita ao vivo pelo apresentador.

Carlos Camargo - O intervalo é rápido eu volto já, já, ladrão perde o controle do carro e bate, bate o veículo é socorrido e levado pra delegacia pra ser autuado em flagrante, e eu volto já, já também pra contar detalhes pra você a respeito de um cidadão, o cidadão que teve... que foi uma vítima de um assalto, aí um pega pra capa com bala, com tiro no centro de Londrina, eu volto já já.

Intervalo comercial.

Volta ao vivo para o estúdio.

Carlos Camargo - 1h56, 1h56 agora na grande Londrina. Um cidadão foi pêgo, autuado em flagrante por quê? Porque teria furtado um veículo e na hora que saiu com o carro (gesticula batendo uma mão contra a outra sinalizando batida) é o segundo já viu, ontem nós tivemos um que furtou a Fiorino da padaria e bateu contra uma árvore. Agora outro enquadrado do mesmo jeito.

Entra matéria repórter Cid Ribeiro – O veículo furtado na Rua Videira, nº 65, no Jardim Interlagos, ficou com a frente totalmente destruída depois que o Eberson Carlos de Queiroz Oliveira, de 24 anos, bateu o carro em uma árvore na Rua Caio Viotto, no Conjunto Antares. Ô doutor esse rapaz é ruim de boléia toda vida, né? Saiu com o carro, mas encontrou de frente uma árvore?

Delegado José Arnaldo Peron - É ele de posse já do veículo subtraído ele se acidentou né, colidiu com a árvore e abandonou o veículo no local e na fuga ele foi perseguido pelos policiais militares e detido.

Cid Ribeiro – Ele saiu pulando muros no Conjunto Antares, mas não conseguiu escapar não né?

Delegado José Arnaldo Peron – Não, na fuga ele foi escalando muros né, entrando em quintais de residência, mas foi detido e encaminhado à delegacia.

Cid Ribeiro – A pancada contra a árvore foi muito forte porque a frente do carro ficou totalmente destruída?

Delegado José Arnaldo Peron – Isso ele devia tá em velocidade alta e perdeu o controle e chocou-se contra a árvore.

Cid Ribeiro – E o Eberson não sofreu nenhum tipo de ferimento?

Delegado José Arnaldo Peron – Ele reclamava de uma dor na perna apenas, também foi encaminhado pra atendimento médico.

Cid Ribeiro – Não foi tanto assim, também não porque ele saiu pulando tudo também lá...

Delegado José Arnaldo Peron – É na delegacia aí eles reclamam das dores né (rindo), mas na fuga ele tava bem, pulo bem o muro.

Cid Ribeiro – Doutor esse rapaz já era conhecido de vocês, tinha outras passagens?

Delegado José Arnaldo Peron – Sim, ele já é conhecido, já possui passagens, antecedentes, foi autuado e tá sendo encaminhado para a cadeia do Segundo DP.

Cid Ribeiro – O que que ele falou no depoimento? Foi ele mesmo o autor do furto doutor?

Delegado José Arnaldo Peron – Ele diz que não né, negou, ele se reservou no direito de permanecer calado, né.

Cid Ribeiro – Autuado em flagrante por furto...

Delegado José Arnaldo Peron – Foi autuado em flagrante.

Cid Ribeiro – Vítima recuperou o carro, mas recuperou de uma forma que vai ter que gastar muito com ele, né?

Delegado José Arnaldo Peron – É agora ela vai ter que encaminhar à oficina para conserto.

Volta ao vivo para o estúdio.

Carlos Camargo – O carro ficou bem danificado, pelo menos o ladrão tá fora de circulação, né fio. Esse daí e o de ontem tinham que ser enquadrados pelo sindicato dos ladrões profissionais de Londrina e região e toma um gancho, fica uns quatro, cinco dias isso aí é pior que o cara trabalhar no domingo e não picar cartão, viu fio, isso aí é pior do que isso viu.

Publicidade de loja de móveis feita ao vivo pelo apresentador.

Carlos Camargo - Um assalto registrado no centro da cidade teve até tiroteio, policiais foram pro local e a nossa equipe acompanhou.

Entra matéria com o repórter Evandro Ribeiro – Movimentação de policiais militares da P2 aqui na Rua Pio XII, 492 onde a Pelayo Jóias foi invadida por ladrões. Os ladrões chegaram a disparar um tiro aqui dentro não é Elias?

Soldado Elias – É no deslocamento a central nos pediu pra vir até aqui na Pio XII, segundo as informações teria disparo de arma de fogo. Aí chegamos no local aqui, contactamos com o segurança aqui e ele nos informou que chegou três elemento aí armado, todos com pistola e aí um deles sacou a arma deu voz de assalto. Aí o próprio segurança reagiu, o outro da loja, o que trabalha aqui também reagiu. Aí eles não teve... não foi feita a ...

ação dos meliantes, não roubaram nada e acho que conforme o segurança grudou na arma houve um disparo né. E eles saíram sem levar nada aqui.

Evandro Ribeiro – Ninguém ferido também Elias?

Soldado Elias - Não, nenhum ferido.

Evandro Ribeiro – Os bandidos já estavam campanando essa loja aqui pelo jeito?

Soldado Elias – É nós já tivemos umas informações desde ontem né que já teriam uns meliantes rodando ontem aí, mas com outra moto. Hoje segundo informação aí dos pessoais aqui, pessoas aqui nas imediações diz que viram uma Twister prata e uma Titan verde e ontem seria outra moto que tava fazendo... a campana das joalherias.

Evandro Ribeiro – Quatro bandidos então Elias?

Soldado Elias – Sim, aqui chego três né e teria um na esquina ali perto, do, do ... próximo ao banco Real.

Evandro Ribeiro – Não roubaram nada, mas agora a P2 está tentando localizá-los né?

Soldado Elias – Sim vai trazer álbuns aqui pro pessoal vê se reconhece aqui pra vê se localiza esses meliante aí.

Volta ao estúdio ao vivo.

Carlos Camargo – Um pega pra capa meu amigo. Os policiais estão correndo atrás, tentando a localização dos bandidos viu, com tiro e tudo, um pandemônio no centro da cidade, meu compadre.

Publicidade de loja de confecções feita ao vivo pelo apresentador.

Carlos Camargo – Eu vou me embora, Cloara vem aí com Vitrine Revista, 18h30 a gente se encontra com mais informações policiais. Até lá, uma excelente tarde e lembre-se: Aqui, amigo, a crítica só a quem merecer.